

MAGALHÃES LIMA

PELA PATRIA
E
PELA REPUBLICA

COM O RETRATO DO AUTHOR
E UM PREFACIO DO EMINENTE PUBLICISTA
J. M. LATINO COELHO



PORTO

CASA EDITORA ALCINO ARANHA & C.^a

91 a 95, Rua do Bomjardim, 91 a 95

FILIAL EM LISBOA

75, Rua dos Retrozeiros, 75



A MINHA PROPAGANDA

CARACTER INTERNACIONAL DA POLITICA MODERNA.—O INTERESSE DYNASTICO E O INTERESSE POPULAR.—A SITUAÇÃO DA EUROPA.—AS RAÇAS DO NORTE E A RAÇA LATINA.—O PERIGO QUE CORREM, NA ACTUALIDADE, AS PEQUENAS NAÇÕES.—AFFIRMAÇÃO DO PRINCIPIO FEDERATIVO PELA NECESSIDADE DA PAZ.—A TRIPLE ALLIANÇA E A FEDERAÇÃO LATINA.—A SOLIDARIEDADE DOS REIS E DOS IMPERADORES É INDISPENSÁVEL OPÔR A SOLIDARIEDADE DOS POVOS.—ALLIANÇAS.—A FEDERAÇÃO IBERICA.



ENSEI sempre e penso ainda que toda a politica é hoje internacional, e que todo o propagandista deve ser mais ou menos cosmopolita. O telegrapho, cortando o espaço, aproximou o pensamento; o caminho de ferro, perfurando a montanha e atravessando os rios, confundiu os homens e as nações n'uma só familia. Do progresso material derivou o progresso moral. As

sociedades teem, como o oceano, as suas correntes. E ai! das que pretenderem contrariar ou vencer essas correntes: serão fatalmente submergidas por ellas!

Acima do interesse dynastico ou de casta está o interesse do povo. Quanto mais os povos se aproximam, mais os Cesares tremem nos seus thronos de ouro. A aproximação dos povos é o desarmamento dos reis. Deante da collectividade, que representa um interesse sagrado, o individuo supprime-se. O mesmo deve succeder com uma familia ou uma oligarchia, desde que são a expressão de um privilegio ou de uma desigualdade social.

Presentemente a situação da Europa é uma situação de guerra e de incerteza. Convém acabar com um estado que deshonra o progresso e retarda a civilização. Ao passo que os reis e os imperadores se armam e aprestam para a lucta, os povos querem a paz e reclamam-n'a instantemente. Toda a obra da realleza é uma obra de odio, de exterminio, de conquista. Toda a obra dos povos é uma obra de paz, de amor, de fraternidade, de concordia e de civilização.

Acreditamos, acima de tudo, no grande, no supremo poder dos principios. O coração é tão preciso para amar uma mulher como para amar uma ideia. Foi, inspirados, por um ideal sagrado, que, no seculo xv, Guttemberg descobriu a imprensa, e Christovão Colombo o Novo Mundo; foi ainda, impulsionados pelo ideal, que, no seculo xvi, Luthero proclamou a

Reforma e Miguel Angelo a Renascença; e no seculo XVII, Cromwell levantou, em Inglaterra, o pendão revolucionario; e, no seculo XVIII, a Encyclopedia, á semelhança de um novo *Fiat-lux*, confundiu o mundo com todos esses typos epicos da liberdade, que encheram a historia com a sua palavra de fogo e assombraram a Humanidade com os seus feitos ingentes. Ah! o ideal! o santo ideal! que levou Gambetta a consolidar a terceira Republica, e Garibaldi e Mazzini a concluir essa obra prodigiosa da unidade italiana, e Kossuth a pugnar pela independencia da sua querida Hungria, e Gladstone a trabalhar pela defeza da Irlanda opprimida, ah! certamente foi por elle, e é por elle que eu tenho luctado toda a minha vida; e, se ainda ousei escrever este livro, não foi certamente com outro fim senão para defender uma ideia incomprehendida, calumniada, sophismada pelos eternos exploradores da boa-fé e da ingenuidade popular.

O poder da ideia seria, porém, insufficiente, se o não completasse o principio da Justiça. Nem outra cousa é a Revolução senão o principio da Justiça na Humanidade. E é por isso que ella é, ao mesmo tempo, progresso e conservação. N'este sentido a morte é um progresso, porque transforma. Que seria dos homens e das sociedades, se não obedecessem ao principio da transformação universal, que, por igual, domina o reino animal, o reino mineral e o reino vegetal?

A democracia, como elemento transformador, é

pois, essencialmente revolucionaria, e porisso mesmo essencialmente communicativa e expansiva.



Olhemos para o que se passa na Europa.

A raça slava procura absorver o Oriente; a raça germanica pretende dominar militarmente, dando-nos o triste espectáculo da *paz armada* no ultimo quartel do seculo XIX; a raça anglo-saxonia alarga as suas vistas pelas colonias, ambicionando o dominio colonial do mundo. E a raça latina, que deu á Europa a liberdade e trouxe aos homens a noção do direito, encontra-se fraca, decadente e desprestigiada.

Os paizes que mais devem ao principio da nacionalidade, como a Italia e a Allemanha, esses mesmo entenderam que deviam procurar na alliança externa uma garantia á sua futura independencia.

Não podem as nações, como os individuos, isolar-se, sob pena de estacionarem. O individuo procura, pela associação, multiplicar as suas forças; a sociedade encontra na troca, factor economico, um elemento de prosperidade, de bem estar e de riqueza; as nações, e ainda mais as pequenas nações, não tem outro meio para garantir a sua independencia que não sejam as allianças, baseadas nos interesses comuns dos povos e nas suas mais intimas e legitimas afinidades.

A triple alliança fôra feita, em beneficio dos reis e dos imperadores. Á solidariedade dos testas coroa-

das, tornava-se mister oppôr a solidariedade dos povos. A federação latina é hoje o *desideratum* de todos os democratas do mundo. Será esse o unico meio de contrabalançar o poder da triple alliança, assegurando a paz á Europa e o triumpho á democracia.

Que importa que o rei Humberto procure aproximar-se da Allemanha? As allianças são como as revoluções — nem se improvisam, nem se decretam. E assim como o poder das ideias vale mais do que o poder das bayonetas, assim também a vontade dos povos vale mais do que a vontade dos reis.

Para que não tenhamos de assistir, novamente, ao esphacelamento de outro pequeno paiz, como succedeu á Polonia; para que não tenhamos de presenciar de novo o que se deu com a França, em 1870, que se encontrou, vencida, em frente da covardia da Europa, torna-se indispensavel e urgente substituir o egoismo, o privilegio, e a desigualdade pelo direito, a moral e a justiça. Torna-se indispensavel e urgente restabelecer o equilibrio na Europa, oppondo á santa alliança dos reis a santa alliança dos povos. Torna-se indispensavel e urgente a federação latina, aproximando e federando os paizes que, como a França, a Italia, a Hespanha e Portugal, estão ligados pelas mesmas tradições e pelas mesmas afinidades de raça.



O futuro é da federação, porque a federação representa o direito, a razão, a justiça e o progresso.

Percorrei a Italia, e, de provincia para provincia, encontrareis divergencias profundas e irreconciliaveis. O Piemonte apresenta uma feição bem differente da Lombardia; Roma e Napoles guerreiam-se, e entreolham-se, como duas rivaes.

Percorrendo a Inglaterra encontrareis tendencias separatistas não só na Irlanda, senão tambem na Escocia e nas colonias. E por tal forma isto é exacto e rigoroso que o proprio principe de Galles é o primeiro a reconhecê-lo, affirmando que as confederações se impõem á Europa, como a unica solução positiva da politica moderna.

A guerra de 1830 que produziu a separação da Belgica e da Hollanda, foi um desastre para aquelles dois paizes, e todos o lamentam hoje, belgas e holandezes, porque a confederação dos Paizes Baixos seria um elemento de força para aquellas duas nacionalidades perante o mundo.

A unidade da Allemanha é inteiramente artificial. Os proprios allemães o asseveram, declarando que é impossivel manter unidos, por muito tempo, Estados que possuem temperamento tão differente uns dos outros.

Como exemplo de paizes unitarios, ahi temos a Russia e a Austria, tudo o que ha de mais centralizador e tyrannico e absurdo. Como exemplo de nações federaes bastará apresentar a Suissa e os Estados Unidos da America, tudo o que ha de mais descentralizador e democratico e progressivo!

A Suissa é um pequeno paiz, com metade da po-

pulação de Portugal, sem throno, sem religião official, sem exercito permanente, sem rios navegaveis, fallando tres linguas e contendo raças differentes; e, sem embargo, a Suissa póde servir de modelo a todas as nações do mundo, pela seriedade da sua administração e pela sensatez dos seus governos.

São trinta e seis os Estados, que, n'um só corpo, reúne a federação americana (1). Cada um d'estes Estados forma uma nação áparte; cada um tem as suas fronteiras, cada um o seu governo, os seus magistrados, a sua policia, as suas finanças, a sua bandeira; cada um é regido por leis proprias. E observemos mais: cada um tem a sua milicia; nenhum tem exercito. Por mais que entre elles existam differenças de riqueza, de forças, de população, de territorio — tem, todavia, cada Estado a sua plena independencia e a sua plena autonomia; vivendo cada um a seu modo e do seu trabalho. Nova York tem quatro milhões de habitantes; Rhodes-Island tem duzentos mil apenas.

E como poderá ser isto assim, pergunta Lemmonier? É que cada um se acha unido aos outros pelo poderoso laço de um governo federal. Estes trinta e seis Estados, estas trinta e seis nações constituem um unico povo — *«o povo dos Estados Unidos da America»*.

(1) Charles Lemmonier—*Os Estados Unidos da Europa*, trad. de Magalhaes Lima.

Os Estados Unidos garantem a todos e a cada um dos Estados da União uma forma de governo republicano, protegendo cada um d'elles contra a invasão, assim como contra toda a violencia ou essa violencia se apoie na requisição do poder legislativo ou executivo.

Em vez dos Estados, cuja união forma os Estados Unidos da America, supponde que a França, a Italia, a Hespanha e Portugal estabeleciam uma federação analoga á federação americana, graduando do mesmo modo a sua autonomia, o seu governo, a sua independencia, a sua administração:—terieis a federação latina.



Em mechanica, como em politica—reacção é igual á acção. A reacção dos reis oppoem a acção dos povos.

Certa escola considera a federação de raça, como uma noção de politica estreita, egoista, mesquinha. Do mesmo modo, porém, que, para chegar a um segundo andar, temos irremediavelmente de passar pelo primeiro, assim tambem, para chegar á federação humana, carecemos de passar pela federação de raça.

Queremos, advogamos, e defendemos a federação latina, e, como premissa, a federação iberica. A velha muralha chinesa, feita de odios, de prejuizos, de hypocrisias ha de cahir, não ao estrepito do canhão e da metralha, que são o porta-voz da realenza, mas ao estrepito da ideia, que é aurora que espan-

ca as trevas da ignorancia, que é luz que redime e que illumina o mundo.

O interesse dynastico tem-se, até hoje, opposto á aproximação e a uma boa intelligencia entre os dois povos. Superior, porém, a esse interesse está a vontade do paiz, quando livremente manifestada.

A politica moderna deixou de se fazer nas antecamaras reaes. Politica que não tenha por base a opinião, a critica, o livre exame, é uma politica ephemera, transitoria, sem realidade e sem alcance.

É porisso que a politica monarchica, a politica de bastidores e das chancellarias mysteriosas, caducou para sempre. Compreende-se que, em Constantinopla, um governo suba ou desça, consoante as velleidades do harem. Mas entre nós mudam as cousas de figura. A politica faz-se á luz do dia, claramente, desassombradamente, sem rodeios, sem medos e sem hesitações. Quem tem por si a razão e o direito vence sempre. Póde o triumpho ser mais ou menos tardio; póde a victoria ser mais ou menos morosa; mas é seguro o successo. Depende de tempo apenas.

A federação iberica impõe-se. Impõem-n'a a situação geographica, as tradições historicas, as afinidades de raça e as condições ethnologicas e ethnographicas de um e outro povo.

Portugal foi o primeiro colonizador da Africa, assim como os hespanhoes foram tambem colonizadores da America. As suas tradições confundem-se mais ou menos; e, se a dynastia de Bragança e a Inglaterra são os principaes obstaculos á realisação d'esta

alliança, que seria o aniquillamento de uma e outra, é evidente que o paiz não póde ficar eternamente adstricto aos caprichos de uma familia ou ás imposições de uma alliada funesta, que só lhe tem acarretado dias de luto e de amargura.

Portugal encontrava-se inteiramente isolado, no meio das nações da Europa. Teria sido um dever dos governos, que presassem o bom nome d'esta terra, o procurar-nos uma alliança que podesse garantir-nos, no futuro, a integridade territorial e a independencia nacional. Mas, em vez d'isto, lançaram-se afoitamente na politica das aventuras, sem norte e sem rumo. O snr. D. Luiz de Bragança, que era allemão, procurou aproximar-se da Allemanha, sem especie alguma de compensação para o paiz. O resultado foi o que se viu: encontrarmo-nos sós, materialmente espoliados e moralmente deshonrados, sem o auxilio ou o apoio de uma nação estrangeira. A Inglaterra era antes a *fidel alliada* da dynastia, do que da nação. O povo portuguez ha muito repudiára esse conluio hybrido, monstruoso, infamante. Os governos, porém, que, por seu turno, teem sido, até hoje, es alliados naturaes, os instrumentos servís de uma dynastia estrangeira, preferiram ser subservientes aos seus patrões, amos e senhores, a serem os zelosos defensores dos interesses publicos.

Foi n'estas circumstancias que o *ultimatum* da Inglaterra nos fulminou, em 11 de Janeiro de 1890. Prevendo o perigo, pensára eu, ha muito, que o unico meio de repellir a insolencia do inimigo seria uma

alliança séria, solida e efficaz entre Portugal e Hespanha. Nós estavamos nas mãos da Inglaterra. Não tínhamos forças de mar ou de terra, para fazer face ás suas prepotencias e ás suas brutaes aggressões, que, desde o miseravel tratado de Lourenço Marques de 1881, nunca cessaram de se repetir. Carecíamos, por isso, de nos fortalecermos moralmente com o apoio de uma nação estrangeira, uma vez que materialmente nos não podíamos defender.

Foi isso o que eu pensei, e, n'este intuito, me deliberei a percorrer algumas das principaes cidades da Europa, afim, não só de aproximar os dois povos visinhos, senão ainda de, á semelhança de Thiers, em 1870, chamar para o meu desditoso paiz as sympathias da Europa.

Não procura a França aproximar-se da Italia, por meio de reuniões, de banquetes, de provas d'affecto e de solidariedade de toda a ordem e de todos os dias? Assim, penso, deve Portugal fazer com relação á Hespanha. É este, de resto, quanto a mim, o sentimento publico, manifestado ultimamente, tanto n'um como n'outro paiz. Ahi estão ainda a attestalo com toda a eloquencia dos factos, os terremotos de Andaluzia, o incendio do theatro Baquet, do Porto, as visitas feitas pelos estudantes hespanhoes aos estudantes portuguezes e por estes áquelles, e recentemente a parte effectiva de solidariedade que toda a Hespanha tomou nas nossas desditas, ao ponto de se offerecerem os estudantes de Salamanca e de Madrid para transpôr a fronteira, afim de

virem defender connosco a honra nacional em perigo.

Só pela proclamação da Republica n'um e n'outro paiz poderíamos chegar á federação iberica. Nem outro é ou deve ser o programma republicano senão este: internamente, a proclamação da Republica, como meio de restabelecer o credito abalado; externamente a federação iberica, como meio de garantir a integridade territorial e a independencia nacional, ameaçadas pela invasão do inglez.

Sob a monarchia, qualquer alliança seria um perigo, porque podia implicar uma absorpção. Os monarchas nunca viveram senão de ambições cegas e desmedidas, sacrificando, quasi sempre, o interesse dos povos á sua cupidez e aos seus caprichos de conquista.

Sob a Republica o perigo desaparecia, por completo. As Republicas não atacam: defendem-se, quando são atacadas. A guerra e a invasão estão fóra dos principios republicanos. As absorpções tornar-se-hiam impossiveis. Na Republica, proclamada n'um e n'outro paiz, estava a garantia da federação, e, vice-versa, na federação estava a garantia da Republica.

Será isto uma utopia? Respondem por nós a Suissa e os Estados Unidos da America, onde o governo federal constitue, para cada uma das duas nacionalidades, um elemento de progresso e de prosperidade.

Pódem os ignorantes e os especuladores clamar, á vontade, contra a nossa propaganda. Assiste-nos o

direito de ter uma ideia e de a defender, conforme nos aprouver. Nunca quizémos impôr os nossos principios a quem quer que seja. Mas reclamamos para nós o direito de ter uma opinião. Somos portuguezes, e, acima de tudo, pugnámos e pugnaremos sempre pelo bom nome da nossa terra. E, justamente porisso, advogamos o principio da federação entre Portugal e Hespanha. Se este ideal se houvera já realisado, é certo que teríamos poupado a nação ao vexame por que acaba de passar. De resto a adopção de semelhante politica não depende exclusivamente d'este ou d'aquelle individuo: depende da vontade do paiz. Se o paiz a exigir, se o suffragio a impozer n'um futuro, mais ou menos proximo, quem poderá evital-a?

Ninguém! Pois é para o paiz que nós appellamos, porque ha de ser o paiz quem se ha de convencer da verdade das nossas palavras e da justeza das nossas intenções.

Quando os ministros e os seus enviados extraordinários compromettiam a honra da nação, eu, na minha qualidade de portuguez, procurei rehabilitar, perante o estrangeiro, o nosso nome compromettido, sem outra remuneração mais do que a satisfação de um dever cumprido.

Resta-me a consciencia de que procedi bem e honradamente. Ao publico deixo o julgamento final da minha obra.

bibRIA



I

EM MADRID

OS MEUS COMPANHEIROS DE VIAGEM.—CHEGADA.—A CRISE DO MINISTERIO SAGASTA.—O BANQUETE DO CASINO PROGRESSISTA:—O DR. ESQUERDO—O MARQUEZ DE St.^a MARTHA—LA HOZ—RAMON CHIÉS E DEMOFILO—VERA Y GONZALEZ—NACKENS—OS DEPUTADOS GIL SANZ E CASTILLA—GINARD DE LA ROSA.—NO BUEN RETIRO:—MADAME DE RUTE—ROMERO ROBLEDÓ.—O BANQUETE DA MINORIA DO CONGRESSO:—SALMERON, LABRA, AZCARATE, MARIANO ARAUS, MIGUEL MOYA, ANTONIO LUIZ CARRIÓN.—EM CASA DE CASTELAR.—MADAME BUSCHENTALL—LOPEZ DOMINGUEZ.—D. FRANCISCO PI Y MARGALL.



CONSINTA-ME o leitor que lhe apresente os meus dois companheiros de viagem. João Jacintho Fernandes tem sessenta e nove annos de idade. Viaja desde 1878. Tem percorrido quasi toda a Europa. Foi ultimamente á Suecia e á Noruega, e prepara-se, n'este momento, para fazer a viagem do Oriente. É um raro homem de bem, forte, alegre, saudavel, intelligente e bem humorado.

Xavier de Carvalho!—o leitor conhece-o decerto... Grande poeta e grande coração, Xavier de Carvalho é uma alma adorável de revolucionário n'um corpo franzino de mulher. Possui toda a delicadeza, toda a bondade dos espiritos privilegiados e independentes, que veem o mundo através o prisma iluminado da sua phantasia caprichosa. É hoje, em Paris, o correspondente de algumas das principaes folhas de Portugal e Brazil.

Percorridos os vastos desertos, incultos, monotonos, estereis e aridos da Extremadura hespanhola, chegámos a Madrid, na tarde de 4 de Julho, pelas cinco horas da tarde.

O calor era intenso. Abafava. Apesar d'isso, a cidade apresentava o seu aspecto habitual de um movimento desusado, alegre, ruidoso. Não se fallava por toda a parte senão em politica. Discutia-se acaloradamente a crise do ministerio Sagasta. Os fusionistas e liberaes censuravam, com aspereza, o procedimento da rainha regente. Os conservadores applaudiam entusiasticamente a chamada de Canovas ao poder.

O *personalismo* é hoje, infelizmente, a nota dominante da politica hespanhola. Cada homem politico importante tem o seu grupo, a sua *coterie*, que o applaude, que o aclama, que o victória estrondosamente, em qualquer parte onde elle appareça. No campo monarchico são, evidentemente, Sagasta e Canovas as duas grandes individualidades, consagradas pela opinião.

Quando Canovas deixou o poder, pela ultima vez,

dizia-se geralmente que, se, algum dia, elle voltasse a governar, a Revolução estaria na rua, d'entro de pouco tempo.

Cinco mezes vão, porém, já decorridos, desde a sua nova entrada nos conselhos da corôa, sem que a Revolução dêsse, por emquanto, signal de si.

O que é a acção do tempo e do progresso! Canovas, o feroz perseguidor d'outras eras, o inimigo irreconciliavel da liberdade e da democracia, variou e transformou inteiramente os seus processos de governo, a ponto de se dizer que entre liberaes e conservadores não existe já a minima differença.

Sagasta é o que, em linguagem politica, se póde chamar um habilidoso. Toda a sua tactica parlamentar se reduz a impôr silencio ao adversario, fulminando-o com um dito ou uma phrase de momento. Era este tambem o processo de Fontes Pereira de Mello.

Declarava um dia, no congresso, o sr. Canovas del Castilho que estava resolvido a acabar com a tolerancia, havida por parte do partido conservador para com os liberaes; toda a gente esperava do chefe do governo uma resposta solemne, um repto audacioso, uma apostrophe eloquente. Sagasta limitou-se, porém, a responder:

— Tenha paciencia, sr. Canovas! Eu tambem me aguardei, na opposição, durante muito tempo, e sou tão filho de Deus como v. ex.^a

Outro dia, o sr. Gamazo ameaça o ministerio com uma profunda dissidencia economica. Responde-lhe Sagasta, e desarma-o n'estes termos:

— O sr. Gamazo, conforme acabam de ouvir, tem o seu programma economico, não é verdade? Pois bem! O governo tambem tem o seu. E quer o snr. Gamazo saber qual é esse programma? Vou dizel-o a s. ex.^a: «Nem por muito madrugar se amanhece mais cedo!»

O sr. Romero Robledo dá a entender que não entrará no partido fusionista, se lhe não abrirem as portas de par em par e o não receberem com as honras de capitão general. Com uma simples phrase, Sagasta rechaça-o da maioria:

— O snr. Romero Robledo é o Judeu Errante da politica!

Martos pretende coroar-se chefe de revolta. Sagasta sahe-lhe ao encontro, e, em tom zombeteiro, exclama:

— Se o snr. Martos me tivesse dito que desejava substituir-me, ter-lhe-hia deixado o meu logar sem difficuldade. Agora, porém, é tarde; ainda que lhe cedesse a chefatura, os meus amigos nunca o reconheceriam, como chefe.

É certo que ao governo de Sagasta deve a Hespanha o codigo civil, a instituição do jury e o suffragio universal. Porisso lhe foram benevolos muitos republicanos, e particularmente Castellar, que, segundo se diz, preparava um grande discurso de adhesão plena ao ministerio nas vespas da sua quêda. Mas a verdade é que a administração de Sagasta tinha feito o seu tempo e não faltava mesmo quem a inquietasse com a pécha de corrupta e de corruptora.

Sagasta ainda hoje constitue uma esperança para certos republicanos moderados. De o suporem democrata provêm, em parte, as sympathias de que goza. O publico acclama-o, recordando o seu passado revolucionario, na convicção de que ha-de prestar ainda serviços á causa da Republica. A prova d'isso temol-a na sua recente visita a Barcelona e a Zaragoza onde o povo o victoriou aos gritos de: *Viva a liberdade! viva a democracia! viva a soberania nacional!*

A Hespanha tem, effectivamente, passado por uma grande transformação n'estes ultimos annos. O espirito publico é profundamente democratico. Canovas não teria podido governar, se teimasse em adoptar hoje os seus antigos processos de administração. Se, n'uma reunião publica, alguém se lembrasse de levantar um viva ao rei ou á rainha, seria logo corrido e apupado pela multidão. Eis a razão porque Silvela, o actual ministro do reino, segue em tudo e por tudo uma politica de conciliação e de tolerancia.

Ha, porém, em meu entender, um motivo ainda porque Sagasta goza da sympathia publica. Elle é, seguramente, o mais popular de todos os chefes monarchicos. As portas da sua casa nunca se fecharam a quem quer fosse. Não ha aldeão que se não julgue com direito a dar-lhe um conselho; não ha jornalista que se não considere um seu intimo ou um seu affeicoadado. Mais de uma vez, ao dar o nó da gravata ou ao abotoar o frak, teve elle occasião de dizer: «Antigamente entravam aqui muitas pessoas que eu não

conhecia. Agora vêm algumas que nem sequer me conhecem a mim.»

Tambem uma vez me dizia Dias Ferreira, o illustre jurisconsulto e famoso caudilho das liberdades portuguezas: «Nas duas vezes em que fui ministro, esta casa estava sempre cheia de gente; hoje vêm aqui apenas os meus mais intimos amigos.»

E entre Sagasta e Dias Ferreira ha, effectivamente, pontos de contacto, na simplicidade do trajar, e na modestia, sobriedade e economia da vida domestica.

Sagasta contenta-se com pouco. Não cria necessidades, e tudo o satisfaz.

—Nunca serei rico — exclamou elle certa occasião, respondendo á calumnia. Pensei sempre que para viver não carecia mais do que de um pão e dois ovos.

N'uma sociedade, como a hespanhola, e como quasi todas as sociedades de hoje, onde o que se procura, principalmente, é gozar e enriquecer, estes exemplos não são frequentes e convêm que sejam citados e commentados.

Conheço dois homens, prototypos da sobriedade e da economia: Theofilo Braga e Amilcare Cipriani, o celebre revolucionario italiano.

Theofilo Braga viveu, em Coimbra, durante muito tempo, comprando ossos, d'onde extrahia a medulla, com que fazia o caldo que o alimentava. Miguel Archanjo, um medico, seu patricio, encontrou-o uma occasião n'um tal estado de fraqueza que lhe rogou

instantemente para ir para sua casa, por receiar da sua vida. Amilcare Cipriani tem passado muitos dias, alimentando-se de batatas apenas. Lembra-nos, a proposito, o nosso honrado amigo Ferrer Farol, que, no periodo da sua adversidade, se alimentava de pão e laranjas. Morava então na Patriarchal Queimada.

Sagasta chega a ser de uma simplicidade tal no seu traje que uma vez, em S. Sebastian, n'uma reunião de jornalistas, foi apresentado o alvitre de se abrir uma subscrição publica, afim de se offerecer um chapéu de chuva ao presidente de conselho de ministros.

Apesar de tudo, a situação de Sagasta é hoje muito difficil, e ha-de tornar-se, de dia para dia, mais difficil ainda. O publico não tolera já facilmente os equilibristas politicos. Ou republicano ou monarchico! Querer transigir com uns e outros é impossivel. Sagasta, ou se ha-de declarar abertamente republicano, ou terá de desaparecer como chefe de partido.



Tinha chegado o dia da apresentação do gabinete Canovas. O congresso ia ser dissolvido, e celebrava a sua ultima sessão. Um deputado reaccionario lembrou-se de gritar: Viva o rei! Como resposta um deputado fusionista conclamou: Viva a soberania popular! E logo Castilla, o deputado progressista, continua: Viva a Republica!

Isto passava-se, em pleno congresso, no momen-

to de se encerrar a sessão. Foi, n'essa noite, que se realisou o banquete no Casino republicano, da Calle Espartero, em honra dos republicanos portuguezes que, por essa occasião, se encontravam de passagem em Madrid—João Jacintho Fernandes, Alves da Veiga, que tinha chegado do Porto na vespera, e que se dirigia a Londres, Xavier de Carvalho e o author d'estas linhas.

«Às oito da noite de 7 de julho —relata um periodico hespanhol—dia celebre nos fastos da liberdade hespanhola, reuniram-se em fraternal banquete, com o fim de obsequiar os snrs. Magalhães Lima, Alves da Veiga, Fernandes e Carvalho, a commissão permanente da assembleia nacional republicana de coalição, os directores do *Pais*, *La Republica*, *El Motin* e *Las Dominicales*, o snr. Hidalgo Saavedra, presidente do Casino, e os deputados da minoria revolucionaria Gil Sanz e Castilla.

«O grande salão das sessões d'aquella casa solarenga do velho partido progressista encontrava-se vistosamente ornamentado com escudos e bandeiras hespanholas e portuguezas, assim como a meza, que se achava admiravelmente disposta, sobressahindo umas formosissimas letras de flôres, com as iniciaes de ambas as nações.

Occuparam a presidencia os snrs. marquez de Santa Martha e Magalhães Lima; as cabeceiras da mesa os snrs. Nackens e Chies; e a seguir viam-se os snrs. Vera, redactor da *Republica*, Moreno, Alves da Veiga, Fernandes, Lahoz, Pescador, Hidalgo Saavedra, o dr. Esquerdo, Carvalho e os deputados Gil Sanz e Castilla, notando-se, durante o jantar, que foi esplendido e delicadissimo, o mais vivo enthusiasmo e a expansão mais cordeal.

«Quando chegou a hora dos brindes, o salão foi invadido por grande numero de socios do Casino, velhos e firmes republicanos, anciosos por estreitar a mão dos illustres hospedes e ouvir-lhes a palavra amiga e affectuosa.»

O marquez de Santa Martha é um homem sêcco, energico e resolutivo. Não deve ter mais de sessenta e tres ou sessenta e quatro annos. Possui uma das primeiras fortunas de Madrid. Antigo amigo de Pi—velho amigo de quarenta annos!—foi, durante muito tempo, uma das personalidades mais notaveis do partido federal. Nomeado presidente da commissão permanente da assembleia nacional republicana de coalisção, que tão sincera e lealmente tem servido, o marquez segue hoje a politica de D. Manoel Zorrilla, ao serviço do qual poz tambem o seu jornal *La Republica*. Esta folha é excellentemente redigida por um moço muito sympathico e de notaveis aptidões jornalisticas, o snr. Enrique Vera y Gonzalez.

O dr. José Maria Esquerdo é um dos mais sinceros e leaes e dedicados amigos de Portugal. Alienista notavel, director do primeiro hospital de doidos de Hespanha, o dr. Esquerdo allia a uma bella intelligencia medica as mais notaveis qualidades de coração. É um fanatico das ideias republicanas. Quando os estudantes portuguezes foram a Madrid, o dr. Esquerdo obsequiou-os com um lauto e sumptuoso banquete. Bom, generoso, entusiasta e honrado, o dr. Esquerdo é um dos typos mais populares e queridos de Madrid.

Ramon Chies! Tenho o seu retrato deante de mim. É o companheiro de Demofilo (Fernando Lozano). Juntos, elles constituem essa bella e poderosa legião, que se chama *Las Dominicales del libre pensamiento*. Foram os primeiros e são seguramente os

mais convictos e fieis apóstolos da federação iberica. Foi tal o enthusiasmo que os seus artigos me causaram que eu considerei um dever de boa camaradagem o dirigir-lhes depois de Paris a seguinte carta, que resume o altissimo conceito em que tenho os seus talentos e a sua boa amisade.

Srs. Ramon Chies e Demofilo.

Meus queridos amigos.—Acaba, n'este momento, de chegar ás minhas mãos o ultimo numero do seu valente e honrado periodico—*Las dominicales del libre pensamiento*.

É um periodico que pensa; e, o que é mais! é um periodico que sente. Esta phrase diz tudo. O mundo é dos que teem coração.

A proposito recorde-me da historia do pequenito alsaciano.

—Onde está a França?—pergunta-lhe um professor allemão, indicando-lhe o mappa geographico.

—A França! a França!—responde-lhe o pequenito levando a mão ao coração e opprimindo o peito com ardor—A França está aqui...

Ah! Se todos os revolucionarios comprehendessem a grandeza d'este espirito!

Pois bem! Façamos como o pequeno alsaciano, e digamos tambem com a mão sobre o coração:

—A patria! a patria... está aqui!

E a Republica será uma realidade, em breve.

Para a juventude batalhadora e crente, para os luctadores sinceros e honrados, é este o seu Evangelho, é esta a sua religião.

Que mais vos póde dizer um companheiro de armas?

Que fiquei confundido, vexado, enternecido com as vossas palavras? Que me hei-de tornar, no futuro, digno d'ellas e do vosso carinhoso affecto?

Tudo isso o sabeis; tudo isso o adivinha o vosso elevado espirito.

Meu caro Chies! Meu caro Demofilo! Valentes e generosos

amigos: com as benções do povo que vos ama e idolátra, como ama e idolátra a todos os bons e leaes revolucionarios que se sacrificam pela sua causa, que é a causa da humanidade, recebei os protestos ardentes, sinceros e immorredouros da minha admiração, que são os protestos de um soldado dedicado e de um amigo até á morte, se necessario fôra.

Contae com o vosso collega affectuoso

Paris, 16 de Julho de 1890.

Magalhães Lima.

Santos La Hoz era, como o nosso João Bonança, um padre, abandonando a carreira ecclesiastica, para seguir a vida politica, com toda a hombridade e independencia de um espirito superior. Bastava o facto apontado, para se ajuizar do seu character integro, austero e honesto. Está alistado no grupo zorrillista. O seu concurso é dos mais valiosos e efficazes.

Nackens! É o redactor do *Motin*. O seu nome é uma revolução. Á semelhança da propaganda demolidora, feita por Bordallo Pinheiro com o *Antonio Maria*, assim Nackens tem suspensa toda a Hespanha do seu lapis delicioso, que é como um latego a zurzir os escandalos da monarchia, sem dó nem piedade. Tambem pertence ao partido zorrillista.

Era esta a brilhantissima pleiade republicana que eu tinha deante de mim, e a ella me dirigi nos seguintes termos: (1)

(1) Reproduzo o extrato do discurso conforme o publicou *La Republica*.

«Tudo o que penso e sinto, n'este momento, póde resumir-se n'uma simples phrase: ao encontrar-me, no seio d'esta assembleia, tão illustrada e generosa, parece-me estar no meio dos meus companheiros e amigos do coração, em Lisboa, á mesa da minha redacção. (*Grandes applausos*).

Vós não sois nem podeis ser para mim estrangeiros. Portugal e Hespanha são dois povos irmãos. A democracia ha muito banhiu a palavra *estrangeiro*. No meio de vós, sinto-me tão alegre e satisfeito, como se estivera no seio da minha propria familia.

É bem certo que cada seculo tem a cumprir, na historia, uma missão especial e a representar, no mundo, uma nova phase de progresso. A missão do seculo XIX, sejam quaes forem os obstaculos que á sua realisação se oppoñham, é a paz, a fraternidade e a solidariedade dos povos. (*Applausos*).

Toda a politica reveste hoje um caracter internacional. Um povo que não obedeça á corrente democratica é um povo suicida. A Republica, unica fórma compativel com a dignidade civil do homem, não é uma cousa exclusiva da França, da Suissa ou da America: pertence a todos os povos e a todos é applicavel. Porque motivo, produzindo esta fórma de governo tão bons resultados n'aquelles paizes, os não ha-de produzir tambem em Portugal e Hespanha? (*Bem! Muito bem!*)

Pensar que, depois das grandes conquistas, realisadas pela democracia nos paizes cultos, os governos reaccionarios hão-de coarctar-nos a liberdade de cons-

ciencia é um absurdo. É vã loucura querer oppôr-se á corrente avassalladora dos tempos. Os povos trabalham para realisar um ideal commum: a liberdade, a Republica. Que importa que os governos queiram praticar o contrario? Conseguem, apenas, divorciar-se da opinião publica. Se os reis e imperadores se unem e organisam; se os operarios se aprestam e disciplinam para a suprema batalha contra a actual ordem economica, porque não havemos nós tambem, os republicanos, de nos unir, e organizar e disciplinar para a lucta? (*Applausos*).

Poucos paizes conheço que tenham tantos direitos, como Portugal, á sua independencia. (*Prolongados applausos*). Portugal, a minha patria querida, o meu generoso e heroico paiz, encheu, n'outros tempos, o mundo e a historia com as suas glorias maritimas, os seus descobrimentos geographicos e o seu poderio colonial. E se hoje o insultam é porque abusam da sua fraqueza e contam com a resignação dos seus governos.

O povo portuguez, sem embargo, não póde ser responsavel pelos caprichos e aventuras dos seus soberanos. Faltam talvez, a Portugal territorio e população; mas sobejam-lhe, em compensação, dignidade e honra. (*Grandes applausos*).

É indispensavel que este estado de cousas termine, para que nós, os portuguezes, como vós, hespanhoes, possamos dizer com propriedade que temos patria. Para os que sabem o que é e o que vale a noção do direito, a patria não é uma simples expressão geographica, não é uma facha de terra, uma zona

mais ou menos extensa onde nascemos e onde vivemos. É antes o lugar onde exercemos a nossa actividade, sem peias nem restricções. A patria só existe onde existir a liberdade. (*Grandes applausos*). Onde não houver liberdade, não ha patria; e, ante esta suprema aspiração, não ha differenças entre os povos cultos, porque todos se confundem na luta pelo mesmo ideal. (*Applausos*).

Tanto em Hespanha, como em Portugal, temos hoje governos conservadores, que nos tyrannizam e põem em perigo o nosso bom nome, perante o estrangeiro. Tal facto justifica plenamente a attitude dos republicanos em ambos os paizes. Queremos a Republica, em virtude de um direito sagrado, e, para conquistá-la, é preciso, é indispensavel que sejamos revolucionarios. (*Applausos atroadores*).

Dizia ha pouco o illustre deputado Gil Sanz que era preciso que d'esta reunião sahisse alguma cousa de pratico e concreto. Pois haverá nada mais pratico, effectivo e concreto do que estas aproximações dos povos, em frente das monarchias, que se decompõem e desaggregam, minadas pelo proprio descredito e pela propria impotencia? Os reis desapparecem e os povos ficam. (*Grandes applausos*).

Ha-de ser pela solidariedade dos povos que a paz ha-de ser garantida na Europa, e a independencia e a dignidade asseguradas, no futuro, a todas as nações da terra. (*Grandes e prolongados applausos*). Todos os convivas se disputam o prazer de apertar a mão do snr. Magalhães Lima.)

A esta gloriosa festa faltou, por incommodo de saude, o valente e denodado redactor do *Pais*, um dos periodicos de mais larga circulação em Hespanha, o nosso illustre amigo D. Rafael Ginard de la Rosa, polemista temivel e audaz e famoso batalhador.

Episodio curioso! No meio do banquete, um dos creados annunciou ao dr. Esquerdo que estava la fóra um brigadeiro que lhe desejava fallar.

Estupefacção geral! Um brigadeiro! Mas quem será o estranho personagem que nos visita a taes horas? — perguntaram todos. Será algum Deodoro disfarçado? Algum policia? algum espião?

O dr. Esquerdo corre, açodado, ao encontro da extraordinaria apparição.

E quem suppõe o leitor que era o brigadeiro? — Nem mais nem menos de que João Jacintho Fernandes, com a sua farta pera de general reformado, que não podéra vir ao principio do jantar, e que chegava á hora do champagne e dos discursos. . .



Os banquetes succederam-se sem interrupção. Madame de Rute estava em vespas de partida para Paris. Mas não quiz, ainda assim, deixar de nos obsequiar com um jantar no *Buen Retiro*.

Madame de Rute, então Madame Ratazzi, viuva do grande estadista italiano d'este nome, esteve em Lisboa, ahi pelo anno de 1875 ou de 1876. Os seus jantares do *Hotel Central* a que assistiram os princi-

paes politicos e homens de letras de Portugal tiveram as honras de verdadeiros acontecimentos. Foi, para lhe agradecer tanta amabilidade e tantos obsequios, que depois se constituiu uma commissão, composta de Antonio Ennes, Theotónio Patricio Alvares e o auctor d'estas linhas, com o fim de a brindar com um grande e sumptuoso banquete que se realisou no salão nobre do theatro de D. Maria. De todas as distincções se tornará digna a illustre dama que, em tão pouco tempo, tivera o raro condão de nos captivar a todos, pela fidalguia do seu talento pelos predicados de uma educação aprimorada. Ainda este verão, n'um jantar, com que me quiz honrar, em Paris, teve Madame de Rute occasião de se referir a esse periodo saudoso da sua vida.

Estavamos no *Buen Retiro*. Á direita da sympathica directora das *Matinées Espagnoles* estavamos nós; á sua esquerda Echegaray, o grande dramaturgo hespanhol, tão poderoso pela sua individualidade, como pela sua figura modesta, attrahente e insinuante; em frente occupava a presidencia Emilia Pardo Bazan, a mais notavel escriptora do reino visinho, tendo aos lados Xavier de Carvalho, o dr. Esquerdo, Régis Delboeuf, uma brilhante e notavel capacidade scientifica e litteraria, Miguel Moya, de quem me occuparei mais adiante, etc. No meio do jantar chegaram Valera que Lisbôa toda conhece do tempo em que foi ministro n'esta côrte, Castellar e outros. N'uma mesa distante, rodeado dos seus amigos, estava Romero Robledo.

Duas palavras sobre esta inconstante e irrequieta personalidade da politica hespanhola.

Miguel Moya, no seu bello livro *Oradores politicos*, a que, por mais de uma vez, me tenho soccorrido no decurso d'este trabalho, referindo-se ao estranho personagem de que nos vimos occupando, escreve :

Para Romero Robledo a politica é uma paixão, um vicio, a vida inteira : o mesmo que o jogo para os jogadores *pur sang* ! Porisso lhe temos ouvido dizer, por differentes vezes, no salão das conferencias, nos dias de maior agitação e movimento :

— Aqui, ou marco eu, ou não se joga !

Para se ser amigo de Castellar, é preciso admirar-o ; para se ser amigo de Canovas, é mister comprehendel-o ; para se ser amigo de Sagasta, basta querel-o ser. Romero Robledo é, porém, mais exigente. Para se pertencer ao numero dos seus intimos, é indispensavel seguil-o cegamente, sem hesitações nem duvidas. E a verdade é que amigos, como os de Romero Robledo, tão sinceros, tão leaes, tão enthusias-tas, e tão desinteressados, ha poucos no mundo. Elle manda e elles obedecem, como seus verdadeiros fanaticos que são, chegando a cegueira ao ponto de só elle ter uma opinião por elles, tanto nos assumptos politicos, como nos juridicos, como nos artisticos, como até nos tauromachicos.

Os democratas já o teem applaudido, sendo certo, diz-nos o author do seu curioso perfil, que a sua linguagem parece, por vezes, liberal.

Passando uma tarde no congresso ao lado de Moya, estacou, de repente, e disse-lhe:

— Adeus inimigo!

— Nem v. o imagina, respondeu-lhe aquelle. E dir-m'o-ha depois de ter visto um retrato seu que estou fazendo. . .

— E como me pinta v., louro?

— Sim senhor.

— N'esse caso, diga de mim tudo o que quizer! É este o homem. . .



No mesmo *Buen Retiro*, no restaurant de *la Perala*, foi-nos, na tarde immediata, offerecido um outro banquete pela minoria do congresso, a que assistiram D. Nicolas Salmeron, Azcarate, Pedregal, Galindez, Rafael Labra, Villalba, Hervás, Cervera, Sicilia, Sainz de Rueda y Morote, Mariano Araus, Miguel Moya, Antonio Luiz Carrion e outros.

Todos conhecem o glorioso ex-presidente da Republica hespanhola, D. Nicolas Salmeron, que preferiu cahir do poder a ter que assignar uma sentença de morte. É um nome universalmente respeitado. Conservo d'elle as mais gratas e saudosas recordações. Talento superior, cabeça excepcionalmente organizada, Salmeron é um d'esses typos, já hoje raros, que prendem, á primeira vista, pela affabilidade e simplicidade do trato e pela bondade do coração.

Foi seu pae o seu primeiro mestre. Aos oito an-

nos conseguia dispensa de idade, para estudar philosophia; aos treze era bacharel em artes.

Um dia o pae chamou-o, e disse-lhe:

—Pensei em mandar-te para um seminario, afim de seguires a carreira ecclesiastica. Que te parece?

—Que prefiro cavar com uma enxada a ser padre—responde D. Nicolás.

Foi Salmeron quem, a 2 de janeiro de 1874, appellou para o Supremo Tribunal, contra o golpe de Pavía.

O governo portuguez, cedendo ás exigencias e á pressão do ministerio Canovas, ordenou que os cidadãos hespanhoes, que tinham emigrado do seu paiz, em consequencia da Restauração, sahisses de Portugal no irrevogavel praso de vinte e quatro horas. Salmeron estava, então, em Lisboa, fulto de recursos, tendo que attender ás necessidades de uma numerosa familia. Ante aquelle acto de uma perseguição iniqua, barbara, grosseira, que o arrojava a mundos desconhecidos, não teve o menor sentimento de odio a oppôr, nem pensou sequer em vingança. Descia a escada do consulado de Hespanha com Fernandez de los Rios, e, parando, de repente, diz-lhe:

—É preciso, D. Angel, que quando tenhamos a Republica, em Hespanha, consagremos, mediante uma lei, o direito que tem o emigrado de viver tranquilamente em terra estrangeira.

Esteve uma occasião gravemente enfermo em Paris. Os medicos deram-lhe a entender que a sua doença podia ser fatal. Apenas lhe occorreu exclamar:

— «Morrer sem nada haver feito pela minha patria!»

Antes de 1873, diz Miguel Moya, (1) era um republicano tímido, retrahido, com reservas mentaes. Desde então tem sido um republicano entusiasta e ardente.

Quando era ministro da justiça entrou no seu gabinete o continuo e disse-lhe:

—A carruagem espera por Vossa Excellencia.

—Nem tenho carruagem nem Excellencia—respondeu.

Entre os homens que, no reino visinho, mais se teem occupado das cousas portuguezas, figura D. Rafael Maria de Labra, um notavel homem de letras e um advogado distinctissimo, um parlamentar eminente e um propagandista cheio de fogo e de convicção.

Escreve Moya, desenhando-lhe o sympathico perfil: «Passam já de cincoenta os livros por elle publicados. São incontaveis os seus artigos e os seus discursos. E falla n'elles de tudo, e é senhor de tudo o que diz. Geralmente não escreve. Dicta ao seu secretario ou aos seus tachigraphos, aproveitando todos os momentos para trabalhar. Emquanto se veste, um artigo; emquanto lhe servem o almoço, uma carta politica; emquanto a sôpa arrefece, um opusculo; emquanto se deita, um articulado.

(1) *Oradores politicos.*

Não se concebe um hespanhol que não queira ser ministro, e Labra não o foi, porque não quiz. Salmeron disse-lhe um dia: «escolha uma pasta». E Labra respondeu: «Nada quero. Pi y Margall pergunta-lhe: «O que deseja ser?» O que sou, o que serei, e o que sempre fui—respondeu.

O seu escriptorio de advocacia é um dos primeiros de Madrid. Labra pagava em 1873 tres mil pesetas de contribuição e era advogado de importantissimas casas francezas e inglezas.

Labra e Moret são os dois oradores hespanhoes menos avaros da sua palavra, (1) os que mais prodigalisam a sua eloquencia. Labra dá conferencias sempre que lh'as pedem. Poderia fallar, para que o ouvissem os sabios, e prefere fallar para que os operarios o oigam. Os primeiros dar-lhe-hiam applausos. Os segundos dão-lhe o seu coração.

É, no congresso, o *leader*, o chefe indiscutivel do autonomismo colonial. Luctou, ao mesmo tempo, contra os horrores do antigo regimen colonial e contra os horrores da escravidão. Encontrou no seu caminho resistencias poderosas. Salvaram-n'o a sua perseverança, a sua energia e a sua fé. Chegou a encontrar-se só em Madrid. Que importava, porém, isso? Assegurou-lhe o triumpho a justiça das nobres causas que defendia.

(1) Miguel Moya—*Oradores políticos*.

Quando Labra veio a Lisboa, crêmos que em março de 1886, o partido republicano, obsequiou-o com um lauto banquete, no restaurant Rosa Araujo, onde foi conferida uma justa e elevada homenagem aos serviços por elle prestados a Portugal, tanto na politica, como na sciencia, como nas letras.

São de todos conhecidas as suas obras, com respeito ao nosso paiz.

Por occasião do *ultimatum* inglez, em janeiro de 1890, alguns jornaes chegaram a fallar n'uma intervenção, do lado da Hespanha. Estava Sagasta no poder. Labra interpellou o governo, ácerca do assumpto, apesar das supplicas que teve, de muitos deputados e até do proprio Sagasta, para o não fazer, proferindo um discurso notabilissimo e de grande alcance politico.

Nas salas do *Fomento de las artes*, uma benemerita aggremação, que tanto deve á sua actividade ao seu desinteresse e ao seu amor á sciencia, realisou Labra, não ha ainda muitos dias, uma conferencia sobre assumptos portuguezes.

São poucos, porisso, todos os louvores e todos os agradecimentos que, n'este logar, poderemos tributar a tão illustrado como fervoroso campeão de uma alliança entre Portugal e Hespanha.

De Azcárate direi que basta olhar-lhe para a physionomia risonha, intelligente e insinuante para se aperceber n'elle um homem de bem, d'antes quebrar que torcer, tão sincero e honesto pelas suas convicções politicas, como pelo seu character lhano, exce-

pcional e honradissimo. N'elle marcham sempre de accôrdo a cabeça e a consciencia. (i)

Ao dirigir-se aos eleitores de Léon, disse-lhes, n'aquella phrase tribunicia, concisa, brilhantissima, que lhe é tão peculiar e que fere os adversarios, como o gume de uma espada:

—Não quero levar o meu diploma, manchado com o vinho das tabernas nem com a influencia official.

E, respondendo áquelles que, no congresso, o suppunham condemnado a uma ôpposição eterna, exclamou um dia:

—Prefiro estar n'um partido vencido a estar n'um partido deshonorado.

Azcárate, escreve com razão Moya, passa a vida estudando. Para elle, Madrid, no inverno, e Hendaya, no verão, não são mais que uma bibliotheca. Não falla nunca se não conhece a fundo o assumpto que trata. Porisso, quando intervem em alguma discussão para refutar uma theoria erronea ou desfazer o effeito de uma citação falsa, é invencivel.

Bastava o seu nome, para se ajuizar da superioridade do partido republicano hespanhol sobre os bandos monarchicos.

Além d'outros notaveis politicos ainda, como Pedregal e Cervera, estavam representados, no banquete, tres distinctos collegas meus da imprensa de Ma-

(i) Miguel Moya—*Oradores politicos*.

drid: Mariano Araus e Miguel Moya, redactores do *El Liberal* e Antonio Luiz Carrion, redactor da *Justicia*.

O *El Liberal* é hoje o periodico de maior circulação em Hespanha, e é redigido no mesmo tom moderado, e segundo a mesma ordem de ideias do *Secolo*, de Milão e do *Seculo*, de Lisboa.

Mariano Araus podia, se quizesse, ser deputado ou ter uma alta influencia na politica. Mas prefere a tudo isso ser apenas director e proprietario do *El Liberal*. Do mesmo modo pensa Eduardo Sonzogno, proprietario e director do *Secolo*, de Milão; e do mesmo modo pensa o auctor d'estas linhas, proprietario e redactor principal do *Seculo*, de Lisboa.

Miguel Moya, o sympathico, elegante e talentoso escriptor, que tantos dados nos tem fornecido para esta obra com o seu preciosissimo livro, intitulado *Oradores politicos*, é deputado por Puerto-Rico, e é quem, no *Liberal*, substitue Araus na sua ausencia.

Carrion é um amigo devotado de Salmeron e dirige *La Justicia*, um jornal superiormente redigido, com o senso, a illustração e o elevado criterio, que tanto o honram e distinguem.



Toda a politica de Castelar póde resumir-se na seguinte phrase, que destacamos de um dos seus ultimos discursos:

«Até agora podiamos querer a liberdade, como

amantes, e fazer por conquistal-a toda a casta de aventuras. Hoje, porém, que já a possuímos, devemos querel-a e servil-a com o affecto da esposa amantissima, que ha de ser a casta mãe de nossos filhos e a companheira eterna da nossa vida.»

Disse-o algures um dos seus amigos mais intimos:

«Castelar ha de ser em tudo o primeiro. Se vae a um enterro quer ser o morto; se vae a um casamento quer ser a noiva.»

A par de tantas grandezas, tem Castelar um defeito pouco commum aos grandes homens. (1) Não é soberbo; é vaidoso. Porisso não admite conselhos, nem tolera que no seu partido pense mais alguém a não ser elle, nem soffre dissidencias, nem falla no congresso, senão quando a presidencia lhe concede a palavra ás quatro horas em ponto, e se as tribunas se encontram apinhadas de espectadores.

Convidados a assistir a um almoço em sua casa, Calle Serrano, 40—Alves da Veiga e eu—ali se fallou largamente do partido republicano portuguez, das suas forças e das probabilidades de successo que existiam em seu favor. Mas qual havia de ser o meu espanto, quando, tres mezes depois, vejo publicado no *Globo* um artigo, firmado pelo proprio punho de Castelar, em que se affirmava que, em Portugal, não havia mais que dois republicanos e que o

(1) Miguel Moya—*Oradores politicos*.

movimento federalista era insensato e inoportuno. Este homem parece que se compraz com a contradição e a incoherencia, desfazendo, n'um dia o que tinha affirmado na vespera, e expondo-se assim á censura dos seus amigos e aos commentarios dos adversarios. «Estou com a Republica, sim! dizia-me elle no *Buen Retiro*, mas não estou com os republicanos!» Esta simples phrase explica a estranha situação em que hoje se encontra o illustre orador.

Para não deixar passar despercebida a singular asserção entendi dever dirigir-lhe, de Paris, a carta que foi publicada no *Liberal*, e que todos conhecem. Reproduzo-a aqui, como documento curioso para a historia do meu partido.

bibRIA

CARTA A D. EMILIO CASTELAR

«Excellentissimo senhor e illustre collega.

Sob o titulo—*Deus proteja Portugal*—publicou V. Ex.^a um artigo no seu periodico—*O Globo*—que eu peço licença para discutir e commentar.

«Conhece-me V. Ex.^a desde 1874. Foi, n'esse anno, que, visitando Portugal, tive a suprema honra de o saudar, em Coimbra, em nome da Academia portugueza. Era eu, então, um simples estudante do quarto anno de direito; V. Ex.^a um professor de reputação universal e um dos principaes caudilhos das ideias republicanas na Europa. Ao cumprimentar a V. Ex.^a, em nome de centenaes de estudantes, que se agglomeraram em frente do *hotel Mondego*, não tive outro proposito que não fosse o de prestar homenagem ao professor eximio e ao grande tribuno da Revolução.

«Se V. Ex.^a fosse monarchico nem eu nem a Academia o teríamos festejado tão solemne e ruidosamente.

«Aproximemos os factos. Isto passava-se em 1874. Dezes seis annos mais tarde, V. Ex.^a que, n'aquella epoca, havia presenciado todo aquelle enthusiasmo e aquella vibração juvenil e republicana, V. Ex.^a escreve um artigo, intitulado—*Deus proteja Portugal*, como se o paiz carecesse de outra protecção que não fosse a dos seus proprios filhos e a dos seus proprios esforços. Dezes seis annos mais tarde, com uma ironia, muito proxima do insulto, V. Ex.^a diz que *em Portugal não ha mais que dois republicanos* ! Dezes seis annos mais tarde V. Ex.^a, antigo e convicto federalista, apparece-nos condemnando o federalismo!...

«Não me occorre agora indagar os motivos especiaes ou especiosos que o levaram a escrever semelhante artigo. Porém, o que desde já posso afirmar-lhe é que V. Ex.^a, ou procedeu por suggestões de algum mal intencionado, ou em virtude de um completo e absoluto desconhecimento dos factos.

«Engana-se V. Ex.^a, quando suppõe que em Portugal não ha republicanos. Ao contrario, o partido republicano é o unico partido, que conta com o apoio do povo e da nação, e que representa as legitimas aspirações do paiz.

«Não ha já negal-o. São os factos de todos os dias que o demonstram, e a mesma imprensa conservadora não se recusa a confessal-o.

«A memoria, Ex.^{mo} Snr., é-nos muitas vezes ingrata. Não me surprehende que V. Ex.^a haja olvidado os republicanos portuguezes, que, em 1874, o festejaram e saudaram, tanto em Lisboa, como no Porto, como em Coimbra.

«O que realmente me surprehende, porém, é que, sendo V. Ex.^a um professor de historia e um periodista considerado, haja, por um momento sequer, esquecido a historia gloriosa do partido republicano portuguez, que teve o seu jubileu e o seu baptismo redemptor na brilhante e luminosa celebração do centenario de Camões em 1880; que, em 1881, combateu ao lado do povo, contra a Inglaterra a quem arrancou o vilipendioso tratado de Lourenço Marques; que depois tomou uma parte princi-

palissima no centenario do marquez de Pombal; que prestou a Fernandes Thomaz, o famoso patriarcha da revolução liberal de 1820 a mais fervorosa homenagem que um povo pode prestar a um dos seus filhos mais queridos; que, em summa, durante estes ultimos doze annos, tem luctado heroicamente em favor do direito postergado, da honra ultrajada, da moralidade offendida, da liberdade profanada, e da patria insultada.

«A ultima campanha contra a Inglaterra—campanha de reivindicação nacional e de independencia patria—não foi senão um triumpho a mais para o partido republicano. E por tal fôrma esse triumpho se assignalou que a Republica seria hoje uma realidade em Portugal, se os republicanos não quizessem tornar impossivel, no futuro, toda a intervenção estrangeira e toda a restauração interna, deixando ao regimen monarchico a consummação da sua propria ruina.

«A situação do partido republicano não é, pois, só uma situação patriótica: é tambem uma situação logica que as circumstancias hão de justificar e corroborar plenamente.

Melhor que eu, sabe V. Ex.^a que todo o acontecimento politico reveste hoje um caracter mais ou menos internacional. Certamente que foi, em nome do principio de nacionalidade que a Allemanha e a Italia realisaram a sua unidade. A prova, porém, que as nações não podem hoje isolar-se, sob pena de viverem n'um estado de incerteza, é que justamente os dois paizes que lograram consolidar-se em nome d'aquelle principio, se viram mais tarde obrigados a estabelecer a triple alliança, como elemento equilibrador e compensador na Europa, segundo a phrase consagrada.

«E eis ahi está o motivo porque, defendendo a Republica no interior, como meio de restabelecer o credito, a liberdade e a independencia do meu paiz, defendo, ao mesmo tempo, a federação latina, e, como premissa, a federação iberica. Sou, como V. Ex.^a, inimigo da *união iberica*. São-n'o egualmente todos os republicanos portuguezes. União quer dizer absorção. E, acima de tudo, queremos a patria livre e independente. Queremos a Republica Portugueza, cheia de prestigio, prospera e progressiva. Para evi-

tar, porém, futuros attentados contra a integridade de territorio e a independencia nacional, são-nos necessarias allianças offensivas e defensivas com as nações que estão ligadas a nós por afinidades de raça, de ideias e de civilisação. E, n'este caso, está certamente a Hespanha, pela sua situação geographica, pelas suas tradições historicas e pelas suas condições ethnologicas e ethnographicas.

«Por ultimo só me resta dizer a V.^a Ex.^a que se engana ainda, quando suppõe que não encontraremos apoio na Europa para a nossa Republica. Os factos, melhor que as palavras, se encarregarão de demonstrar a V. Ex.^a, em breve, o contrario do que pensa e affirma. A democracia é essencialmente communicativa. Ante a acção revolucionaria, transformadora, não ha povo indifferente, por mais abatido que esteja. E ainda bem que assim é! Aos povos assiste o mesmo direito que aos reis e imperadores de se federarem e unirem.

«Da comprehensão d'este principio depende, a meu vêr, o triumpho da democracia na Europa.

«Desculpe V. Ex.^a estas humildes linhas, escriptas com o desejo de esclarecer alguns pontos para mim obscuros do seu artigo, e considere-me, como sempre,

seu antigo admirador e collega reconhecido.

Magalhães Lima.

*
* *

E, visto que estamos na Calle Serrano, paremos já agora no n.º 20. É ahi que mora uma distinctissima dama brasileira, a quem devemos o favor de uma recepção cordealissima. D. Maria Pereira Buschental—é este o seu nome—é brasileira de nascimento, e habita Madrid ha vinte annos. Nos seus elegantes salões reúnem-se, todas as noites, alguns dos princi-

paes jornalistas e homens politicos de Hespanha. Nada ha que possa emparelhar-se com a gentileza, a cortezia e a fina educação de M.^{me} Buschentall, que foi, n'outro tempo, uma sincera e leal admiradora do general Prim e que é hoje uma boa e dedicada amiga de Ruiz Zorrilla.

Foi alli que eu tive tambem o prazer de conhecer o general Lopez Dominguez.

Este nome constitue para os hespanhoes um verdadeiro mysterio. Os revolucionarios dizem, á bocca pequena: «Se elle quizesse!» Os liberaes contam com elle, e os republicanos moderados affirmam que elle lhes não é indifferente.

O general Lopez Dominguez é a prudencia, em pessoa, o repouso, a discrição, o comedimento. Prescindiria antes de uma boa democracia do que de uma boa meza. É modesto, porém de uma modestia caprichosa, original, difficilmente explicavel e pouco ou nada comprehensivel. Tem carruagem e anda quasi sempre no americano; possui formosos cavallos e anda a pé; tem muitos amigos e anda sempre só. É sympathico, nobre, de trato affavel, de conversação amena, tolerante, cultissimo. O ruido ensurdece-o, o movimento estonteia-o. Herdou do seu illustre tio, o general Serrano, a espada de honra e os artigos 110, 111 e 112 da Constituição. A espada arrecadou-a entre as suas reliquias mais queridas. Os artigos famosos despachou-os, em grande velocidade, não se sabe a quem nem em que direcção, mas diz-se que o fez por conselhos de Romero Robledo.

Tal é, na phrase pittoresca de Miguel Moya, Lopez Dominguez.

Com taes predicados, rico, adulado, satisfeito, com uma historia militar brilhantissima, nutrindo egual amizade pelos seus canarios, que adora até ao delirio, e pela boa mesa, que o attrahe e seduz, mais de suppôr é que o general se incline, no resto da sua vida, para dias de paz e de bemaventurança do que para os dias agitados da revolução.



Sempre que passo, em Madrid, ha para mim uma visita obrigada a D. Francisco Pi y Margall. Vi-o, pela primeira vez, em 1875. Depois em 1878. Dirigia-me eu para Paris, afim de visitar a exposição. Morava elle então na mesma casa, onde, sendo ministro da justiça, um padre, com o pretexto de lhe fallar, fôra introduzido nas suas salas, e sentindo passos desfechára um tiro de revolver na direcção de um corredor por onde suppunha vir o ministro. Erára, porém, o alvo. A bala fôra cravar-se n'uma porta fronteira a um gabinete de estudo. A um simples acaso deveu pois, Pi o não ter sido assassinado n'aquelle dia.

Na occasião em que o procurei, fui surprehendel-o a ensinar uma sua filha menor, que hoje é senhora distinctissima. Além d'esta filha, tem Pi dois filhos, um engenheiro e outro advogado, tambem escriptor applaudido.

Pi é homem de summa bondade e de grande saber—a seriedade, a honradez, a coherencia — e de grande firmeza de convicções! Estuda sempre, apesar da sua idade avançada que nada tem influido no seu amor pelos livros e pelos principios republicanos.

Quando me foi dado o prazer de o abraçar, estava elle no seu gabinete a estudar. Fallou-me em muitos portuguezes, em Theophilo Braga, em Guerra Junqueiro de quem possui a *Morte de D. João* e outros volumes de versos. Pi interessa-se muito pelas cousas portuguezas. E, naturalmente, a conversação veio a recahir sobre a politica dos dois paizes.

Fallámos depois sobre o engrandecimento de Madrid n'estes ultimos annos, dos seus bairros novos, com as suas largas avenidas, arejadas e arborisadas, do municipio madrileno, demittido por contrabandistas facto que particularmente preoccupou a attenção publica, e do banco de Hespanha, um sumptuoso edificio, o maior de Madrid, talvez, e que vae immobilisar um capital enorme.

—Ahi tem V., diz-me o sabio economista, uma das causas da futura crise hespanhola: é o banco de Hespanha, com o privilegio da emissão, enchendo o mercado de papel, sem um fundo real correspondente. Em Hespanha difficilmente se encontra hoje ouro, ao passo que em França o ouro abunda extraordinariamente. Os governos monarchicos são impotentes para debellar a crise economica, e d'ahi é que ha de derivar uma nova politica e um novo processo de governo.

Aspiro, sobretudo, a conservar illesa a minha honra—escrevia elle em 1874. A minha reabilitação politica é o que menos me preoccupa. Foram tantas as minhas amarguras no poder, que não posso esquecer-as. Perdi no governo a minha tranquillidade, o meu repouso, as minhas illusões, a minha confiança nos homens, que constituia o fundo do meu character. Por cada homem leal, encontrei dez traidores; por cada homem agradecido, cem ingratos; por cada homem desinteressado e patriota, mil que não procuravam na politica senão a satisfação dos seus appetites grosseiros.

A nota principal da oratoria de Pi é a serenidade. É capaz de ter as maiores audacias, de dizer as cousas mais atrevidas, frio, sereno, impassivel, sem mudar de attitude, e sem que os musculos do seu rosto traduzam a menor violencia. (1)

A opinião de Pi é que, n'este momento, a Hespanha não pôde fazer um movimento revolucionario.

—Annunciar revoluções que se não podem fazer é uma *tonteria*, dizia-me elle.

Era esta tambem a opinião de Salmeron que considerava indispensavel a adhesão de certos elementos liberaes, para que um movimento, em Hespanha podesse ser seguro e efficaz n'esta occasião.

O que não quer dizer que Zorrilla não pense de modo contrario, e que a revolução deixe por isso de se fazer.

(1) Moya—*Oradores politicos*

Com a evolução dos tempos, variaram também os processos políticos. As revoluções, hoje, não dependem da voz do commando de chefes prestigiosos ou da violencia de linguagem de jornalistas eminentes: dependem da opinião e do espirito publico. Foi o que succedeu no Brazil, e é o que ha de succeder nos demais paizes da raça latina.

A emancipação do povo ha de ser obra do mesmo povo.

bibRIA





II

DE PASSAGEM POR PARIS

O 14 DE JULHO.—AMILCARE CIPRIANI.—MANOEL RUIZ ZORRILLA.—RECORDAÇÕES:—A EXPOSIÇÃO.—BENOIT MALON.—LOUISE MICHEL.—O CONSELHO MUNICIPAL.—A BOLSA DO TRABALHO.—PASTEUR E O SEU INSTITUTO.—A FESTA DOS OPERARIOS PORTUGUEZES.—O CONGRESSO DOS LIVRES PENSADORES.—CESAR DE PAEPE.—O MUSEU DAS RELIGIÕES.—VICTOR HUGO E GAMBETTA.

ERA nas vespersas do 14 de Julho. Paris apparecia-nos transformada n'um immenso bazar. A cidade assemelhava-se a um delicioso kaleidoscopo. Por toda a parte um borborinho surdo, um movimento precipitado da população, que ria e folgava e brincava, nas ruas, nos *squares*, nas praças publicas, onde se dançava até á madrugada, no meio dos applausos e acclama-



ções da multidão. Estavamos em vespertas da grande festa nacional. Os predios vistosamente embandeirados; a cada canto de rua uma philharmonica toca a *Marselheza*. Estrugem os ares vivas prolongados e patrioticos: *Viva a França! Viva a Republica!* Não ha um unico francez, que deixe de tomar parte, com sua mulher e com seus filhos, na brilhante solemnidade. O 14 de julho é, sobretudo, uma festa do povo e para o povo. E é, porisso, que ella é tão communicativa e expansiva, a ponto de não haver estrangeiro que deixe tambem de se associar a esse glorioso jubileu, como se fôra um filho do paiz. É que a França é, com effeito, a patria adoptiva de todos aquelles que pensam, e sentem e amam a liberdade, o progresso e a civilisação.

O espectáculo da noite lembrou-nos, por vezes, guardadas as devidas proporções, e claro, os populares festejos do St.º António e do S. João, de Lisboa, em que a alma do povo se expande e affirma na sua simplicidade infantil e na sua grandeza moral.

Interpretes do sentimento, que animava os nossos correligionarios de Portugal, entendemos que deviamos dirigir ao presidente da Republica a seguinte mensagem de affecto e de solidariedade:

«Os republicanos portuguezes, coherentes na sua conducta para com a nação franceza, aproveitam a occasião da grande festa do 14 de Julho, festa tão solemne e cheia de esperanças para o futuro dos povos opprimidos, para se associarem á alegria universal e testemunharem-lhe, ao mesmo tempo, a sua sympathia, a sua amizade e a sua dedicação.

«A democracia da Europa. na vanguarda da qual se ufana de marchar o pequeno povo portuguez, tem todo o interesse em que as gloriosas paginas da historia d'este grande povo não sejam apagadas do grande livro da humanidade.

«Os republicanos portuguezes, associando-se a esta grande festa, fazem votos para que ella seja, dentro em breve, a de todos os povos amigos da França, da Republica franceza.

«Dignae-vos, sr. presidente, acceitar, em nome dos republicanos portuguezes, com os votos mais sinceros pelo futuro da Republica franceza, as suas mais respeitosas saudações.

«Em nome dos republicanos portuguezes:

«*Magalhães Lima*, director do jornal *O Seculo*, de Lisboa;

«*Alves da Veiga*, advogado e publicista;

«*Xavier de Carvalho*, publicista.»

Chegados a Paris, a primeira visita foi de Cipriani, o qual nos deu o prazer de almoçar comnosco.

Amilcare Cipriani, o famoso e sympathico revolucionario, é um homem alto, de longas barbas até ao peito, como o conde de Tolstoi, denunciando em todos os seus gestos e em todas as suas palavras, a bondade e a meiguice da um coração adoravel e encantador.

Elle suppõe, e muito bem, que só por um movimento internacional poderão os povos occupar o lugar que legitimamente lhes pertence, em frente dos seus antigos e criminosos usurpadores. E com este fim fundou a *federação universal dos povos*, para contrapôr á *santa alliança dos reis*. Esta sociedade conta hoje grande numero de adeptos, e celebrou já na Italia, em Hespanha e em Paris grandes comicios populares a que assistiram algumas das individualida-

des da democracia europeia. Particularmente devemos referir os *meetings*, realizados em Milão e em Barcelona.

Cipriani, verdadeiro homem de acção e de iniciativa, é um character superior, indifferente ás vaidades do mundo, e exclusivamente preocupado com as ideias, que tão calorosamente defende, e com a propaganda a que consagrou a sua existencia, sem receios nem hesitações.

Cipriani foi condemnado ás galés para a Nova Caledonia, por motivos meramente politicos. Ali soffreu as maiores crueldades a que um homem póde estar exposto e a que difficilmente poderia resistir, a não dispôr, como elle, de uma saude de ferro e de uma compleição excepcional. No vapor em que os condemnados seguiam para o seu destino, o capitão, pelo unico *delicto* de ter respondido a uma pergunta que elle lhe fizera, mandou-o encerrar, n'um cubiculo, por baixo da machina, onde Cipriani se conservou com o pescoço curvado, durante quinze dias, abafado pelo fumo do vapor. A este infame trato resistiu, porê, o valente republicano, como depois resistiu tambem a dez annos de Nova Caledonia.

Quando regressava a Italia do seu degredo, foi novamente condemnado, sob um futil pretexto politico, a vinte e cinco annos de prisão. Os seus compatriotas juraram desaffrontal-o da infamante perseguição, e apresentaram o seu nome—o nome de um bravo e de um spartano,—como candidato ás eleições geraes para deputados.

Cipriani foi eleito nove vezes successivas pelo circulo de Ravenna, apesar da guerra contra elle movida pelos governos e pelos reaccionarios de todas as côres e matizes. O governo, vendo que era impotente contra a vontade popular, concedeu-lhe a amnistia, privando-o, contudo, dos seus direitos civis e politicos, para que não podesse ter assento, na camara, o mais genuino e nobre representante das imunidades e regalias populares.

Foi então que elle resolveu ir para Paris, afim de iniciar a sua gloriosa campanha em favor dos povos opprimidos contra os povos oppressores.

Saúdo em Amilcare Cipriani, tão sympathico pelo seu coração como pela generosidade das suas ideias, uma victima das injustiças sociaes, porque ha de ser, em nome d'essas victimas, d'esses martyres e d'esses heroes que a Revolução se ha de fazer no mundo.



Um outro homem de acção, no verdadeiro sentido da palavra é Zorrilla, que conserva ainda o mesmo vigor d'outros tempos.

Reconhece que os meios hoje a empregar, para transformar uma sociedade são differentes; mas nem porisso abandonou ainda os seus processos, nem deixou de ter a mesma fé que sempre teve na Revolução.

—Enganam-se os meus amigos de Hespanha, dizia-me elle, suppondo que o paiz entrará francamen-

te n'um caminho de liberdade e de garantias populares, pela votação da lei do suffragio universal. Os governos continuarão a corromper o voto, como até aqui. Prevalecerá a candidatura official, pela corrupção empregada pelas authoridades e pelo subôrno do dinheiro e de outros meios, egualmente indecorosos.

É certo, continuou elle, que os costumes são hoje mais doces e mais brandos pela confraternisação e solidariedade dos povos. A raça latina tem tendencias mais evolucionistas que as outras raças; gasta-se o tempo em organizar comités, em celebrar banquetes, em fazer discursos. Mas o desengano virá, por fim, porque o povo é em toda a parte verdadeiramente revolucionario, e só d'elle poderá vir a acção de que tanto carecemos para combater os usurpadores dos nossos direitos e dos nossos haveres.

Reconhece que no exercito hespanhol os officiaes superiores estão mais ou menos com os governos. Mas não succede o mesmo ao soldado, que almeja a emancipação, tanto quanto a pode almejar o proletario ou o trabalhador dos campos.

Contra a Republica ha em Hespanha um inimigo poderoso—é o alto clero. O fanatismo na mulher e na gente ignorante é um dos mais poderosos obstaculos que se oppõem á implantação de um novo regimen.

—Os hespanhoes, continuou Zorrilla—ou são catholicos ou racionalistas. Os catholicos esperam tudo

do milagre. Os racionalistas tudo esperam da Loteria Nacional.

Ruiz Zorrilla é o mais popular e o mais querido de todos os homens politicos hespanhoes. Tive eu occasião de o verificar pessoalmente na minha digressão, atravez a Hespanha. Nenhum, como elle, tem o condão de commover os corações, de levantar as multidões e de despertar as massas para o ideal republicano. É bom, é generoso, é sério, é honrado, é coherente. A sua attitude vale ainda mais do que as suas palavras, porque é a attitude de um paladino intransigente, de um apostolo inflexivel, de um evangelista sincero e desinteressado.

A oratoria de Ruiz Zorrilla participa do seu coração e das suas convicções. É simples, ingenua, franca, commovedora. O seu grande poder sobre as massas, a ponto de muitos dos seus correligionarios lhe consagrarem um verdadeiro culto, como se fôra um Deus, um santo, ou um redemptor, provêm exactamente da attitude firme, logica irreprehensivel, que tem conservado, durante dezeseis annos de emigração, apesar das sollicitações de muitos dos seus parentes, e das intrigas e das calumnias dos seus inimigos e adversarios.

Poucos hespanhoes haveria, capazes como elle, de supportar uma emigração de dezeseis annos, longe da patria e dos seus, sem desanimos, sem desfalecimentos, sem tibiezas.

Accusam-n'o de ser demasiadamente partidario. Mas não é isso tambem uma virtude? Elle é dos

seus; elle pertence aos seus. As portas da sua casa estiveram sempre francas e abertas a todos os seus correligionarios e amigos.

Sobretudo ha uma coisa que o distingue e que o faz realçar, como chefe de partido. Mais, ainda do que o ser coherente, elle é um homem cheio de fé. Não desanima nem descança nunca. Tem um fito, um ideal, um objectivo, e para elle marcha direito, firme, sereno, á semelhança de um antigo romano, sem olhar para traz e sem se importar com a adversidade que possa surprehendel-o ou feril-o no caminho. É um chefe, na verdadeira accepção da palavra. Com um general assim, não é para surpreender que os soldados sejam ardentes, exaltados, entusiastas, promptos sempre a sacrificarem-se pela ideia e a morrerem pela patria.

*
* *

Estou em Paris, e acode-me, de relance, ao espirito a minha visita á Exposição, em 1889, e tudo o que com ella se prende e correlaciona—a figura nobre e sympathica de Benoit Malon; a estranha individualidade de Louise Michel; o *Hotel-de-ville*; a bolsa do trabalho; Pasteur e o seu instituto; a festa dos operarios portuguezes; o congresso dos livres pensadores; Cesar de Paepe; Victor Hugo, Gambetta e o museu das religiões, etc.

Benoit Malon é o director da *Revista socialista*, e author de obras reputadas como o *Manual da eco-*

nomia social, O novo partido, a Moral social, e, recentemente, o *Socialismo integral* que só por si seria sufficiente para fazer a reputação de um sabio e de um erudito, se elle a não tivesse já firmado por outros trabalhos de equal quilate e de equal valor.

A physionomia de Malon trouxe-nos uma vaga reminiscencia de Proudhon. A escola malonista, porque Malon tambem tem a sua escola, destaca-se, porém, em muito da escola proudhoniana. Proudhon era aspero na sua linguagem; Malon é de uma doçura e de uma meiguice incomparaveis. Proudhon, se hoje vivesse, seria um marxista; Malon afigura-se-nos mais um evolucionista do que um revolucionario.

Simple operario, Benoit Malon deve tudo o que é a si, ao seu trabalho, ao seu talento, á sua actividade e á sua tenacidade. É um apostolo convicto, sincero, leal e ardente da federação latina. Poucos homens haverá, em França, mais illustrados, mais eruditos, mais estudiosos do que elle. Á sua iniciativa se deve grande parte das festas latinas, que se realisaram, em Paris, durante a exposição, como, por exemplo, o banquete franco-italiano, que se celebrou no *Salon des familles*, assistido por 600 convivas.

Da Exposição, mais ainda que o facto material, assombroso, da torre Eiffel, da galeria das machinas e das restantes maravilhas, devemos celebrar o facto moral da propaganda, da aproximação de todos os elementos democraticos do mundo. Foi de Paris, que sahiu o pensamento da celebração operaria do 1.º de Maio; e foi ainda d'ali, d'aquelle fóco de cosmo-

politismo, que sahiu tambem a ideia de uma boa intelligencia entre os republicanos dos paizes latinos, a que Malon tem prestado todo o seu concurso e toda a sua boa vontade.

Benoit Malon soffre muito dos pulmões, e porisso só pode habitar Paris, durante o verão, passando o inverno em Cannes.

Malon é um verdadeiro mestre e são muitos hoje, na Europa, os seus discipulos e amigos devotados, entre os quaes nós temos a honra de ser contados.



Uma vez que fallámos em revolucionarios, não esqueçamos Louise Michel, que hoje tem um estabelecimento de venda de flores em Londres.

Estive em sua casa, rua de Victor Hugo, 95. É um modesto quarto andar, muito arejado, alegre, d'onde se disfructa a deliciosa paisagem de Neuilly e de outros arrabaldes de Paris.

Mademoiselle Louise é de uma simplicidade encantadora, no seu viver domestico. Rarissimamente sahe de casa, a não ser, quando tem de fazer alguma conferencia no salão do boulevard des Capucines.

Quando batemos á porta do seu quarto andar, havia, dentro de casa, um ruido de todos os diabos. Eram dois ou tres cães que ladravam, um papagaio que berrava, um gato que miava, um inferno, uma verdadeira *ménagerie*...

Xavier de Carvalho explicou-me o estranho e sin-

gular espectáculo. Cada um d'estes animaes tem a sua historia, disse-nos elle. — Vê este gato? Estava condemnado. Uns rapazes haviam-no dependurado pelo pescoço, com o fim de o matarem á pedrada. Louise Michel, que passava casualmente, condeou-se do triste animal, e levou-o para casa.

O gato está hoje gordo e nédio, assim como os cães, que tambem teem a sua lenda e as suas tradições.

Louise Michel é de uma bondade extrema. Rochefort envia-lhe mensalmente cem francos, que ella distribue pelos miseraveis com um ardor verdadeiramente evangelico.

Não temos a minima intenção de discutir aqui a mulher politica. Louise Michel é apreciada de modos diversos e variados: ha uma cousa, porém, em que todos estão de accôrdo, ainda mesmo os seus inimigos—é no reconhecimento das suas generosas qualidades de espirito e de coração.

Ha quem a considere uma doida, uma exaltada, uma fanatica; mas ninguem deixa de fazer justiça ao seu talento e á sua honestidade.

—Quando chegará o grande dia?—dizia-nos ella em tom commovido. E se as cousas se regulassem de modo a fazer-se a Revolução em todos os paizes á mesma hora!... Era esse o meu maior desejo...

N'estas poucas palavras, proferidas com uma simplicidade verdadeiramente infantil, revelou-se-nos a mulher fanatica, em toda a magnanimidade do seu grandissimo coração.



À amabilidade de Alphonse Humbert, conselheiro municipal de Paris e conselheiro geral do Sena, antigo membro da *communa*, devo uma demorada visita ao *Hotel de Ville*.

O conselho municipal de Paris é composto, na sua maioria, de socialistas, de homens conhecidos pelas suas ideias avançadas, e que gozam da estima publica. Porisso o povo tem no *Hotel de Ville* o seu principal baluarte, e encontrou sempre nos representantes do municipio a justa defeza dos seus direitos e das suas regalias.

A organização municipal de Paris é alguma cousa differente da de Lisboa. Os differentes pelouros — *services* — são dirigidos superiormente por um chefe, estranho ao conselho, e administrados e fiscalisados por um grupo de conselheiros municipaes. O vereador do pelouro é substituido por uma commissão, o que é mais racional, porque torna essa corporação solidariamente responsavel pelos seus actos.

A municipalidade sustenta hoje para cima de 500 escolas de ensino primario municipal, não contando as escolas profissionaes e complementares. O ensino é obrigatorio e gratuito, e, assim, todo o cidadão francez que queira habilitar-se com um curso póde conseguil-o, sem dispendir um real.

A cidade de Paris deve á sua municipalidade uma parte importante dos seus melhoramentos e do seu progresso moral, intellectual e material.

O municipio é quasi soberano, poderíamos, talvez, dizer; e, embora esteja, em muitos pontos, dependente dos governos, é certo que o conselho de Paris não reconhece essa dependencia nem se subjeita ás imposições do poder central.

Quando visitei o edificio, Alphonse Humbert mostrou-me especialmente uma repartição.

—É este o gabinete do prefeito—disse-me. Porém elle nunca aqui vêm, continuou, porque nós nem sequer o reconhecemos.



Um dos annexos da cidade de Paris é a *bolsa do trabalho*.

Constitue a *Bolsa do Trabalho* uma das mais notaveis conquistas dos operarios francezes nos tempos modernos, e os seus resultados teem sido de tal ordem que se torna indispensavel vulgarisal-a em Portugal, e tornal-a conhecida, para que os nossos trabalhadores pensem tambem em organizar, no nosso paiz, um elemento tão efficaz e tão poderoso, como este, para a justa reivindicação dos seus direitos e legitima defeza dos seus interesses.

Em sessão de 2 de Março de 1790, a assembleia geral dos representantes da Communa de Paris apresentou, pela primeira vez, a ideia de uma *bolsa do trabalho*. Foi Corcelles, quem, n'um relatorio, depois de ter apresentado os inconvenientes que resultam do estabelecimento dos *ateliers* de caridade, expoz o

pensamento da bolsa, como meio de garantia para os operarios.

A proposta de Corcelles desapareceu, porém, em 1871, com o incendio dos archivos da cidade de Paris.

Em Dresde, em 1840, foi organisada uma repartição especial de indicação do trabalho.

A 3 de fevereiro de 1851, o snr. Ducoux, representante do povo, apresentou na assembleia legislativa o projecto de criação de uma bolsa de trabalhadores.

Ducoux, estabelecendo um parallelo entre a bolsa da finança e a bolsa do trabalho, termina assim o seu discurso:

«Não peço uma bolsa tão esplendida; mas quero-a mais moral. Pouco me importa que os vossos agiotas passem em palacios sumptuosos; mas concedei-nos, ao menos, um modesto asylo, um ponto de reunião para os trabalhadores, que, em 1815, se deixaram assassinar em Montmartre, com a *elite* das nossas escolas, enquanto os vossos agiotas entregavam aos cossacos as chaves de Paris.»

Esta proposta foi rejeitada, assim como muitas outras que successivamente foram apresentadas. Em 1884 foi publicada a lei, relativa á criação dos syndicatos profissionaes, e só, em 3 de fevereiro de 1887, teve logar a inauguração official da *bolsa do trabalho*.

Cada profissão, arte ou officio tem o seu *bureau*, á parte; e assim temos o *bureau* dos sapateiros, dos alfaiates, dos cocheiros, dos typographos, dos grava-

dores, da metallurgia, das criadas de servir, etc. É a realisação pratica d'este grande *desideratum* do socialismo moderno — a associação de classe.

Os resultados são obvios.

Os operarios, associados por classe, determinam o salario a vencer. Na *bolsa do trabalho*, onde predomina a lei da offerta e da procura, encontram sempre os patrões os operarios de que precisem, e os trabalhadores, por seu turno, terão sempre trabalho em que se empreguem. Implicitamente é um reconhecimento do direito ao trabalho.



Entre os dias mais agradaveis da minha vida conto aquelle em que tive a honra de saudar pessoalmente o sabio Pasteur, e de visitar o seu maravilhoso instituto da rua Dutot.

Merece bem o nome de *bemfeitor da humanidade* um homem, como Pasteur, que consagrou a sua existencia á cura da hydrophobia. O seu instituto, fundado e levado a cabo com o producto de uma subscrição particular, é tudo quanto ha de melhor no genero. A organização, o methodo que preside áquelle estabelecimento excede todo e qualquer elogio. Só vendo-se e assistindo-se ás observações e ás experiencias diarias se poderá fazer um juizo exacto d'aquella casa maravilhosa.

Pasteur recebe todos os dias a visita de dezenas de individuos, que desejam vê-lo e admirar-o. Duran-

te a Exposição foi uma das individualidades parisienses mais vivamente acclamadas pelos estrangeiros, que se encontravam em Paris. Edison, o inventor americano, que foi recebido, pelo *Figaro*, com as honras de uma verdadeira realeza, consagrou uma manhã ao instituto Pasteur.

Aquelle illustre e venerando velho passa quasi despercebido, no meio dos seus empregados, arrastando um pouco uma das pernas, exprimindo-se com a morosidade dos que soffreram já uma paralyisia, e destacando-se, apenas, dos seus collegas, pelo seu pequeno bonet de borla e pela sua physionomia concentrada e reflexiva.

Os invejosos mordem-n'o; o mundo acclama-o. Succede, assim, com todos aquelles que soem erguer-se, na sociedade, acima da mediocridade e da impotencia...



N'esta ligeira revista que nos impozémos, sobre alguns dos principaes factos, que se produziram durante o tempo da Exposição, occupa, certamente, um logar importante o banquete offerecido ás delegações operarias portugueza e hespanhola.

Esta brilhantissima festa de fraternidade realisouse, no restaurant Richard, ao Palais Royal. Mais de cem convivas tomaram parte no banquete, um dos mais entusiasticos e commovedores a que temos assistido em Paris.

Ao *dessert*, levanta-se o presidente, dr. Reynard, que produz um bello discurso de congratulação, por vêr presentes delegados de todos os paizes, que compõem a raça latina. Faz vêr o papel brilhante que esta raça representou na civilisação e a necessidade que ha em que ella recupere o seu lugar e a sua posição, perante os demais povos do mundo.

Dá depois a palavra ao presidente da delegação operaria de Barcelona, que suppõe ter chegado o momento para os povos pronunciarem a sua ultima palavra, em frente dos seus naturaes inimigos e usurpadores.

Seguem-se os outros discursos. Conceição Fernandes, em nome dos operarios portuguezes, sente-se feliz por se encontrar no meio de uma festa tão sympathica e de tanta significação. A raça é um prejuizo. Não ha raças: ha homens, ha civilisações. Os povos não pôdem ser responsaveis por o que fazem os governos. Assim, na Italia, o governo é partidario da triple alliança. Mas quer isso dizer que o povo italiano seja tambem partidario da triple alliança? De modo algum. D'aqui conclue para a communhão dos povos, n'uma aspiração e n'um ideal commum. Desejaria que a torre Eiffel fosse ainda mais alta, para se transformar em pharol civilizador, em bandeira para todas as nações do mundo.

Rouanet, redactor da *Revista socialista*, um dos organisadores do banquete, brinda pela alliança latina, como meio de se chegar á alliança humana.

O nosso querido amigo Salas Anton quer a fede-

ração dos povos, e, n'este sentido, brinda pela federação ibérica, sob a fórma republicana, conservando, todavia, cada povo a sua autonomia e a sua independência.

O author d'estas linhas dirige-se primeiro em francez, n'essa bella lingua cosmopolita e universal, aos cidadãos francezes, representantes da *Bolsa do trabalho, do conselho municipal* e das classes operarias, e depois, em portuguez, aos seus compatriotas. É a quarta vez que, em Paris, toma a palavra pela fraternidade dos povos. Se houvesse um quinto banquete, lá estaria com o mesmo enthusiasmo e o mesmo ardôr com que tinha assistido aos outros. Esta festa é mais do que uma festa de raça, porque é uma festa humana, principalmente, assim como humana foi a revolução franceza. Está de accôrdo com o distincto operario, seu amigo, Conceição Fernandes. A raça, no sentido estreito e egoista da palavra, é um velho prejuizo com que é preciso acabar. Mas, para se chegar á federação humana, é indispensavel principiar por federar as raças. Por isso e para isso se fazem estas reuniões fraternaes e civilisadoras. A noção de humanidade exclue tudo quanto possa separar e dividir os homens. A Exposição reuniu e aproximou todos os trabalhadores do mundo, sob a mesma bandeira e o mesmo ideal. N'esse glorioso certamen, não devemos sómente olhar ao facto material, que é brilhante, mas tambem ao resultado moral, que é assombroso. Na pessoa de Daumas, conselheiro municipal, brinda pela municipalidade de

Paris, esperando que ella continuará, como até aqui, a manter as suas nobres e altivas tradições revolucionarias, que são também as tradições dos povos latinos. Brinda pela Republica social, isto é a Republica, baseada no trabalho, no civismo e na virtude. A revolução social é a obra do seculo XIX, assim como a revolução politica foi a obra do seculo XVIII.

O secretario da *Bolsa do trabalho* agradece o convite que fizeram, para aquelle banquete, á aggremação que ali representa. Mostra o que é essa generosa instituição e os serviços que ella póde prestar ás classes trabalhadoras de todos os paizes, fazendo votos por que os operarios comprehendam que só, pela união internacional, poderão chegar á reivindicação dos seus direitos.

Xavier de Carvalho, o principal membro da commissão iniciadora do banquete, em nome da imprensa portugueza, brinda a imprensa franceza e hespanhola. A imprensa é uma poderosa alavanca de progresso, de critica, e de emancipação. D'ella ha-de depender, em grande parte, o triumpho da causa democratica. Brinda, para que ella deixe de ser um instrumento dos reis e dos padres, para se transformar em guia e inspiradora dos povos.

De Portugal tomaram parte, no banquete, para cima de quarenta convivas.

*
* *

*

Digno de menção especial foi também o segundo congresso de livres-pensadores, não só pelo numero, senão também pela qualidade dos congressistas.

A sala das sessões, onde o congresso se realizou, na rua Lancry, 10, era vasta e espaçosa, tendo uma galeria, para os espectadores, n'um andar superior. Ao fundo, por detraz da presidencia, destacava-se a figura da Republica, em busto. Em volta, na galeria, estavam suspensos os estandartes de muitas associações de livre-pensamento. N'um d'esses estandartes, quasi todos de setim encarnado, lia-se o seguinte: *Livre pensamento socialista — Congresso de Bruxelas 1880, Paris 1889* — N'outro ainda, lia-se: *Verdade, Sciencia, Razão, Livre pensamento*.

Entre os importantes assumptos tratados n'este congresso, destacavam-se os seguintes: LIBERDADE DE CONSCIENCIA — Influencia do livre pensamento sobre a revolução de 1789, sobre a paz internacional e sobre a emancipação politica e social dos trabalhadores de todos os paizes. AS RELIGIÕES PERANTE A HISTORIA E A SCIENCIA, sob o ponto de vista da evolução physica, moral, e social da Humanidade. DIREITOS DA MULHER — egualdade civil e politica dos sexos. AVALIAÇÃO DAS SOMMAS CONSAGRADAS AOS CULTOS E ÀS PRATICAS SUPERSTICIOSAS NOS DIVERSOS PAIZES — DOS MELHORES MEIOS DE PROPAGANDA E ACÇÃO PARA COMBATER A SUPERSTIÇÃO.

Quasi todos os paizes da Europa se achavam ali largamente representados. Da Belgica estavam perto

de cem delegados, á testa dos quaes se encontrava o celebre socialista Cesar de Paepe.

Era a primeira vez que o via.

Cesar de Paepe que, ha tempos, se finou, em Cannes, nos braços amigos e generosos de Benoit Malon, já, então, apresentava os symptomas do horrivel soffrimento que depois o prostrou. Era um pensador notavel, o chefe do socialismo belga, consagrado pela opinião. De altura regular, louro, magro, macillento, usando barba toda, Paepe era o verdadeiro typo do propagandista moderno — simples, sem exaltações, sem pompas de rhetorica, procurando apenas, convencer pela rasão e pela sciencia.

A sua vida representa toda uma lucha de heroismo e de sacrificios. Operario e sem recursos, tentava-o a medicina, para a qual sentia uma vocação irresistivel. Resolveu matricular-se na Universidade, e para conseguir o seu curso, trabalhava na sua industria, nas horas que lhe sobejavam do estudo. Este trabalho porém, era superior ás suas forças phisicas, e d'ahi derivou a molestia a que succumbiu.

Foi brilhante a homenagem prestada pelos belgas, á memoria d'este bravo glorioso que cahiu, prostrado, na arena, depois de ter vencido na lucha.

Após uma visita ao Pantheon, e aos monumentos de Voltaire, Diderot e Etienne Dolet, o martyr e livre pensador do seculo XV, que passou nove annos de supplicios e torturas, n'uma masmorra infecta, antes de ser queimado, dirigiram-se os congressistas ao museu das religiões.

O *Museu das religiões*, está situado na place Iena, não longe do Trocadero. Foi o sr. Guimet, quem, a expensas suas, conseguiu realizar esta notavel obra de propaganda e de combate. Na parte relativa á India, China e Japão, o museu está completo, não faltando um unico objecto, referente ás praticas e usanças d'aquellas religiões. Brahma, Vichnou e Siva figuram ali com todo o seu cortejo ridiculo e extravagante.

Este museu, installado n'um sumptuoso edificio, está destinado a ser um dos mais importantes de Paris, tão importante como é, por exemplo, o museu das artes e officios, no seu genero. Será este o modo mais pratico de combater e destruir as falsas ideias religiosas, pela observação, estudo e comparação das diversas religiões e dos diversos ritos.

No museu, ha uma parte annexa de ceramica e de collecções gallo-romanas e egypcias. Falta-lhe pois, a parte importante da historia das religiões — as luctas da Edade Média e tudo quanto diz respeito á Reforma e aos nossos dias. Mas n'isso, justamente, se occupa o sr. Guimet, um dedicado apostolo da sciencia, que empreendeu a longa viagem do extremo Oriente, com o fim de enriquecer as suas notaveis collecções, hoje pertença do Estado por uma graciosa concessão d'aquelle benemerito cidadão.

Com Xavier de Carvalho fui, em romaria piedosa, á *avenue Victor Hugo*, 126, á casa onde viveu e morreu o *Grande Mestre*.

Poucos portuguezes se lembram de visitar a casa de Victor Hugo ou de Gambetta. E, todavia, das impressões que mais gratas me foram em Paris, foi certamente esta perigrinação, em que o espirito se me concentrou n'uma religião toda de paz, de amor, de concordia e de piedade.

A casa é modesta, e conserva-se no mesmo estado em que estava, quando falleceu o grande poeta. Lá vimos a mesa onde *Elle* escreveu a *Legenda dos seculos* e as pennas com que escreveu os *Miseraveis*; lá vimos o seu leito mortuario e as suas recordações intimas, e as suas glorias e todos os seus enormes triumphos. Logo, ao lado do seu quarto, está o quarto onde dormia Lockroy, e a seguir o salão, hoje convertido em bibliotheca... Como tudo aquillo vive ainda do seu espirito sublime!

Quando descemos ao jardim a colher uma modesta flôr solitaria, recordámos-nos de Fernando Leal, o glorioso traductor, e pensámos como elle seria feliz, se se encontrasse n'aquelle momento ao nosso lado.

Quem passa por *Ville d'Avray* vê ali a pequena e modestissima casa, onde expirou o luminoso tribuno. E não ha estrangeiro que visite Nice que deixe de pagar o seu tributo á memoria do esforçado propugnador da liberdade e da democracia.

Gambetta! O seu nome basta para encher um seculo...

bibRIA



III

EM LONDRES

O QUE VI E O QUE OUVI.—A POLITICA;—LORD SALISBURY, GLADSTONE, PARNELL, BRADLAUGH, JOHN BURNS.—O SOCIALISMO.—O EGOISMO BRITANNICO.—DISTINCCOES SOCIAES.—ORGULHO NACIONAL.—A REALEZA.—A ASSISTENCIA PUBLICA E A INICIATIVA INDIVIDUAL.—A IMPRENSA.—WORK-HOUSES.—O EXERCITO DE SALVAÇÃO DAS ALMAS.—O SOLDADO, JUSTIÇA E A POLICIA.—O PARK INGLEZ.



PARA combater um inimigo é preciso conhecê-lo. E foi essa a principal razão por que resolvi visitar a Inglaterra. Desejava aproximar-me do inglez, vê-lo de perto, estudá-lo, observá-lo e segui-lo, no seu egoismo, no seu orgulho e na sua excentricidade.

Estávamos no mez de agosto, e em vespéras da publicação do vilipendioso tratado. Tornava-se,

mister averiguar e saber o que a opinião publica, em Inglaterra, pensava e dizia a nosso respeito. Infelizmente a desillusão foi profunda e completa. Nem um só inglez nos era favoravel. Ao contrario todos eram de parecer que o governo da rainha Victoria tinha sido demasiadamente benevolo connosco. — Que tinhamos perdido os nossos direitos sobre a Africa! que não sabiamos colonisar! que não tinhamos já sequer a capacidade para nos administrarmos... — diziam os flibusteiros da Grã-Bretanha.

E foi, perante taes ataques e taes aggressões, que eu resolvi intentar uma grande campanha em favor dos nossos direitos postergados e da nossa patria abatida, calumniada e offendida pela ferocidade do bre-tão insolente.

John Bright, o celebre deputado por Manchester, disse um dia na camara dos commons: «Nunca se poderá affirmar que uma nação esteja em estado feliz, satisfactorio e prospero, quando se presencieia um semelhante estado de coisas. Podeis possuir uma monarchia tradicional; podeis ter uma antiga nobreza, gosando palacios sumptuosos e immensas propriedades; podeis admirar uma hierarchia ecclesiastica, cobrindo, com as suas pompas mundanas, uma religião, cuja feição peculiar deveria ser a humildade; mas, não obstante tudo isso, o systema está esgotado e condemnado a uma proxima ruina, por isso que a maioria do povo, que o sustenta e ampara, soffre e está pobre e degradado.

Londres é, de facto, a terra dos contrastes, onde

a sociedade se acha dividida por um abysmo que separa os ricos dos pobres, o poderoso e opulento dos humildes e plebeus. Se passeiamos, em qualquer das grandes ruas da cidade, em Regent-Street, em Piccadilly, em West-End, somos surprehendidos por vastos armazens sumptuosos, por parques e palacios deslumbrantes; mas se, de repente, atravessamos para Saint-Gilles, o antigo bairro dos irlandezes, ou para White-Chapel, a residencia dos judeus, a desilusão é completa e fulminante.

N'uma população de cinco milhões de habitantes, aproximadamente, ha, sem contestação alguma, dois milhões de subditos de sua magestade, a *graciosa* rainha Victoria, que soffrem duramente as inclemencias do clima e da sociedade, e que arrastam uma vida dolorosa e amargurada. É porisso que o *gin* e o *whisky* tambem ali teem os seus apologistas e os seus palacios (*gin-palaces*); e é porisso que Theophilus Gautier, ante a geral desolação, abençoava o deus *Espirito*, o *gin*, não obstante as declamações dos philanthropos e das sociedades de temperança, pelo quarto de hora de alegria e de esquecimento que dava ao miseravel.

Por cada cem mil empregados que ha nos *ateliers* e nas fabricas, ha duzentos mil pedintes. Leiam as estatisticas e verão como os algarismos são inexoraveis. De quinze a vinte mil pessoas morrem em Londres, annualmente, por falta de pão, de ar e de luz. N'esse poderoso labyrintho, capaz de entontecer a vista e o cerebro, ainda aos mais habituados aos grandes cen-

tros, levantam-se todas as manhãs para cima de cento e cincoenta mil homens, validos e robustos, capazes de trabalhar e que desejariam trabalhar, mas que não teem em que se empreguem. As mulheres publicas, essa gangrena da sociedade, que, no dizer de Mery, em todos os paizes civilisados, estão sob a immediata vigilancia da policia, ali parecem inquietar muito pouco as authoridades, a ponto de passeiarem pelas ruas, durante o dia, assaltando e atacando impunemente os transeuntes e principalmente os estrangeiros. Eleva-se hoje a mais de trezentos mil o numero das prostitutas em Londres.

Um traço curioso! Não ha paiz que mais decore guarde nas palavras do que a Inglaterra, e, todavia, na pratica está a sociedade britannica, longe de corresponder a esse formalismo, a esse convencionalismo egoista e hypocrita.

Passando em Shaftesbury-avenue, um dos pontos centraes da cidade, uma rapariguinha, andrajosa e faminta, de treze annos, acercando-se de mim, offereceu-me uma flôr que eu paguei por dois *pennies*. Depois, em voz baixa, e, lançando-me um olhar piedoso, accrescentou: «Se me dá um *schilling* mostro-lhe as pernas. As flôres dão tão pouco. . . »



Politicamente, a Inglaterra atravessa uma crise grave. O proletariado ali possui uma força incontestavel e incontestada. Assisti, em Hyde Park, a um

meeting, convocado pelos empregados nos armazens de carvão, para solemnizarem o primeiro anniversario do dia normal de trabalho, que, depois de muitas reclamações, foi reduzido pelos patrões a 10 horas. Fallou John Burns, um dos agitadores socialistas mais populares de Londres. É um homem baixo, modestamente vestido, de calça e japonsa preta, barba preta e physionomia intelligente. O seu discurso foi muito applaudido pela multidão. John Burns, hoje conselheiro municipal, tornara-se muito notavel pela parte activa que tomou nas *grèves* das dokas. Fez votos para que, em pouco tempo, as outras classes podessem tambem celebrar eguaes anniversarios. Depois de outros discursos, egualmente applaudidos, os assistentes dispersaram na melhor ordem, como verdadeiros senhores do seu direito e da sua força.

Na situação em que hoje se encontra a Inglaterra, só uma federação republicana a poderá salvar no futuro.

São separatistas as tendencias das suas colonias, assim como é separatista a tendencia da Escocia e da Irlanda. A cidade de Londres tende tambem todos os dias a augmentar em area e população. Os governos serão impotentes deante das aspirações populares. No dia em que Gladstone conseguir dar um golpe na camara dos lords, o que não será difficil, porque o projecto para a suppressão d'essa casa do parlamento, todos os annos apresentado, todos os annos vae ganhando maior numero de votos; no dia pois, em que o *grande velho* realizar esse artigo do seu program-

ma, n'esse mesmo dia a monarchia ficará moralmente perdida em Inglaterra. A federação virá como uma questão de direito e de progresso: o direito de emancipação que assiste a todo o povo livre, e o progresso que teem de acompanhar todas as nações, sob pena de se suicidarem, não o fazendo. De resto é este o futuro reservado a todas as nacionalidades da Europa, como a verdadeira synthese da politica moderna.

*
* *

Na politica militante as individualidades mais características, n'este momento, são, sem duvida alguma, Parnell, o chefe do partido irlandez; Bradlaugh, o grande livre pensador, o querido de *Est-End*; Gladstone, o amigo da Irlanda, e lord Salisbury, o chefe dos conservadores, o sustentaculo das prerogativas reaes e aristocraticas.

A camara dos *communs* é considerada, como o corpo legislativo o mais conservador, o mais *posé* de toda a Europa. E, todavia, nota muito bem Crawford, um americano, se em Washington os negocios corressem da mesma maneira que na camara dos *communs* em Inglaterra, o paiz teria excellentes rasões para accusar o parlamento, como um fóco de desordem e anarchia.

Gladstone é de todos os membros da camara aquelle que é ouvido com mais attenção e respeito. E, sem embargo, nem esse mesmo, apesar da sua idade, es-

capa aos ápartes, aos remoques provocadores, ás ironias e ás satyras dos seus adversarios.

Conheci-o em Paris, durante o tempo da Exposição, onde foi acolhido, com as honras de um verdadeiro monarcha. Estava hospedado no *Hotel Bristol*, onde costuma tambem ficar o principe de Galles. A imprensa parisiense consagrava todos os dias, ao venerando chefe dos liberaes inglezes, palavras de *sympathia* e *affecto*, relatando minuciosamente tudo o que elle fazia e dizia na vespera.

Quando Gladstone visitou, na Exposição, o pavilhão da India ingleza, acompanharam-n'o muitos dos seus compatriotas e amigos. Por essa occasião o illustre estadista dirigiu-lhes a palavra, defendendo a sua politica, quando chefe de gabinete.

Apesar de se dizer que tem os seus dias contados, o *grande velho* mostra-se ainda vigoroso e cheio de saude. Ao apcar-se da sua carruagem, á porta do hotel, sua mulher, a companheira inseparavel dos seus trabalhos scientificos, litterarios e politicos, saltou do trem com a presteza de uma *miss* de vinte annos. Elle, olhando-a, admirado, exclamou, em tom affectuoso e simples: «Se eu quizesse tambem podia fazer o mesmo...» A sua morte seria, n'esta occasião, um desastre para a Inglaterra.

Gladstone é hoje positivamente um dos estadistas mais *sympathicos* da Europa. Ao contrario de Bismark, o unico que se póde emparelhar com elle, a politica de Gladstone é essencialmente progressiva. Bismark é um *authoritario*, um *cesarista*. Gladstone é

um liberal convicto, um amigo da paz. Só um governo, presidido por Gladstone, poderá pacificar a Irlanda.

Chamam-lhe geralmente o humanitario. E, sem embargo, nem elle sequer teve a coragem de se declarar a nosso favor. É que, em Inglaterra, tudo participa do mesmo vicio inicial—o egoismo, o interesse e o utilitarismo.

Os representantes irlandezes deixam-se, ás vezes, arrastar pelos impetos apaixonados e insolentes da maioria, e isso tem-n'os prejudicado. Parnell sabe-o perfeitamente, e todo o segredo da importancia que adquiriu, como chefe de partido, deriva da sua serenidade e da imperturbabilidade da sua attitude.

Parnell é um homem de rara intelligencia, valente, tenaz e inflexivel. A sua ultima campanha, na Irlanda, contra os que o queriam apear da chefatura, é uma prova eloquentissima do seu valor, como homem politico, da sua ousadia e da sua constancia na lucta.

O marquez de Salisbury tem o aspecto de um homem cansado do poder, ou talvez a consciencia de que o poder lhe está a fugir das mãos. Parece-se um pouco com o duque de Cambridge: alto, forte e espadaúdo. Tem, porém, uma cabeça maior, e é mais calvo que o duque. É raro, em Inglaterra, o homem politico que não seja calvo. O marquez é de uma pallidez desusada entre inglezes que se présam, e mostra-se, em toda a parte, um homem extremamente fatigado e indifferente. Evidentemente o seu tem-

po passou, e os successivos triumphos eleitoraes de Gladstone provam bem que o paiz quer e deseja outra politica.



Em Londres os empregados do gaz formam uma sociedade de 50:000 homens; os das dokas uma agremiação de perto de 80:000 homens; os dos pa-deiros uma de 30:000; e os dos calceteiros uma de 18:000. Foi da Inglaterra que veio a reivindicação do dia normal de trabalho, a 8 horas. No ultimo congresso das *Trades Unions*, em Julho de 1889, achavam-se reunidos os delegados de 36 profissões diversas. Vinte e tres pronunciaram-se pelo dia normal de 8 horas.

John Burns é um collectivista marxista, como Graham, como Keir Hardjié, da sociedade dos mineiros da Escocia, como Manu, o presidente da sociedade das dokas, como o dr. Max Eveling, como Behort Bax, o grande pensador do partido.

Os socialistas inglezes são, como os socialistas allemães e francezes, pela propaganda internacional, mas teem meios e processos inteiramente seus, áparte; sendo certo que, na maior parte das questões, caminham de accôrdo com a França e a Allemanha.

Os inglezes pensam que chegarão á solução do problema social primeiro que as demais nações. Mas a verdade é que os partidos socialistas, tanto da Belgica, como da Allemanha, como da França são de opinião que só pela solução da questão politica se

poderá chegar á solução da questão economica. E ahi está porque os socialistas belgas pedem o suffragio universal; e os socialistas francezes, á frente dos quaes se encontra Benoit Malon, apoiam a Republica; e os socialistas allemães, capitaneados por Liebknecht, entendem que o partido socialista deve tambem ter a sua organização politica.

O partido socialista inglez era até aqui mais um partido de propaganda economica do que um partido de propaganda politica. Não ha muito, porém, que elle acaba de se lançar no caminho contrario, atacando, com desassombro, as instituições e a realza.

*
* *

Londres é uma cidade essencialmente cosmopolita, o ponto de reunião de todos os povos e de todas as raças do mundo. No seio d'aquella grande Babel, ha lugar para tudo e para todos. Quando se percorrem as ruas, e é este um dos traços característicos da grande cidade, não é raro de ouvir-se algum indio, cantando qualquer cousa em lingua indiana e batendo no *tam-tam*, triste e monotono instrumento, ou algum chin, recitando em tom desenhado alguma aria da sua terra, ao som de uma viola grotesca, ou algum habitante da Ethiopia, tocando no tamborim e no *banjo* umas estranhas coisas que ninguem percebe. Ao par e passo que isto se dá, no redemoinho dos negocios, quem seguir attentamente a multidão que corre, que se acotovella,

que se precipita de um a outro extremo da cidade, também ouvirá fallar todas as linguas e todos os dialectos do universo.

Com este cosmopolitismo de hoje, porém, o povo inglez, que, por muito tempo, esteve privado do contacto com os outros povos do continente, foi levado a crear um código de civilidade, artificial e hypocrita, como elle mesmo, e adaptado aos seus costumes e ao seu convencionalismo social. Além das duas nobrezas, officialmente reconhecidas—a *nobility* e a *gentry*,—diz o snr. Edmond Texier, o vulgo (*common people*) inventou mil outras distincções. O individuo que tiver dois milhões de fortuna é mais *honorable*, mais reputado do que aquelle que tiver, apenas, um milhão e meio. O negociante retirado do commercio é mais considerado que o negociante em exercicio. O proprietario leva vantagem sobre o industrial. Se quizessemos classificar todas estas castas, teriamos de fazer uma resenha, á maneira de Homero. Comprehende-se a frieza que resulta d'estas distincções sociaes, que leva cada um a isolar-se no seu meio, e a viver, consoante o acaso do seu nascimento, da sua fortuna, da sua profissão ou do seu estado.

No meio da grande multidão de omnibus e carruagens; atravez uma população que enche os *squares*, as pontes, os passeios, os parques, Londres, áparte a sua esphera fabril e manufactureira, apresenta um aspecto soturno e pesado, e isto é, sem duvida alguma, devido á completa ausencia do ele-

mento popular. Em Paris, o povo apparece em toda a parte, nos grandes boulevards, como no faubourg Saint Antoine, e isso põe uma nota alegre, pittoresca, democratica na vida parisiense.

Em Londres, porém, tudo é pautado e uniforme —uniformidade de costumes, de trajos, de opiniões. Toda a gente se diverte do mesmo modo sepulchral, toda a gente tem o mesmo ar aborrecido e fastidioso. Em religião, em politica, em litteratura, accrescenta ainda Texier, é mister ter opiniões já feitas sob pena de ser *shoking* ou indecente. Temos um exemplo frisante no immortal auctor do *Child-Harold*, lord Byron, a quem os inglezes nunca perdoaram a sua irreverencia e a sua liberdade de pensar e de fallar.

E é certamente por causa d'este formalismo estúpido que os inglezes não teem, o que se póde dizer, uma arte sua, caracteristica, com um poderoso cunho individual ou nacional. Os monumentos de Londres constituem uma miscellanea architectonica, porque foram construidos e reconstruidos em periodos differentes, e conforme aprouve ao capricho de cada dynasta.

*
* *

Tem-se fallado muitas vezes do orgulho e do egoismo britanico. O snr. Bulwer, no seu livro—*A Inglaterra e os inglezes*—escreve com muito criterio: A vaidade do francez, diz elle, é a de pertencer a uma grande nação; a do inglez é a de ser *proprie-*

tario de uma grande nação. Todas as suas ideias e todas as suas leis teem origem no principio da *propriedade*. É a *minha* mulher que o senhor não deve insultar; é a *minha* casa que o senhor deve respeitar; é a *minha* rainha, etc.

O inglez suppõe que, além da Inglaterra, não ha outro paiz no mundo. Eis o motivo porque é mais chauvinista do que qualquer outro povo. Não ha inglez que se prese que deixe de ir a *Covent Garden* de casaca e lenço branco. Em Paris, porém, já não acontece o mesmo. O inglez vae á *Grande Opera* de japonsa e de bonnet de côr. E, todavia, a verdade é esta: Londres não seria a grande, a enorme, a poderosa cidade que é, se não fosse o elemento estrangeiro que a anima e povoa.

Uma noite, passando eu, em Leicester Square, vi uma mulher cahida na rua, n'uma attitude descomposta e repellente. A policia passeava, em volta da praça; homens bebados dormiam sentados nos bancos; os transeuntes seguiam o seu caminho, sem se darem sequer ao incommodo de reparar n'aquella triste victima de uma sociedade egoista e cruel. Se um semelhante facto se tivesse dado em Paris, não haveria uma unica pessoa que deixasse de soccorrer e amparar a pobre desgraçada.

Tal é o egoismo britanico na sua brutal ferocidade!

O inglez gosta do apparatus. Adora o grande ceremonial. Para elle o principal encanto da realza é o fausto e a magestade. Porisso veem os inglezes, em geral, com maus olhos, o ostracismo a que a rainha voluntariamente se condemnou. Prefeririam e desejariam, certamente, que ella dispendesse em festas e representações todo o dinheiro que possue. Mas a verdade é que a rainha, apesar de passar por uma das mulheres mais ricas do mundo, se concentrou n'um isolamento que augmentou ainda depois do seu jubileu. Ha quem explique o facto pelo medo que d'ella se apoderou, depois dos dois attentados que nas ruas de Londres se deram contra a sua existencia.

Como é, porém, que o povo inglez, estando moralmente em republica, consente em ser governado pela realza, e, ainda para mais, estrangeira? É isto o que elles explicam do seguinte modo: para nós a realza, meu caro senhor, é um facto inteiramente secundario, uma mera questão de fórma: admittimos a rainha como uma questão mais de apparatus e de ceremonial do que outra cousa. É, de alguma maneira, o mesmo que uma senhora graduada que tivesse de dirigir um baile. . . dizia-nos um illustre funcionario.

Outro tanto, porém, não pensará o povo trabalhador de Londres, o grande soberano dos *ateliers*, das fabricas e das dokas.



A instrucção e a assistencia publica são hoje considerados, como os dois factores da civilisação de um povo. O regimen hospitalar, em Londres, assignala-se por um systema inteiramente differente d'aquelle que rege os hospitaes das outras cidades da Europa.

Em Paris, por exemplo, é a municipalidade que provê ás despesas feitas com os hospitaes e com a assistencia publica. Estes estabelecimentos são, além d'isso, dirigidos por uma administração central, cujos directores, são nomeados pelos governos.

Em Londres, pelo contrario, o governo não intervêm senão nos estabelecimentos que estão a seu cargo; os outros, e esses constituem uma grande maioria, são devidos inteiramente á iniciativa individual, e são creados e sustentados pela beneficencia particular, doações, legados e subscripções annuaes e voluntarias.

N'este ponto, a Inglaterra não fica em nada atraz dos Estados-Unidos da America, onde a iniciativa individual sustenta, presentemente, para cima de quinhentos estabelecimentos de instrucção, incluindo algumas Universidades e outros tantos estabelecimentos de beneficencia publica.



Os grandes jornaes de Londres primam pela elevação da fórma e pela compostura, que preside aos seus artigos de fundo, que são sempre os melhores,

embora demasiadamente longos e escriptos com muita pretensão litteraria.

Os jornaes inglezes, em geral, nunca se occupam de assumptos da vida privada de quem quer que seja. A publicidade que a *Pall Mall Gazette* deu ao escandalo Hughes Mallet constituiu uma verdadeira infracção ás regras seguidas pela imprensa em Inglaterra.

O campo em que, principalmente, luctam os grandes jornaes de Londres é no que diz respeito ás suas correspondencias estrangeiras. Todas as folhas da manhã teem escriptorios e correspondentes estabelecidos em Paris, Berlim, S. Petersburgo, Vienna e Roma.

São os correspondentes do *Times* os que occupam posição mais elevada entre todos os correspondentes da imprensa ingleza. Mas é isso um resultado da posição especial que occupam e de que gozam, em nome d'aquelle periodico. Os correspondentes enviados pelo *Times* são sempre homens de elevada cathegoria, e bem collocados, além do estado maior que os cerca e que lhes augmenta naturalmente o prestigio. Assim um correspondente militar leva sempre comsigo um sequito de creados e cavallos, tão numeroso como o que acompanha o proprio general que commanda o exercito.

O melhor correspondente do *Times* dizem ser o de Paris, Blowitz, que ganha tres mil libras por anno, além dos abonos que lhe são feitos para as suas despesas extraordinarias.

O *Daily-Telegraph*, o *Daily-News* e o *Daily-Standard* são jornaes de 8 paginas, com 8 columnas por pagina. O *Times* é um jornal de 6 columnas. Mas publica supplementos com tanta frequencia, que chega realmente a conter mais materia que qualquer outro periodico de Londres.

O jornal, porém, de maior receita é o *Daily-Telegraph*. É a folha mais rica da capital, e não se suppõe que no mundo haja empresa jornalística que dê mais dinheiro do que esta. Os que privam de perto com os proprietarios d'este periodico dizem que o seu producto liquido é de 300:000 libras por anno, possuindo um fundo de reserva de 6.000:000 de libras. A sua tiragem é de 280 a 300 mil exemplares por dia. Embora tenha uma feição conservadora, não obsta isso a que seja o jornal mais lido de Londres.

O *Times* tem uma tiragem inferior a 60:000 exemplares, com tendencia a diminuir, em virtude do processo Parnell, que o abateu moral e materialmente. O seu producto orça por metade do *Daily-Telegraph*, 150:000 libras, em parte resultante dos annuncios. É tambem o periodico mais caro do mundo. Vende-se a tres *pence* (60 reis), ao passo que os outros se vendem a um *penny* (20 reis).

O *Standard* tem uma tiragem para Londres de 200:000 exemplares, e rende por anno 150:000 libras.

O *Graphic* e o *Illustrated London News* tambem são empresas muito prosperas. Rendem 100:000 libras por anno aos seus proprietarios.

Dos jornaes da noite, é o *Globe* o mais lido, e deve render umas 50:000 libras.

Escusado será dizer que, na questão do tratado, não houve um unico jornal que se pozesse ao lado de Portugal, defendendo a causa da rasão e do direito. É que a imprensa, em Inglaterra, participa do mesmo formalismo hypocrita que todas as outras cousas. O interesse grosseiro e egoista supplanta sempre a rasão e o sentimento.



A semelhança do que succede em Napoles, onde a estatistica nos dá annualmente para cima de 200:000 pessoas, dormindo em medonhos cubiculos, sem ar e sem luz, ou passando as noites nas ruas, sem saberem em que hão de empregar a sua actividade; em Londres o numero dos operarios sem trabalho oscilla regularmente entre 300 e 500 mil; e é, porisso, creio eu, que os attentados contra a propriedade, o roubo e a fabricação da moeda falsa são muito numerosos e frequentes na cidade. Á investigação policial escapa uma grande parte dos crimes. Assim, em média, de 2:500 ou 3:000 individuos desaparecidos annualmente, a policia não encontra senão um terço, sendo provavel que das muitas centenas de pessoas que se afogam no Tamisa, nem todas o tenham sido por suicidio.

O numero dos mendigos eleva-se, em geral, a mais de 20:000 sendo um terço de irlandezes; e, não contando ainda os 40 ou 50:000 pobres das casas de

mendicidade, a população das prisões, e os milhares de prostitutas, que enchem as ruas. Leiam-se as narrativas de Dickens, de Mayhen e de Jerrold, tres puros e genuinos escriptores inglezes, e vêr-se-ha que não exaggeramos.

As mulheres soffrem mais do que os homens. Ainda mesmo em periodos de prosperidade commercial, uma mulher que queira trabalhar, ou encontre trabalho, fica, pelo seu triste e modico salario, reduzida strictamente ao minimo para não morrer de fome. O amor do alcool e vinte mil tabernas (*public-houses* ou *gin-palaces*) que existem, em Londres, não são senão o resultado d'esta monstruosa anomalia social.

Em tempos de *chômage*, nas terríveis estações do anno em que o trabalho escasseia, a mulher para viver não tem outros recursos que não sejam a substituição, a mendicidade ou a *work-house*, peor ainda que a prisão; o homem procura a taberna, como lenitivo aos seus males; e assim se explica como, em geral, estes desgraçados não ultrapassam nunca uma média de existencia de 26 a 30 annos de idade.

As *work-houses* são uma especie de albergues nocturnos, onde o operario, sem trabalho, e sem recursos, vae encontrar guarida para umas horas ou para uns dias.

O seu aspecto exterior é horrivel, participando, ao mesmo tempo, da prisão e do carcere. Existem 500 em toda a Inglaterra, e 40 só em Londres. Está provado que a um operario, dormindo uma noite em

cada uma d'estas *work-houses*, lhe seriam necessários tres annos para percorrer o paiz. O rigôr, usado para com os desgraçados que teem a infelicidade de recorrer a estas casas é de tal ordem que, ha tempos, um deputado e um jornalista resolveram, afim de examina-rem, se eram ou não verdadeiras as accusações que todos os dias appareciam na imprensa contra os empregados das *work-houses*, disfarçar-se em mendigos e ir pessoalmente verificar o que se passava. O que estes cavalheiros viram e observaram excedeu ainda tudo quanto por fóra se dizia. Foi então que o governo resolveu intervir no assumpto, tomando as providencias indispensaveis para que se não repetissem os actos de selvageria e de infâmia que ali se praticavam.

Mas ai! d'aquelles que, pelas suas circumstan-
cias, precisarem, ainda assim, de recorrer ás *work-houses*.

*
* *

Ha pois, dois factos, que ameaçam a existencia da monarchia em Inglaterra—a sua politica interna, tão cheia de misérias e de corrupções, e a sua politica colonial e externa, tão cheia de vilipendios, de usurpações, de roubos e de violencias.

A questão social está posta em Inglaterra, como em nenhum outro paiz. Assim pois, os governos teem, por um lado, a tendencia separatista das colonias, a tendencia separatista da Escocia e da Irlanda, e, por outro lado, as reclamações do trabalho,

que se affirmam, todos os dias, na Grã-Bretanha, por intermedio da sua população mais sã e activa.

Quem vencerá?—A Inglaterra aristocratica e feudal, ou a Inglaterra trabalhadora e democratica?

Evidentemente, o triumpho será ali, como em toda a parte, do povo contra o rei, da egualdade contra o privilegio, e do trabalho contra a exploração.



Entre as cousas grotescas de Londres, convêm não esquecer o exercito de salvação.

Militarmente organizada, esta pittoresca e graciosa milicia tem apenas, um fim—a salvação das almas. Não é raro de vêr-se na cidade uma ou outra d'estas raparigas, vestidas de azul, com fita e laço encarnado no chapéu, aliciando adeptos para a sua causa, por todos os meios possiveis de propaganda—o opusculo, o discurso, o livro, etc.

Mostraram-me a marechala do exercito, mistress Lothie. Depois de uns dez annos de vida perdida e tumultuosa, resolvera assentar praça no glorioso exercito das *filhas de Christo*, subindo, em pouco tempo, ao elevado posto de marechala.

N'uma das sessões a que me foi dado o prazer de assistir, mistress Lothie tomou, por tres vezes, a palavra:—«Que tinha encontrado Christo em *Piccadilly-circus* com quem tinha conversado—começou ella; que elle a aconselhára a proseguir na sua luminosa faina de conquista das almas; que era indispensavel

regenerar a sociedade, afastando a mulher da prostituição e o homem do *gin*, etc.»

Pouco depois tomou a palavra um neophyto: «que tinha sido um bebado, durante dez annos, confessou; mas que, ouvindo mistress Lothie, resolvera assentar praça e dedicar-se do coração á regeneração da humanidade, etc.»

Depois de encerrada a piccaresca reunião vi na rua o sobredito neophyto, de braço dado com mistress Lothie, que sahiam de uma taberna, onde tinham ido saborear o seu *whisky* predilecto.

Em Paris tambem já existe, por importação, o *armée de salut*, que celebra as suas reuniões n'uma casa, proximo da *Opera*, e a bordo de um *yacht*, que está ancorado, perto da praça da Concordia. Tem um órgão na imprensa, intitulado—*En avant*.

*
**

Considerado isoladamente, observa Crawford muito bem, o soldado inglez é o primeiro do mundo. Em geral, o exercito britanico é composto de homens sãos, robustos, ageis e activos, o que é seguramente devido ao grande desenvolvimento physico, que ali se considera, como a verdadeira e unica base de uma solida educação. *Faciamus hominem*, diz o inglez. Primeiro o homem, depois o cidadão.

Em toda a parte apparece o soldado inglez, de bonet ao lado e vergasta na mão—nos *squares*, nos *parques*, em todas as festas publicas. Pelas ruas, porém, é raro passar tropa.

Mas, se, individualmente, o soldado inglez é realmente superior aos outros soldados do mundo, o mesmo não se póde já dizer do exercito britanico, que é, talvez, um dos exercitos mais atrasados da Europa em tactica militar, em estrategia e em progressos technicos. Nunca no parlamento se falla na questão do exercito que não seja para censurar qualquer desperdicio ou immoralidade. O duque de Edimburgo, commandante em chefe, é considerado por todos, como incompetentissimo para o alto cargo que occupa. O general Gordon morreu por falta de munições; e á guerra da Zululandia não foi estranho o atrazo em que, então, se encontrava a tactica e a estrategia militar ingleza.

bib*RIA

A policia, em Inglaterra, participa, individualmente, das mesmas virtudes do soldado; collectivamente é o corpo de segurança publica mais bem disciplinado e organizado que temos visto. O policia anda sempre desarmado, e a um simples aceno é obedecido cegamente pela multidão, porque é o representante da lei.

Os *pik-pockets*, quando lobrigam, ao longe, um d'estes agentes da ordem, correm a bom correr.—Lá vem o *Bobby*, dizem elles...

Bobby é uma abreviatura de Robert, e chamam assim ao policia por ter sido Robert Peel o organisador, em Londres, da policia metropolitana.

*
* *

A organização da justiça, devemos dizel-o, não corre parelhas com a organização da policia.

A sociedade ingleza é ainda uma sociedade semi-feudal, e o juiz é uma entidade superior, que julga summariamente, em assumptos de ordem publica, sem appello nem aggravo.

D'aqui resulta, como em Lisboa, que é ordinariamente á vista das partes da policia que o juiz lavra a sua sentença. Em tudo o que diz respeito a meretrizes, a cocheiros, a marinheiros, a vadios e a *pik-pockets*, fica ao juiz o dispôr da sorte d'elles, como melhor entender e lhe aprouver.

A média dos individuos, presos annualmente, em Londres, pela policia é de 95:000 entre os quaes se devem contar 48:000 mulheres. Esta enorme proporção de mulheres, que em nenhuma outra cidade da Europa se observa, como ali, prova bem como é grande a desmoralisação em certas camadas sociaes.

*
* *

O parque inglez é, seguramente, aquillo que, em Londres, mais captiva e attrahe o estrangeiro. Em paiz algum do mundo é o jardim tão estimado e tão querido, como na Inglaterra. Quasi todas as janellas são ornadas de flôres; e, em Londres, são os seus parques e os seus *squares* a unica nota artistica, pittoresca, elegante e agradável que tem o condão de

prender e enleiar os povos do Meio-dia. Em Londres e arrabaldes, como na Escocia e Irlanda, os campos e as montanhas conservam-se, durante o anno, cobertos por uma relva, que é unica nos jardins da Europa pela sua côr e pelo relevo que dá á paisagem.

A vida ingleza, a vida da mocidade, sobretudo, é passada no campo, onde os rapazes se adextram pelos jogos, pela caça, pela pesca, pelas grandes caminhadas a pé e pelos exercicios gymnasticos. Assim se explica o amor que os inglezes teem ao campo e com que entusiasmo o procuram sempre que os quefazeres da *city* lh'o permittem. Por isso chamam elles, e com razão, aos seus parques — *os pulmões da cidade*.

bibRIA



bibRIA



IV

PELA ESCOCIA

bibRIA

EDIMBURGO.—A PAIZAGEM ESCOCEZA.—O LAGO E A MONTANHA.
—RECORDAÇÕES DA SUISSA.—O LAGO DOS QUATRO CANTÕES.—A CONSTITUIÇÃO FEDERAL.—PARALLELOS.

TODOS sabem a historia da infeliz Mary, rainha dos escoceses, nascida em 1542. Por morte de seu pae James V, rei da Escocia, esta formosa princeza tornou-se rainha, tendo, apenas, 8 annos de idade. Tinha sido mandada para França, aos 6 annos, e em 1558 casou com Francisco, o delphim, que depois foi rei de França. Tendo enviuvado, partiu de Fran-

ça, com reluctancia, afim de assumir na Escocia o seu lugar. Casou em seguida com o conde de Darnley, em 1565, de quem teve um filho, James VI da Escocia e I da Inglaterra. Houve suspeitas de que ella tivesse tido cumplicidade no assassinato de seu marido, desgostando ainda mais os seus subditos com um novo casamento com o conde de Bothwell, sujeito ambicioso e dissoluto. Isto provocou, da parte dos escocезes, uma revolta, que a obrigou a sahir do paiz, refugiando-se, em Inglaterra, onde, então, reinava a rainha Elisabeth, que a mandou prender. Acusada, finalmente, de cumplicidade contra Elisabeth, por quem alimentava um entranhado odio, foi condemnada á morte, e executada no Castello de Fortheringay, em 8 de fevereiro de 1587.

Assim como Walter Scott teve o milagroso condão de, pelos seus extraordinarios romances, dar um notavel realce á paizagem e á historia da Escocia, assim tambem os infortunios da *queen Mary* se encontram ainda bem vivos e recentes, poderíamos talvez dizer, no coração de todos os escocезes. Por toda a parte nos apparecem recordações da *infeliz princeza*; e, no hotel, fallando eu a um creado n'esta especie de idolatria por aquella senhora, elle respondeu-me: «Ah! senhor! foi uma cousa mal feita o terem executado a nossa rainha...» E fallou-me depois com enternecimento, em todos os logares, que se referem á triste historia, e até ao local onde se diz que ella tomára um banho em vinho branco para conservar a sua rara belleza...

A semelhança que existe entre Edimburgo e Athenas, e que tem sido constatada por quasi todos os viajantes, fez com que a primeira das duas cidades se appellidasse a moderna Athenas. O dr. Clarke observa que os arrabaldes de Athenas se aproximam extraordinariamente da Escocia nos seus pontos mais elevados; e Williams, um artista escocoz, estabeleceu o confronto com Athenas, vista do mar Egeo.

Áparte os seus pontos de vista, áparte a paisagem, que é deliciosa e formosissima, Edimburgo foi, e será sempre uma cidade privilegiada pela sua Universidade, pelos seus collegios, pelas suas bibliothecas e livrarias, pelos seus homens de sciencia, e particularmente pelos seus jurisconsultos. Exceptuando o colossal monumento de Walter-Scott, a quem a Escocia tudo deve, e por quem alimenta a mais affectuosa admiração, não ha rua, *square* ou largo, em Edimburgo, que não possua a sua estatua ou o seu monumento. Ao viajante é muito grato presenciar o reconhecimento de um povo para com todos os seus grandes homens, artistas, poetas, legisladores. Em Londres os monumentos escasseiam; a não serem os de Wellington e Nelson, os dois celebrados heróes da Inglaterra, nas batalhas de Waterloo e de Trafalgar, os demais são secundarios e de somenos importancia.



Para aquelles que, como eu, já tinham percorrido os lagos da Suissa e da Italia, o lago escocoz não

podia offerecer uma grande novidade. O lago italiano é o mais alegre de todos os lagos, pela côr azulada das suas aguas, pelo bom sol radioso que n'ellas se reflecte, illuminando-as docemente, pelas frescas *villas*, pelas deliciosas casas, muito brancas, que as orlam e enfeitam.

Entre o lago suisso e o lago escocez, a differença é tambem grande e profunda. Áparte o lago dos *Quatro Cantões*, onde está, por assim dizer, compendiada toda a Suissa historica, lendaria e pittoresca, do mesmo modo que o Rheno resume toda a Allemanha artistica e poetica; áparte aquelle, o lago suisso quasi se poderia considerar uma verdadeira bahia, pelo seu aspecto e pela sua vastidão. O lago escocez é antes uma serie de lagos juxtapostos, pelo grande numero de ilhas e ilhotas que o ornamentam e povoam, do que propriamente um unico lago. Percorra-se o *Loch Lomond*, intitulado pelos naturaes do paiz a *rainha dos lagos*, e ver-se-ha a prova do que deixamos dito. No lago *Katrine* é onde se encontra a formosissima *Ellens-isle*, o theatro de acção do immortal poema de Walter Scott — *The lady of the lake*.

A vegetação tambem varia de lago para lago. No lago suisso, a vegetação destaca-se pelo sombrio e carregado das suas côres; no lago italiano, o sólo é trabalhado pela mão do homem, e dá-nos a ideia de um jardim bem cuidado e agradabilissimo.

As montanhas que orlam os lagos escocezes, e lhes servem de sentinellas vigilantes, estão cobertas,

durante o anno, por uma deliciosa relva, como se alguém tivesse estendido por sobre ellas um bello tapete verde. É seguramente encantador á vista este estado da natureza, mas monotono, em geral, pela uniformidade e falta de variedade. A vegetação suissa é mais abundante, e, n'um ou n'outro ponto, quasi selvatica e phantastica, como succede no Rigi, principalmente se o confrontamos com o Pilate, um monte escalvado, que lhe faz *pendant*, semelhando um esqueleto.

Os vapores que percorrem os lagos da Escocia teem bufete a bordo, e comportam grande numero de passageiros, entre os quaes se vêem sempre muitos estrangeiros e as mais excetricas *ladies* da aristocracia ingleza, lendo o seu author predilecto e trazendo invariavelmente vestido o seu *Water-proof*.

No dia em que percorri o *Lochlomond* impressionou-me o grande numero de velhas feias, que iam a bordo. Disseram-me que eram todas duquezas. Fiquei, então, sabendo que *lady*, velha e feia, que encontrasse, em Inglaterra, era duqueza. Escusava de perguntar.

*
* *

Uma vez que, por incidente, fallei na Suissa, devo dizer que, mais ainda do que as suas soberbas montanhas e os seus lagos apraziveis, me impressionou o facto moral de não ter encontrado nunca, quando a percorri, nem um vadio, nem um mendigo, nem um analfabeto.

Quando Luiz XIV perguntou a Colbert, como era que, governando um paiz tão grande e populoso, como a França, não tinha podido vencer uma nação tão pequena, como a Hollanda, o ministro respondeu: Senhor é porque a grandeza de um paiz não depende da extensão do seu territorio, mas do caracter do seu povo.

Encravada no meio da Europa, a Suissa tem sabido impôr-se ao respeito e á consideração das outras nações por uma administração modelo e pela superioridade da sua constituição federal, a qual, no seu artigo 2.º, diz assim: «*A Confederação tem por fim assegurar a independencia da patria contra o estrangeiro, manter a tranquillidade e a ordem interna, proteger a liberdade e o direito dos confederados, e augmentar a sua prosperidade commun.*»

Uma noite de agosto, atravessava eu o lago de Zurich, com o meu mallogrado amigo Trigueiros de Martel, quando, ao longe, divisámos uma enorme multidão que se aproximava, alegre e ruidosa, cantando, em *marche aux flambeaux*.

Perguntei ao bateleiro o que significava aquillo. — São os estudantes da Universidade, festejando o regresso de um professor, que esteve gravemente doente—respondeu-me.

E eis aqui como é verdadeira a phrase de Colbert: a grandeza de um paiz não depende da extensão do seu territorio, mas do caracter do seu povo.

Não ha na Suissa vassallos, nem privilegios de

logar, de nascimento, de pessoas ou de familias (art. 4.º).

A confederação não tem direito a manter tropas permanentes (art. 13.º).

O serviço militar é obrigatorio para todos os cidadãos suissos. Os militares que no serviço militar perderem a vida ou ficarem com a saude alterada d'um modo permanente terão por si ou por suas familias, se estas forem pobres, direito a soccorros pagos pela Confederação (art. 18.º).

Não é permittida a existencia de casas de jogo (art. 35.º).

A liberdade de consciencia e de crenças é inviolavel (art. 49.º).

Nos limites compatíveis com a ordem e os bons costumes, é garantido o livre exercicio de cultos (art. 50.º).

A ordem dos jesuitas e as sociedades suas filiaes não podem ser recebidas em parte alguma da Suissa. Fica prohibida a sua intervenção quer na egreja quer na escola (art. 51.º).

A superioridade da Suissa está, sobretudo, no caracter do seu povo. Se amanhã a guerra se declarasse, não havia um unico suiso válido que deixasse de pegar em armas para defender a sua patria. O verdadeiro patriotismo não é outra cousa senão a comprehensão do dever.

É porisso que os suissos teem pela escola um verdadeiro culto, porque a ella devem, effectivamente, o que são e o que valem. As suas escolas com-

munaes e profissionaes são verdadeiros templos, onde se ministra o ensino elementar e complementar, e onde se aprende tambem a trabalhar, de modo que todo o suisso fique habilitado a ganhar a vida com honestidade e independencia.

Aos que ainda duvidam da efficacia e da moralidade dos governos federaes, ahi lhes deixamos apontados alguns artigos da constituição suissa, como prova.

E nem se diga que um paiz, por ser pequeno, se não póde defender!

A Suissa não conta mais de dois milhões e quinhentos mil habitantes; não tem marinha; não tem um exercito em pé de guerra; e, todavia, ainda não ha muito que ella fez recuar a Allemanha e faria recuar qualquer outra nação, que se lembrasse de a atacar, por mais poderosa que fosse.

Portugal tem uma população de quatro milhões e quinhentos mil habitantes, e gasta seis mil contos annualmente com a sua marinha e o seu exercito permanente; e, apesar d'isso, foi preciso abrir uma subscrição nacional para a defeza da patria.

Se carecessemos ainda de comparar a monarchia com a Republica, não podia o parallelo ser mais frizante nem mais eloquente.



V

NOVAMENTE EM PARIS

INTERVIEWS.—CRAWFORD.—O BANQUETE DA UNIÃO MEDITERRA-
NEA.—GROMIER.—A REUNIÃO DO CAFÉ RICHE.—AUGUSTO
VACQUERIE E CAMILLO PELLETAN.—JORNAL E JORNALIS-
TAS.—A PROPAGANDA CONTRA O TRATADO.—O TRIUMPHO
DE PORTUGAL E DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ.



EGRESSEI a Paris, precisamente nas ves-
peras da publicação do ignominioso tra-
tado.

Uma noite seguia eu pelos grandes
boulevards, quando, de repente, ouvi alguém que, a
distancia, me chamava.

Era Crawford.

—Que desejava fallar-me! disse.

E, instinctivamente, caminhámos ambos na direcção do *Café Riche*, onde nos sentámos, junto a uma das pequenas mesas exteriores.

Crawford é um moço de vinte e quatro a vinte e cinco annos, d'uma extraordinária vivacidade, intelligente, activo e estudioso. Estava, em Lisboa, por occasião do *ultimatum* e conhece alguma cousa a lingua portugueza. O modo violento porque nos aggreddiu valeu-lhe um merecido correctivo da nossa imprensa, que o obrigou a ausentar-se de Portugal. É hoje, em Paris, o correspondente do *Daily News*, e um dos mais distinctos membros da imprensa ingleza.

A conversação recahiu naturalmente sobre o conflicto anglo-portuguez. Era a questão do dia. Crawford desejava ouvir a minha opinião sobre o assumpto. O *Standard*, chegado n'aquella tarde, inseria o tratado na integra. Embora fossem já conhecidas algumas das suas clausulas, é certo que foi aquelle periodico o primeiro a revelar-nos o miseravel attentado.

Subiu de ponto a minha estupefacção ao lêr o triste e humilhante documento.

—Se o *ultimatum* era uma humilhação, o tratado é uma deshonra, ponderei. E para isto se gastaram seis mezes em negociações diplomaticas! Creia-me, sinceramente: o tratado representa para nós a perda total do nosso dominio em Africa. «É a historia do lobo e do cordeiro da fábula.»

Crawford ouviu-me, durante duas horas, com o

maior interesse e a maxima attenção. Depois retirou-se.

Longe, porém, estava de suppôr que acabava de ser *entrevistado* pelo jornalista inglez.

No dia seguinte, era o dia 23 de agosto, o *Daily-News* publicava toda a nossa conversação, enviada de Paris por telegraphia.

Assim se faz hoje a *reportage* dos jornaes inglezes e americanos!

*
* *

Por esse tempo celebrava a *União Mediterranea* o seu banquete mensal. Gromier havia-me pedido para ali expôr e apreciar a questão anglo-portugueza.

A *União Mediterranea* assenta sobre as seguintes bases:

1.º — Unificação do calendario: — adopção do meridiano internacional de Jerusalém, proposto ao mundo sabio pela academia das sciencias de Bolonha, como meridiano inicial universal; — applicação immediata da hora universal, conjunctamente com a hora local, á telegraphia e á telephonia internacional;

2.º — Uniformidade dos pezos, das medidas, da moeda, segundo o systema metrico decimal, para impedir, no Oriente, a supremacia do ouro inglez, a do thaler de Maria Thereza, e a piastra aliatoria e variavel;

3.º — Uniformidade das tarifas postaes e dos sêllos do correio. Em todo o dominio da *União Mediterranea* deveria empregar-se, como na Suissa, es-

tampilhas de 5 centimos para os bilhetes postaes; para as cartas, até ao peso de 15 gr., estampilhas de 10 centimos; para os impressos, até ao peso de 50 grammas, estampilhas de 1 centimo;

4.^o — Uniformidade das tarifas telegraphicas: 50 centimos as primeiras dez palavras, e 2 centimos por cada palavra suplementar;

5.^o — Liberdade de pesca e de cabotagem ao longo das costas mediterraneas, e gratuidade dos desembarques em todos os portos d'este littoral para os navios, pertencentes aos paizes das margens allia-das;

6.^o — Uniformidade dos preços kilometricos de transportes maritimos e uniformidade das tarifas ferroviarias;

7.^o — Abolição de todo o passaporte, de todas as peias, de todos os tributos, e suppressão das alfandegas no interior da *União Mediterranea*, quer dizer — plena liberdade de communicações pessoaes e de troca entre os paizes, que compõem a *associação internacional economica*.

São estas as bases do *Zollverein Mediterraneo*, elaboradas pelo seu generoso fundador, o nosso pres-tante e dedicado amigo Gromier

Reproduzo aqui o extracto do discurso, tal qual foi publicado pelos jornaes francezes e portuguezes.

Magalhães Lima disse:

«Que a Africa está na ordem do dia; e, fallando-se da Africa não podia deixar de se fallar de Portugal.

«Que se sentia feliz por ver reunida, em volta

d'aquella mesa, a familia latina — a França, a Italia, a Hespanha, Portugal e até o Brazil. Que esperava que o seu illustre amigo Ruiz Zorrilla, um dos chefes mais queridos e populares da democracia hespanhola, um politico de rara coherencia e tenacidade, nos viria dár ali a boa nova, ácerca do futuro da Hespanha. Que sabia que Cipriani, um martyr glorioso, não deixaria de nos dizer o que era a Italia *irridenta*, isto é, a Italia livre e emancipada. Que, emfim, tinha a certeza que Oscar de Araujo, o representante official do Brazil, havia de affirmar tambem ali o quanto o Brazil se sentia feliz e prospero com a proclamação da Republica.

«Não devemos esquecer Portugal, n'um momento de opprobrio e de quasi lucto nacional para esta outr'ora altiva nação. Portugal, o pequeno e heroico paiz, que foi, no seculo XVI, a primeira potencia maritima do mundo, herdando de Veneza o sceptro dos mares; Portugal foi para a Africa o que os hespanhoes foram para a America—o primeiro colonizador e civilizador africano, accrescendo a isso que, ainda no grande continente americano, partilhou a gloria de ter descoberto o Brazil.

«Uma nação que tem semelhantes tradições historicas, por um legitimo direito adquirido, não póde nem deve ser esquecida. Mas Portugal não foi só grande no passado, ha de sel-o tambem no futuro. Os povos, é certo, não vivem, apenas, pela sua historia. Portugal, porém, tem todas as condições, a capacidade moral e intellectual indispensaveis, para, no

seculo XIX, acompanhar a humanidade, na sua evolução de progresso e de civilisação. Nem d'outro modo se explica a grande sympathia, como que um fanatismo, que existe da parte dos portuguezes para com a França, a nação do talento, da honra e do progresso.»

Analysa aqui largamente a tratado anglo-portuguez, sob o ponto de vista territorial e commercial, tendo, á vista, o mappa publicado pelo *Seculo*, que corre de mão em mão, e exclama:

«Materialmente o tratado é uma espoliação, uma usurpação industriosa; moralmente uma vergonha, uma deshonra, uma humilhação. Não é um tratado, é uma imposição brutal, estúpida, selvagem. É o attentado mais vil que a historia portugueza regista.»

Cita, a proposito, a opinião dos dois eminentes patriotas Latino Coelho e Rodrigues de Freitas.

Latino, antigo ministro da marinha, reputação europeia, professor e pensador profundo, escreve: «a conquista de Portugal por Filippe II não foi tão humilhante, como o recente tratado. A soberania de Portugal perde-se, não só na Africa oriental, senão também na occidental. Ficamos sendo uns simples feudatarios dos inglezes. Angola e Moçambique ficam na situação do Egypto.»

Rodrigues de Freitas, antigo deputado, tão digno pelo seu generoso espirito, como honrado pelo seu character, diz: «De todos os tratados é este o que significa maior perda de territorios. A quem tiver mil contos, se, na estrada, lhe roubam cem, ainda

fica com 900, mas nem por isso deixa de ser roubado.»

E de quem é a culpa da miseravel humilhação por que estamos passando? pergunta o orador. — A culpa é da monarchia, pura e simplesmente, porque ambos os partidos, que se teem revezado no poder, são cúmplices nos successivos attentados contra a integridade territorial e a independencia nacional.

As outras nações poderão considerar-nos um povo de covardes. Mas não devemos nunca confundir a responsabilidade dos governos com a responsabilidade dos povos.

Qual será o meio de evitar no futuro semelhantes villanias?

Internamente, proclamando a Republica, para reabilitar o credito abalado. Externamente, procurando na federação ibérica a garantia á nossa futura independencia, como nação livre e autonoma.

*
* *

As *interviews* e as conferencias seguiram-se depois sem interrupção. A imprensa franceza não nos era a principio inteiramente favoravel. A uma propaganda tenaz, energica, ininterrupta se deve o enorme triumpho que o partido republicano portuguez alcançou no estrangeiro. E não só o partido republicano, senão tambem o paiz, diga-se bem alto e para honra nossa!

Foi o notavel publicista Eugéne Fournière o pri-

meiro que me entrevistou. A nossa conversação foi publicada no *XIX.^{me} Siècle*, e reproduzida pela imprensa portugueza, hespanhola, franceza e ingleza.

O *Temps*, que havia apreciado o tratado de um modo vago e equivoco, interpellou-me, sobre o assumpto, o que deu logar, da minha parte, a uma réplica vehemente, inserta n'aquella folha, que terminava pela seguinte apostrophe:

«Valia mais perder toda a Africa do que aceitar semelhante tratado. Teriamos, pelo menos, salvado a honra.»

No mesmo dia em que a reputada folha parisiense publicou a minha carta, fui procurado por muitos jornalistas francezes e estrangeiros, que desejavam orientar-se sobre a questão. O *Siècle*, que passa, em Paris, por ser a folha do Elyseu e do ministerio dos negocios estrangeiros, publicou tambem uma *interview*, ácerca do tratado, o que foi considerado, por todos, como um facto de alta importancia politica.

E foi, para me poupar a estas repetidas conversações, que eu resolvi fazer uma conferencia publica sobre uma questão, que já não era simplesmente portugueza, mas europeia.

*
* *

A grande reunião realisou-se no dia 9 de setembro, no salão nobre do *Café Riche*.

A mesa da presidencia ficou constituida da seguinte fórma — presidente: Ernesto Garcia Ladevese,

advogado hespanhol, e correspondente do *Liberal*, de Madrid, da *Nacion*, de Buenos-Ayres e do *Monitor*, do Mexico; Eandi, o correspondente do *Secolo*, de Milão, e Xavier de Carvalho.

À entrada do salão recebia os convidados o nosso amigo Gromier, a quem o partido republicano deve uma boa parte do exito obtido n'esta importantissima conferencia, pela sua dedicação, pela sua actividade e pelo seu amor ás cousas portuguezas.

Fizeram-se representar quasi todos os jornaes parisienses, italianos, hespanhoes, inglezes, e alguns allemães e russos. Dos inglezes viam-se ali os representantes do *Standard*, do *Morning Post*, do *Daily News* e do *Daily-Telegraph*. Entre os portuguezes que assistiam, notavam-se os nossos amigos João Jacintho Fernandes, Rodrigo Soares, Joaquim Coimbra, Jorge Godinho, Domingos Pinheiro, Augusto Martinho, Claudino Araujo, etc.

Esta reunião fraternal—escrevia no dia immediato o nosso collega da *Lanterne*—tinha sido organizada pelos representantes da imprensa republicana hespanhola, portugueza e italiana, que offereciam um *punch* á imprensa parisiense.

Entre os assistentes encontravam-se os snrs. Ruiz Zorrilla, que, depois de ter occupado um dos mais altos cargos em Hespanha, se encontra, em França, exilado ha dezeseis annos; Magalhães Lima, director do *Seculo*, de Lisbôa, um dos cooperadores no grande movimento de indignação, que levantou Portugal contra o tratado anglo-luso; Andrea Costa, repellido

da Italia pelo odio de Crispi; o deputado italiano Diligenti; o deputado francez Camillo Pelletan e o nosso collega, Augusto Vacquerie.

Em poucas palavras, o snr. Ladevese dá as boas vindas aos seus confrades parisienses:

«Se os diplomatas, disse elle, são os representantes dos governos, os jornalistas são os representantes dos povos; elles podem reivindicar este titulo, porque constituem, na realidade, a vanguarda da civilisação e do progresso; o seu dever e a sua força consistem em saber e em dizer toda a verdade.»

O snr. Magalhães Lima tomou, em seguida, a palavra, em nome de Portugal:

Principiou por saudar a França republicana, segunda patria dos portuguezes pelo coração e pelo espirito, e fez, em seguida, a apologia da imprensa franceza, a gloriosa directora do mundo. Fallando do tratado anglo-portuguez combateu-o asperamente, porque n'elle se concedem á Inglaterra 640:000 kilometros quadrados. Ficámos de joelhos em frente da nação inimiga, porque mesmo para o futuro não podemos ceder um palmo de terreno das nossas possessões africanas, sem o consentimento da Inglaterra.

«Se estivessemos mais perto dos Pyrineus de ha muito já estaríamos em Republica; e, se hoje esperamos ou parecemos estar na expectativa, é por causa da Hespanha, d'onde deve vir o signal, em breve. Porque o momento solemne chegou. É necessario ficar sabendo, desde hoje, se a França está disposta a deixar-nos calcar aos pés, sem nos dirigir

uma palavra d'affecto e de sympathia, ante a infame espoliação ingleza, que reduz Portugal a uma especie de Polonia. Precisamos saber se, no momento em que a Inglaterra nos deshonra, podemos contar com os povos que nos estão unidos por afinidades de raça e de civilização.

«Emquanto se discutia o tratado, o ministro de Portugal, em Londres, bateu á porta de todos os embaixadores, perguntando a cada um d'elles, por sua vez, se podiamos contar com o apoio de uma nação forte. Só a Hollanda e a Russia prometteram o seu auxilio e o seu concurso, se, acaso, outra qualquer potencia da Europa tomasse a iniciativa.

«Quando a consciencia publica se acha tão agitada, em Portugal, fazemos um appello á fraternidade de todos os povos latinos, sobretudo da França republicana, pedindo a todas as nações que empeçam o desmembramento de Portugal e os seus funeraes. Hoje não existe mais o que antigamente se chamava politica nacional: ha apenas politica internacional. Como os oceanos, as sociedades teem as suas correntes, e um povo que não segue essas correntes é um povo que marcha fatalmente ao suicidio.

«Um paiz não deve ser considerado pela sua extensão, mas sim pelo seu character. Victor Hugo já dissera uma vez: não ha pequenas nações, o que ha é pequenos homens. Pois bem! se hoje somos pequenos é porque estamos de joelhos. É necessario, a todo o transe, erguer a nossa patria, e tornal-a livre e emancipada.

«E, quando estivermos todos unidos, veremos depois se a Inglaterra ainda ousará tratar-nos de uma maneira tão aviltante! Seremos fortes e independentes pela federação. O que Portugal foi no passado, póde ainda sê-lo no futuro. Tem a capacidade moral sufficiente para seguir o progresso. A sympathia que sente pela França é uma afinidade de raça que nos tornará grandes para a liberdade; e não temeremos mais, de futuro, nenhum outro conflicto, como aquelle que acaba de dar-se em Africa, collocando-nos nas mesmas condições do Egypto e reduzindo-nos á vassallagem da Inglaterra.

«Sobretudo o que é necessario affirmar bem alto, n'este logar, é a união latina, para que se saiba bem que houve, ao menos, no mundo um protesto contra a vergonhosa espoliação. O acto que aqui estamos praticando é um dever de solidariedade que a historia registará.

«Ainda se não proclamou a Republica, no meu paiz, porque se receia uma intervenção da parte da Hespanha e da parte da Inglaterra. Hoje que a nossa independencia está ameaçada, esses receios desapareceram. Portugal sabe que a perda do seu territorio é devida á dynastia de Bragança. Foi por causa da dynastia de Bragança, que nós perdemos as Indias e o Brazil: continúa agora as suas tradições. Se Portugal não fôr capaz de supprimir, em pouco tempo o rei e a dynastia, ficará sendo um paiz indigno da consideração dos povos latinos.»

Leu depois as duas propostas seguintes:

1.^a—Os portuguezes presentes enviam á imprensa de Lisbôa e Porto um telegramma, affirmando inteira solidariedade n'este movimento patriótico de protesto nacional contra o roubo inglez, consentido por um governo traidor á patria.

2.^a—A assembleia envia, por telegramma, á nação portugueza, que geme, actualmente, sob a tyrannia da Inglaterra, uma declaração sincera de sympathia effectiva e de solidariedade moral, fazendo votos para que a França, a Hespanha e a Italia se oppo-nham a que se deixe fazer de Portugal uma nova Polonia.

Seguiu-se o eminente estadista e valente exilado Ruiz Zorrilla:

«Sobre Portugal nada tem a dizer senão que está de alma e coração com os portuguezes. Pede á imprensa que estude a historia d'este pequeno e glorioso povo. O tratado ataca os interesses portuguezes em Africa. A imprensa franceza deve defender a causa de Portugal.

«A offensa feita a Portugal é como se tivesse sido feita á Hespanha tambem. São duas nações irmãs.»

Fallam depois os dois deputados italianos Dilingenti e Andrea Costa.

Apenas faltava ouvir a voz da França. Encontram-se na sala Augusto Vacquerie, Camillo Pelletan, Emile Gautier e muitos dos principaes jornalistas parisienses. Os assistentes voltam-se para Pelletan e Vacquerie.

Pelletan, o brilhante deputado d'Aix, o redactor

da *Justice*, produz um discurso magistral. É um orador moderno, sem phrases e sem declamações inuteis. Falla com a precisão de um mathematico, com o rigor de um analysta profundo. Cada phrase é, por assim dizer, um discurso. Foi altiloqua a sua peroração, grandiosa, vibrante. Os applausos irromperam de todos os lados. A reunião fecha com chave de ouro.

Seguiu-se Vacquerie, o grande, o primeiro amigo de Victor Hugo.

«Aqui não ha senão compatriotas. Todos nós somos filhos do mesmo seculo, embora tenhamos cada um a nossa patria particular, *en attendant* a nossa grande patria commum, que é a Europa d'amanhã, onde todos devemos ser concidadãos.»

Uma immensa, uma prolongada ovação acolhe este discurso brilhantissimo.

Alma feita de luz, coração diamantino, Augusto Vacquerie é o mais decidido apostolo da federação latina, de que foi excelso evangelista o *Mestre* incomparavel. As columnas do seu jornal *O Rappel*, o mais conceituado de todos os jornaes parisienses, foram-me franqueadas com um desinteresse, uma delicadeza e um desassombro, que me orgulho de registrar, n'este logar, e a que não poderei nunca ser sufficientemente grato e reconhecido. Sempre que, em Paris, precisámos de defender a causa de Portugal e a causa do partido republicano, encontrámos no *Rappel* o mais franco, o mais leal e o mais sincero dos acolhimentos, o que era, certamente, devido

á bondade de character e ás convicções republicanas de Augusto Vacquerie — um puro e um spartano.

O *punch* da *Café Riche* teve, felizmente, um ecco internacional. No dia seguinte áquelle em que se realisou a reunião, quasi todas as folhas europeias se occuparam dos discursos, ali pronunciados e das affirmações feitas pelos representantes dos differentes paizes latinos. Os artigos do *Rappel*, do *Temps*, do *Évenement*, da *Justice*, do *Siècle*, da *Lanterne*, do *Petit-Journal*, do *Eclair*, do *Petit-Parisien*, da *Presse* produziram grande effeito em Paris. As folhas italianas *Secolo*, *Gazzeta del Popolo*, *Fanfulla*, *Capitan Fracassa*, *El Diritto*, *La Capitale*, *Gazzeta di Torino*; as hespanholas *Liberal*, *Pais*, *Globo*, *Epoca*; as inglezas *Daily-News*, *Daily-Telegraph*, *Standard*; as allemãs *Volkblatt* — todas consagraram artigos e noticias a esta deslumbrante manifestação da fraternidade latina.



Essa noite memoravel marcou, para a imprensa europeia, o principio de uma campanha formidavel contra o tratado e contra a Inglaterra. A *Associação Internacional dos professores* convidou-me para realisar uma conferencia nas suas salas. De Berlim, de Milão, de Barcelona e de muitas outras cidades da Europa recebi eguaes convites e eguaes solicitações.

A questão portugueza era por todos considerada, como a grande questão internacional do dia. A triple-alliança, receiando a quédia da casa de Bragança, e

n'um interesse puramente dynastico, resolveu intervir junto da Inglaterra a favor de Portugal. Bem sabia que a quéda dos Braganças daria, como consequencia immediata, a Republica em Hespanha, e, como consequencia remota, a federação latina, e por isso se apressou a vir á estacada na defeza do principio monarchico ameaçado.

Nada d'isso, porém, impediu que a propaganda contra o tratado continuasse, na imprensa franceza, nos termos mais energicos e violentos. Proseguiram as *interviews*. O *Eclair*, o *Rappel*, a *Lanterne*, o *Four*, a *Presse*, o *Petit-Parisien* e muitos outros publicaram as conversações que haviam tido commigo sobre o assumpto. Os jornaes hespanhoes, italianos, allemães e até os inglezes referiam-se a esses artigos, transcrevendo-os e apreciando os.

Era completo o triumpho para Portugal e enorme o successo para o partido republicano. Nunca o nosso paiz havia sido tão fallado e discutido; nunca o partido republicano portuguez havia despertado tanto interesse e alcançado tamanha victoria.

Não tenho ambição. Nada quero e nada pretendo. Mas sentia-me feliz e orgulhoso, por me encontrar em condições de poder prestar um serviço ao meu paiz e ao meu partido.

*
* *

Entre os diversos jornalistas, que se occuparam de Portugal, devo especialisar Gromier, Charles Bos,

Gaston Rébillat. Charles Mayet, Izidore Aurio, Léger Bersoeur, Lucien Vonoven, Régis Delboeuf, Maurice Leudet, Adolphe Possien, Albert Felix, Victor Flachon, Tamburini, Eugène Fournière, Edmond Bazire, Ernesto Bark, etc. não contando, é claro, os dois grandes mestres do jornalismo francez — Augusto Vacquerie e Camillo Pelletan.

De todos estes bons e leaes amigos guardo as provas mais eloquentes de affecto e de solidariedade moral e politica. Conservo e conservarei sempre, no meu espirito, os seus nomes queridos, que me recordarão, em todas as phases da minha vida, os serviços relevantissimos, que, n'um momento de adversidade, se dignaram de prestar a meu paiz e ao meu partido.

bibRIA



bibRIA



VI

A BELGICA

O TRATADO ANGLO-PORTUGUEZ E OS BELGAS.—A MAISON DU PEUPLE.—A COOPERATIVA VOOREIT, DE GAND.—A ORGANISAÇÃO DO PARTIDO OPERARIO SOCIALISTA.—O SEU PROGRAMMA.—LUIZ BERTRAND E ANCELLE.—A REALEZA.—A SITUAÇÃO MINEIRA.—A QUESTÃO DO PÃO.—O CARVÃO.



O *Seculo XIX*, de Paris, dizia eu: O famoso tratado anglo-portuguez trará, como consequencia, um novo conflicto com a Belgica. E não nos enganámos! Na redacção da *Independencia belga*, que visitei expressamente para sondar a opinião dos seus redactores, a tal respeito, asseguraram-me que eram terminantes e concludentes os termos do referido tratado, relativamente

às pretensões de Portugal sobre o Muata-Yamvo; que a Inglaterra se absteria cuidadosamente de consignar que fossem legítimas as pretensões de Portugal sobre o Muata-Yamvo, e que simplesmente se limitara a declarar *que se não opporia* aos esforços, empregados por Portugal, para ficar senhor d'aquella região; que isso não passava, por tanto, de uma declaração da neutralidade ingleza, relativamente ás reivindicações rivaes de Portugal e do Congo belga.

E aqui está uma prova bem clara da manha, da astucia, da ardileza e da insidia com que o tratado foi forjado por parte da Inglaterra. Não podiam ser mais tristes os commentarios que, por tal motivo, eu ouvia fazer no estrangeiro. Não bastava que o tratado, com a livre navegação do Chire e do Zambeze, nos deixasse inteiramente expostos á cubiça da Inglaterra, por um lado, e da Allemanha, por outro. Ainda para mais nos enredava n'um novo conflicto colonial com uma nação amiga. E nem se diga que qualquer questão levantada tinha de ser submettida á arbitragem. A origem do conflicto ficava de pé, embora tivesse de intervir, para o resolver, o conselho federal suiso. A habilidade teria sido evitar taes attritos, poupando a nação a novas hostilidades e a novos vexames.

*
* *

Visitei a *Maison du Peuple*, em Bruxellas, e, com sinceridade, devo dizer que d'aquella visita trouxe uma impressão ainda mais agradável e profunda do

que aquella que me foi dado ter, quando visitei a *Bolsa do Trabalho*, em Paris.

Na grande sala das sessões lê-se o seguinte, no alto da parede:—*Socialismo; Sciencia; Trabalho; Collectivismo; Do escravo sahii o servo; do servo o trabalhador assalariado. Queremos o trabalhador livre e associado.*

N'estas simples palavras, que hoje constituem uma das principaes reivindicações do operariado moderno, está, por assim dizer, resumido o pensamento que serviu de base á fundação *Casa do Povo*.

A *Bolsa do Trabalho* é uma vasta associação de solidariedade e cooperação de classe, que tem, por fim, como n'outro logar dizemos, regular a lei da offerta e da procura do trabalho, para que este nunca escasseie ao operario, e para que os patrões aceitem os preços que racionalmente são devidos aos productores.

A *Casa do Povo* tem, principalmente, por fim a cooperação dos trabalhadores, o que não quer dizer que não estenda tambem a sua acção aos syndicatos de artes e officios, no intuito de promover o interesse de classe.

O movimento operario da Belgica é, sem contestação alguma, um dos primeiros da Europa. A *Casa do Povo* que conta, presentemente, para cima de 4:000 associados, é um modelo de organização, de ordem, e de boa disciplina. Todos os operarios do mundo deveriam ir ali inspirar-se no honrado exemplo que os operarios belgas podem já hoje dar aos

seus companheiros da Europa. A *padaria*, o *talho* e a cooperativa do *carvão* são, no genero, o que de melhor temos visto. A padaria produz 32:000 pães por semana, da melhor qualidade, e dá um beneficio ao consumidor de 10 reis, aproximadamente, em cada pão, que é levado aos domicilios em carroças, puxadas por cães.

No limitado espaço de tres semanas, comprou a cooperativa do carvão 16 barcos, carregados d'esta mercadoria, possuindo 5 cavallos para a condução do genero.

O talho tem tambem um grande consumo e dá um lucro de 10 reis em kilo. Além d'isso, com um supplemento de 10 reis semanaes, o operario, que adoece, tem direito a sete pães por semana, á visita gratuita do medico, e aos medicamentos que lhe são fornecidos pela pharmacia.

Annexa á *Maison du Peuple*, ha outra sociedade — *Les solidaires* — sociedade de propaganda anti-clerical, encarregada de promover gratuitamente o registo civil. Assim, para um casamento ou enterro civil, os pretendentes não tem mais que dirigir-se á camara municipal, onde, á custa da mesma sociedade, lhes serão immediatamente satisfeitas as suas pretensões.

*
* *

O *Vooruit*, de Gand, é uma das primeiras sociedades cooperativas da Europa. É seu gerente o cele-

bre socialista Ancelle, um dos principaes agitadores do movimento operario de 1886.

A padaria *Vooruit*, palavra que significa *A'vante*, póde servir de modelo ás instituições d'este genero. Conta 4:500 familias associadas, e possui installações de primeira ordem: 3 magnificos predios, com salas de espectaculo e de reunião, grandes cafés e restaurantes, armazens de calçado, de vestuario, de ferreiro, de carvão, de alimentação, etc. É baseada exclusivamente sobre os principios socialistas. Na parede de uma das casas lê-se o seguinte: «*esta fabrica de pão de que nós nos ufanamos, não é mais do que um pequeno começo do que nós podemos pela solidariedade.*» Cada pão é vendido a 35 centimos, dando de lucro, no fim do semestre, ao associado, 12 centimos, ficando, portanto, o seu custo reduzido a 22. Em egual praso de seis mezes, o fundo de reserva subiu a 41:000 francos. Parte d'este dinheiro é destinado á propaganda socialista. Por occasião de uma das ultimas *grèves*, a sociedade distribuiu aos *grévistas* 6:000 pães gratuitamente.

Como annexo, ha uma sociedade de soccorros mutuos, com tres pharmacias. Esta sociedade, mediante um supplemento de 6 centimos, por cabeça, distribue aos associados enfermos 6 pães por semana e medico e pharmacia gratuitos, podendo estender-se este beneficio ás mulheres e filhos dos socios, desde que paguem dois centimos semanalmente.

O mais curioso, porém, é o outro annexo, intitulado—*Bolsa dos doentes Moyson*, que conta já hoje

14:000 associados. Todo aquelle que pagar 30 centimos por semana, ao cabo dos primeiros trez mezes, tem direito ao medico e botica gratuitos, durante o tempo da doença; e, se esta se prolongar por mais de um anno, receberá ainda 15 francos por semana.

O *Vooruit* distribue aos seus associados um lucro liquido de 100 por 100, que paga em generos, para evitar qualquer extravagancia ou esbanjamento. Tem tambem o seu jornal diario.

Le *Peuple*, de Bruxellas, tira, em média, 28:000 exemplares, tendo já attingido 48:000 numeros. O *Vooruit*, de Gand, tira cada semana 18:000 exemplares.

*
* *

O partido operario belga está organizado *nacionalmente*. É, de facto, belga pela sua organização, mas nem porisso deixa de acompanhar os partidos operarios das outras nações.

O *conselho geral* é eleito n'um congresso. Sempre que, n'uma mesma localidade, haja muitas associações filiadas no partido, estas sociedades reúnem com a representação de 3 delegados, e constituem a *federação local*, abaixo da qual se encontram ainda a secção, a camara syndical, o club de propaganda. Pódem inscrever-se como socios do partido operario todos os individuos que assim o desejarem. Basta para isso que o comuniquem ao conselho geral.

O conselho geral é, por assim dizer, o comité executivo do partido, e incumbe-lhe executar as de-

liberações do congresso, de se corresponder com as sociedades filiaes, e de fazer a propaganda, por meio de *meetings*, conferencias, manifestos, opusculos, etc.

As sociedades filiadas no partido pagam ao conselho geral 10 centimos, por cabeça, annualmente. As federações locaes fixam ellas mesmo a sua cotisação.

No seio do conselho geral, ha tambem instituida a caixa das *grèves*, gerida pelo mesmo conselho. A cotisação é de 1 centimo semanal, por cabeça, ou sejam 52 centimos por anno. Este fundo só é obrigatorio para as sociedades de resistencia, as camaras syndicaes, e não pode ser applicado a outra cousa que não seja a sustentação das *grèves*.

bibRIA

O programma do partido operario socialista consta de duas partes: a parte politica e a parte economica.

A parte politica comprehende:

Artigo 1.º—Suffragio universal.

Artigo 2.º—Instrucção gratuita, secular, obrigatoria e integral a todas as creanças, e manutenção d'estas pelo Estado e pelo municipio.

Artigo 3.º—Separação da Igreja e do Estado. A Igreja entra na esphera privada. Suppressão do orçamento de cultos, e apropriação pelo paiz dos bens, chamados de mão morta, moveis e immoveis, pertencentes ás corporações religiosas.

Artigo 4.^o—Extensão, a todos os casos de processo, de juries e arbitros, eleitos pelo suffragio universal. Justiça gratuita, e revisão dos artigos do código, que estabelecem a inferioridade politica ou civil dos trabalhadores, das mulheres e dos filhos naturaes.

Artigo 5.^o—Suppressão das substituições ou isenções militares. Egualdade dos cargos militares, e redução do orçamento da guerra. Extincção dos exercitos permanentes. Declaração de paz ou de guerra pelo povo.

Artigo 6.^o—Os municipios, na posse da sua administração, do seu orçamento, da sua policia, e de todos os serviços publicos. Eleição para todos os cargos communaes.

A parte economica abrange:

Repouso de um dia por semana;

Proibição do trabalho dos menores com menos de doze annos;

Harmonia estabelecida entre o trabalho e a instrucção;

Proibição do trabalho, durante a noite, para os adolescentes de 12 a 16 annos;

Proibição do trabalho das mulheres na industria, sempre que esse trabalho seja incompativel com a moral e a hygiene;

Fixação, por uma lei, do dia normal de trabalho para os adultos dos dois sexos;

Commissão eleita pelos operarios e retribuida pelo Estado, para introduzir nos *ateliers* as condições de hygiene e de segurança;

Responsabilidade real e effectiva dos patrões nos accidentes do trabalho, por meio de uma lei;

Regulamentação do trabalho nas prisões, fazendo com que ao prisioneiro seja assegurado o trabalho livre, não estabelecendo concorrência nos preços com os demais operarios;

Extincção das caixas de soccorros dirigidas pelos patrões;

Extincção das licenças para trabalhar. Reorganização dos conselhos de *prud'hommes*, em bases de justiça e egualdade;

Transformação progressiva da beneficencia publica, n'um vasto systema de seguros pelo Estado, pela provincia e pelo municipio;

Abolição de todos os impostos de consumo. Supressão das alfandegas;

Acquisição para o Estado de toda a propriedade publica (caminhos de ferro, officinas, banco nacional, bens communaes, etc.).

Não é nossa intenção discutir aqui este programma. Unicamente nos occorre dizer que um partido, economicamente organizado, como o partido operario belga, tem o seu triumpho assegurado, n'um futuro mais ou menos proximo.

*
* *

Na Belgica, como na Hollanda, como em todos os paizes, hoje, creio eu, a realeza é apenas tolerada.

Para se fazer uma ideia precisa da situação da Belgica e da influencia que, n'aquelle paiz, exerce a realza, basta lêr um opusculo que, ha pouco, publicou o meu illustre confrade e prestante amigo, Luiz Bertrand, redactor do *Peuple*, intitulado—*Leopoldo II e o seu reinado*.

Em poucas palavras, a situação é a seguinte:

«Em 1866 na occasião em que Leopoldo subia ao throno, cada belga pagava ao Estado a somma de 34 francos por anno; hoje paga 55.

«Em 1865 o orçamento da despeza elevava-se a 188 milhões. Hoje é de 328' milhões.

«No mesmo anno de 1865 houve 278 quebras commerciaes. Em 1888, no fim de 23 annos de *glorioso reinado*, houve, nem mais nem menos, do que 678 quebras, como taes declaradas.

«Em 1865 tinham sido condemnados nos tribunaes 20:513 individuos. Em 1887 este algarismo elevou-se a 39:734. Desde pois, que Leopoldo II está na Belgica, a criminalidade duplicou.

«Em 1865 suicidaram-se 338 pessoas. Em 1888 este algarismo subiu a 699.

«Junte-se a isto que, ao passo que na Hollanda quasi todos os cidadãos sabem ler e escrever, na Belgica os analphabetos estão na razão de 30 por cento da sua população.

«E, se ainda acrescentarmos as aventuras do Congo belga, que custaram ao paiz 25 milhões de francos, unicamente para satisfação da régia vaidade, e as irregularidades, commentadas no referido opuscu-

lo, da vida privada de Leopoldo II, teremos feito uma ideia do que é a realza da Belgica.»

*
* * *

Convém notar que entre os socialistas belgas se notam duas tendencias, perfeitamente accentuadas e características. Os *walonis* (e chama-se assim aos habitantes das regiões onde se falla o francez, uma parte de Bruxellas, Liège, Namur, Charleroi, Jolimont, Mons, etc.) inclinam-se a uma *grève* geral, porque adoptam processos mais energicos e revolucionarios. Os flamengos são mais frios, e entendem que os meios legais são aquelles que mais rapidamente poderão conduzir o elemento trabalhador á posse do poder.

Bertrand e Ancelle, o famoso agitador, pertencem ao numero d'aquelles que reputam toda a violencia escusada e contra-producente.

*
* * *

Muitos poetas e prosadores se teem occupado do mineiro, o grande e desventurado anonymo, filho das trévas, que morre na pobreza, enriquecendo o mundo. Não se faz uma ideia do que é esta industria, sem se visitar uma mina. Victor Hugo deu-nos o mineiro, em termos patheticos e sentimentaes, de modo a commover todos os corações. Mas Zola, descendo ás minas de Saint-Etienne, em traço realista

e descarnado, não deixou de prestar um serviço a essa valente e audaciosa legião de trabalhadores, para os quaes nunca houve perigos nem hesitações.

Proximo de Liége visitei a *Houillère Hasard*, uma mina modelo, dos snrs. Plom e Andrimont. Tomámos em Liége bilhete para Trooz, que fica na linha ferrea de Spa, e, depois de hora e meia de uma boa caminhada a pé, chegámos ao alto da montanha, onde está situada a mina, em Micheroux. Foi meu companheiro n'esta ascensão o meu bom amigo João Jacintho Fernandes.

A mina tem dois grandes poços, a uma profundidade de 300 metros, e abrangendo uma extensão de 3 kilometros e meio. Imaginem a altura da torre Eiffel, e terão feito uma ideia de quanto é preciso descer para se chegar ao fim d'esta mina, que traz occupados mil operarios na extracção do carvão.

O snr. Plom, o author do melhor escavador de minas que hoje existe na Belgica, teve a bondade de nos acompanhar n'esta curiosa e interessante excursão. Quando os mineiros, com as suas lanternas e as suas physionomias pallidas, algumas cadavericas e sepulchraes, tomaram logar no ascensor para effectuar a descida, o snr. Plom, voltando-se para nós, disse-nos: *«eis aqui uma profissão arriscada; a sociedade não considera o mineiro como deve.»*

Eram 6 horas da tarde. Subiam os trabalhadores que tinham descido de manhã; e principiava o segundo turno a sua tarefa, das 6 da tarde ás 6 da manhã.

N'aquella mina os operarios são todos celibata-

rios. Defronte das suas officinas construíram os snrs. Andrimont uma grande casa, muito semelhante a uma caserna, que intitularam *Hotel Louise*, onde pôdem acommodar para cima de 400 operarios, aos quaes, mediante 1 franco e 50 centimos diarios, é fornecida comida tres vezes por dia, lavagem e cama.

N'esta mina, que aliás encerra pouco grisú, teem sido raros os desastres e as *grèves*, o que já não succede nas outras.

A ultima *grève* mineira da Belgica originou-se n'uma reclamação, por parte dos operarios, ácerca do regulamento que dizia n'um dos seus artigos — *que todo o operario que faltasse sem motivo justificado trabalharia tantos dias de graça quantos os dias que tivesse faltado*. A substituição, por parte dos trabalhadores, era a seguinte: *todo o operario que faltar sem motivo justificado terá tantos dias de folga quantos os dias que tiver faltado*. Os patrões não quizeram aceitar a substituição, por a julgarem um pretexto para *grèves* permanentes e para a resistencia dos mineiros. Mas esse estado de cousas, que foi a causa de uma perturbação temporaria na primeira industria da Belgica — uma industria que emprega de 50 a 60 mil operarios nos seus trabalhos — encontrou felizmente uma solução pacifica e conciliadora.

*
* *

O que, principalmente, é digno de notar-se, no movimento operario belga é a sua organização eco-

nomica. E, n'este ponto, creio bem que é um dos primeiros entre os partidos socialistas da Europa. A questão do pão e do carvão — os dois elementos indispensaveis á vida das classes pobres — preocupa particularmente a atenção dos que se propõem dirigir o partido. Para isso organisaram-se as grandes cooperativas de Bruxellas e de Gand em que já lhes fallei. Mas nem só, n'aquellas duas cidades, se encontram estabelecidas associações d'este genero. Nos centros mineiros de Liége, Charleroi, Mons e Jolimont tambem existem cooperativas de pão, de carvão, afim de facilitar a existencia ás classes trabalhadoras. Em Jolimont, o centro mineiro por excellencia, ha a cooperativa *Progrés*, em nada inferior ás outras já mencionadas.

Tornar o pão mais barato, por todos os meios que a cooperação nos póde fornecer, fazendo desaparecer a fome e a miséria, tal é, actualmente, o *desideratum* de todos os grandes amigos da humanidade. Na alimentação está a base da sociedade. *Qui non manducat non laborat*. Sem alimentação, não ha trabalho nem producção possiveis.





VIII

A HOLLANDA

ASPECTO GERAL. — A FUTURA FEDERAÇÃO DOS PAIZES BAIXOS. —
A QUESTÃO RELIGIOSA. — A INSTRUÇÃO, A EDUCAÇÃO E A
INICIATIVA INDIVIDUAL. — A REALEZA. — PEDRO, O GRANDE,
DA RUSSIA. — COLONIAS AGRICOLAS E INDUSTRIAES. — O TRE-
KSCUIT E A GONDOLA. — KERMESSES. — A PATINAGEM. — O
MOINHO DE VENTO. — O TARET.



TEM-SE escripto muito sobre a Hollanda. Um escriptor define-a assim: uma especie de transição entre a terra e o mar. E um outro:—uma immensa crosta de terra, que fluctua sobre as aguas. E outros ainda consideram-n'a como um annexo do velho continente, a China da Europa, o fim da terra e o começo do Oceano. Philippe II accrescentava que era o paiz mais visinho do inferno.

Um ponto ha, todavia,— diz Edmundo de Amicis, o glorioso escriptor italiano ao qual, principalmente, nos soccorremos, n'este momento— sobre o qual todos estão de accôrdo:—A Hollanda é uma conquista do homem sobre o mar— é um paiz artificial— foram os hollandezes que a crearam— se existe é porque os hollandezes a conservam— desapparecia amanhã se os seus habitantes a abandonassem!

Quando me lembro que Amsterdam, a deliciosa cidade, é formada por 90 pequenas ilhas, ligadas entre si por 350 pontes; quando me lembro que esta cidade originalissima, especie de Veneza do norte, era uma pobre e simples aldeia de pescadores no seculo XI, de nome ainda ignorado, e que, no seculo XVIII, repellia heroicamente a invasão de Luiz XIV, e concentrava nas suas mãos o commercio de Sevilha, Lisboa, Antuerpia, Bruges e Veneza; quando me lembro dos lances historicos e das medonhas inundações por que passou; não posso deixar de sentir admiração por um paiz que é a prova provada de quanto pódem o trabalho, a coragem, a paciencia, os sacrificios, quando alliados á perseverança, ao patriotismo e á comprehensão do dever. E assim é, observa e muito bem um publicista francez, que aquella Hollanda, que os antigos mal podiam suppôr que fosse um dia habitavel, exporta cada anno productos agricolas, n'um valor superior a cem milhões de francos, possui para mais de um milhão e trezentas mil cabeças de gado, e póde ser contada, proporcional-

mente á extensão do seu territorio, entre os paizes mais populosos da Europa.

*
* *

Um dos traços mais salientes do character d'este valente e generoso povo está no grande numero de sociedades de instrucção e beneficencia, fundadas e sustentadas pela iniciativa individual. Algumas d'estas associações teem a importancia de verdadeiras instituições nacionaes. Em 1874 foi fundada, em Amsterdam, a *Sociedade de utilidade publica*, que é, por assim dizer, um segundo governo da Hollanda. O seu fim é a educação do povo. Para o attingir os seus meios são: a publicação de livros elementares; as leituras publicas, a criação de bibliothecas para operarios, de escolas de instrucção primaria e profissionaes, de escolas de canto, de casas de asylo, de caixas economicas, etc.

Esta aggremação, dirigida por uma commissão administrativa de dez membros e de um secretario geral, compõe-se de mais de quinze mil associados, divididos em 300 grupos, constituindo outras tantas sociedades independentes, espalhadas pelas cidades, villas e aldeias. Cada socio não paga mais de mil reis por anno. E é com o producto d'esta modestissima quota que a sociedade exerce, no dizer de Alphonse Esquiros, uma especie de magistratura anonyma sobre os costumes publicos, e que reúne e congloba, pelos laços de uma beneficencia imparcial

e sem alarde, todas as seitas religiosas, derramando, a flux, sobre todo o paiz, a instrucção e a beneficencia.

Na Hollanda é já hoje raro o individuo que não saiba lêr e escrever. Os professores de instrucção primaria ganham ali tanto ou mais que os lentes das nossas escolas superiores. A unica questão que, a meu vêr, agita ainda a sociedade hollandeza é a questão religiosa. E a questão do ensino não é outra cousa senão a questão religiosa. Outro tanto succede, na Belgica, embora sob um ponto de vista differente.

De tres milhões e meio de habitantes que, presentemente, conta a Hollanda, um terço é notoriamente catholico: cem mil, aproximadamente, são israelitas; tudo o mais é protestante. Os catholicos não estão divididos, e constituem uma legião clerical papista e ultramontana, a legião mais fiel ao santo padre, conforme o confessam os proprios hollandezes. Este grupo catholico que, por si mesmo, nunca teria attingido uma grande força, chegou, todavia, a alcançal-a, por causa da divisão dos protestantes n'um grande numero de seitas religiosas — calvinistas orthodoxos; protestantes que crêem na revolução, mas que rejeitam certos dogmas da egreja; protestantes que negam a divindade de Christo, sem, comtudo, se separarem da egreja protestante; protestantes que acreditam em Deus, mas que não acreditam na egreja, protestantes, enfim, que fazem abertamente profissão de atheismo, etc.

Nos Estados Geraes encontram-se, de um lado, os catholicos e os calvinistas, e de outro lado o par-

tido liberal. Foi na questão do ensino primario que os dois partidos estabeleceram o seu campo de batalha. Na Belgica é tambem a questão de instrucção o pomo de discordia entre clericas e liberaes. Ali, como aqui, os catholicos querem pura e simplesmente a suppressão das escolas actuaes, chamadas escolas mixtas, nas quaes se não ministra nenhum ensino religioso. Estas escolas seriam substituidas por outras, onde fosse introduzido o ensino dogmatico. Apesar de tudo isto, porém, de todos os paizes da Europa é a Hollanda aquelle onde é menor o numero de analphabetos.

Edmundo de Amicis, perguntando um dia a um hollandez, se, na classe das creadas de servir, haveria muitas que não soubessem lêr nem escrever, este respondeu-lhe: «Sei que ha vinte annos minha mãe tinha uma que não sabia lêr, e isso foi commentado como um verdadeiro phenomeno.»

*
* *

É ainda a questão religiosa a causa da separação dos dois paizes. Se, porém, os belgas, n'um futuro mais ou menos proximo, alcançarem o suffragio universal que reclamam, se os protestantes hollandezes, pondo de parte as suas divisões, obtiverem um triumpho decisivo sobre os catholicos, como tudo leva a crêr; a democracia impôr-se-ha aos dois paizes, por meio de uma federação republicana; tanto mais que a situação especial das dynastias, n'uma e n'outra

das duas nações, é de molde a fazer prevêr e a augurar semelhante resultado.

A Hollanda é republicana. O sentimento do povo para com a família real é mais o de um reconhecimento para com a casa de Orange, que, durante seculos, compartilhou todos os seus triumphos e todos os seus revezes, do que o de uma dedicação, real e verdadeira.

Na Belgica, por causa das aventuras do Congo e d'outras aventuras particulares, egualmente calamitosas para o paiz, o rei Leopoldo tem levantado contra si a animadversão dos partidos avançados, animadversão que se teria traduzido já no facto da sua deposição, se não fôra o receio de uma intervenção allemã.

E assim estão hoje as monarchias na Europa! Pois acredita lá alguém que, na Italia, onde o *irridentismo* está tomando sérias proporções, Humberto estivesse ainda no throno, se não fosse filho de Victor Manoel?

A federação impôr-se-ha á Belgica e á Hollanda, como se ha de tambem impôr á Italia:—em nome do direito, do progresso e da emancipação dos povos.

*
* *

A tres quartos de hora de Amsterdam está Zaan-dam, uma ilha deliciosa, que, no dizer de Napoleão I, possui o mais bello monumento da Hollanda, a choupana de Pedro, o *Grande*, em homenagem ao

qual a cidade se chamou, durante muito tempo, *Csardam* ou *Saardam*. Foi depois de ter vencido os tartaros e os turcos; foi depois da sua entrada triumphal em Moscow que o joven czar se resolveu a percorrer os principaes estados da Europa, afim de estudar as artes e as industrias. Chegado a Zaandam fez-se admittir, como operario, nas officinas de *Mijuheer Calf*, sob o supposto appellido de Pedro Michacloff, e ali trabalhou, durante alguns mezes, na construcção de um grande navio de 60 peças, que depois concluiu.

Que se possa comparar a Zaandam, só conheço Scheveningen, uma das primeiras praias do mundo, a meia hora de distancia de Haya, percorrida sob um arvoredor frondoso, compacto, onde não penetram os raios do sol, e que só se encontra egual no caminho que vae de Alhambra a Granada.

Scheveningen não é só notavel pela sua população, uma população de pescadores valentes e audaciosos; é-o tambem por ser o logar priveligiado dos pintores e da aristocracia da Europa. Perguntando quaes eram as notabilidades que ali se encontravam, responderam-me: «ah, meu caro senhor, temos ahi meio almanach de Gotha!»

Foi d'ali que eu contemplei, pela primeira vez, o terrivel mar do Norte, com o seu aspecto sinistro e o seu marulhar terrivel e ameaçador.



Occupei-me já da assistencia publica, que, na Hollanda, está organisada, como talvez em nenhum outro paiz, e que merece particular attenção e estudo. Resta-me ainda fallar das colonias agricolas e industriaes.

Os dois estabelecimentos agricolas, que, presentemente, possui a Hollanda, são — a sociedade de beneficencia *Mastschappy Van Waldadighied* e o estabelecimento de *Weenuysen près Assen*, sendo este ultimo o destinado aos condemnados.

A sociedade de beneficencia foi fundada em 1816 pelo general Van den Bosch, que adquiriu, para esse fim, um vasto territorio absolutamente esteril, um arcial, onde se construíram pequenas casas ou herdades, começando o trabalho em 1820. O sólo foi conquistado metro a metro pelos primeiros 500 ou 600 colonos que o desbravaram.

A colonia está dividida em 3 districtos. Cada um d'estes districtos possui uma escola profissional — escola de agricultura, de jardinagem e de silvicultura.

A colonia compõe-se ao todo de 7 herdades. Os operarios que, á força de economia e boa vontade, puderam accumular um pequeno peculio, são dotados com uma casa, um recanto de terra de 2 hectares, e vaccas e cabras. Pagam um aluguel annual e acabam assim por serem os proprietarios d'essas casas.

Nas herdades, onde se encontram os operarios que não possuem ainda casas, existem fabricas de queijos e de muitos outros generos. Todos os productos são

vendidos fóra, e revertem em beneficio da communi-
dade, da colonia.

Os colonos são obrigados a mandar os seus filhos á escola, e a provêr á limpeza e á conservação das ruas. Restam ainda por desbravar 6:000 hectares de terreno.

É muito simples o modo como se procede para a admissão dos colonos.

Qualquer individuo que deseje ser admittido não tem mais do que apresentar-se na séde da sociedade, em Amsterdam. Ahi declara que é pobre e infeliz e que pretende entrar para a colonia. Tomam-se logo as informações necessarias, dá-se-lhe o dinheiro preciso para a viagem, e eil-o, a breve trecho, installado em uma das herdades; vae aos campos, a mulher trabalha, e os filhos são enviados á escola.

Quando é que Portugal ha de seguir estes exemplos, de um paiz igualmente pequeno como o nosso, tão dignos de serem imitados? Quando é que Portugal se resolverá tambem a ter as suas escolas colonias, que tão bons resultados teem dado na Hollanda e de que são modelos as de Leyde, Haarlem, etc.? Quando é que nós nos resolveremos a aproveitar os innumeros terrenos incultos do Alemtejo, estabelecendo ali colonias agricolas e industriaes?



O *trekschuit* é o emblema nacional da Hollanda, como a gondola é o emblema de Veneza. São uns

grandes barcos pesados, largos, deselegantes, semelhantes galeões, de um só mastro, e puxados por um ou dois cavallos, que seguem, á margem do canal, n'um passo vagaroso e monotono. D'entro do *trekscuit* habita, ordinariamente, o proprietario e a sua familia, conduzindo, a bordo, toda a sua fortuna — algumas gallinhas, vaccas, cabras, etc. O *trekscuit* admitte passageiros de 1.^a classe á ré, e de 2.^a classe á prôa. Ha quem poetise o *trekscuit*, a ponto de dizer que não conhece a Hollanda pittoresca quem nunca percorreu o canal n'um *trekscuit*. Pela minha parte direi que troco a prosa do vapor pela poesia do *trekscuit*!

*
* *

Devia ainda fallar das *Kermesses*, da patinagem e d'outros costumes hollandezes. Mas a verdade é que tanto as *Kermesses* como a patinagem, na Hollanda, estão já hoje longe de ser o que foram n'outros tempos.

A *Kermesse* é uma cousa parecida com o nosso carnaval; com a differença, porém, que cada cidade, villa ou aldeia celebra a sua festa em época differente. É por assim dizer o *sabbat* d'aquella gente. Em terra onde não haja *Kermesse*, dizem os medicos, é menor o numero dos nascimentos. Durante os dias da *Kermesse* a Hollanda perde a sua gravidade habitual: todos riem, e brincam, e bebem, e comem, e... amam... As creadas de servir, os typos mais caracteristicos que ali encontrei, representam um papel

importante n'esta *solemnidade*, profunda e verdadeiramente nacional. Os patrões dão-lhes, durante esse tempo, toda a liberdade, e ellas aproveitam-n'a bem, *tirando o ventre de misérias* com a cegueira da borboleta que acaba por queimar-se na luz.



O hollandez era o primeiro patinador do mundo. Quando os rios e os canaes gelavam, no inverno, a patinagem constituia um dos melhores e mais saudáveis e pittorescos attractivos da Hollanda. Nos ultimos annos, porém, como o frio não tem sido demasiadamente intenso, a patinagem começou a cahir em desuso. Não sei se este inverno, com o frio rigoroso, que tem feito, o hollandez voltou ao seu antigo exercicio predilecto.

Outr'ora havia sociedades organisadas de patinagem, que distribuiam premios aos mais dextros e audaciosos patinadores. Era, por assim dizer, o *sport* da Hollanda. Hoje, com o desuso e a falta de pratica, os holandezes começam a ter medo de patinar...



Não ha paisagem holandeza onde se não veja um moinho de vento. Mas o moinho de vento, na Hollanda, é uma verdadeira instituição, uma fortuna, uma propriedade. Assim, para se avaliar a fortuna de qualquer pessoa, diz-se ordinariamente: «possue

tantos moinhos de vento. . . » E de mulher, filha de um proprietario de moinhos de vento que case, diz-se: «é um bom casamento. . . tem um dote de tantos moinhos de vento. . . »

O moinho de vento hollandez está longe de se parecer com os nossos: é forte, poderoso, robusto. . . E D. Quixote, se se visse em presença d'um d'esses colossos da industria e da agricultura hollandeza, em vez de investir com elle, teria de recolher humilmente a lança. . . e voltar para traz . . .



O *taret!* Sabem o que é o *taret?* É um verme roedor, que foi importado do mar dos tropicos, e que um dia appareceu no mar do Norte. E coisa curiosa! o hollandez, que nunca se intimidára com os exercitos de Philippe II nem com os de Luiz XIV, o hollandez recuou, espavorido, ante o pequeno verme que lhe destruia os seus grand's diques, a sua principal defeza.

Felizmente o rigor do clima destruiu esse terrivel inimigo, e hoje póde-se dizer, embora pareça um paradoxo,—é o mar o unico inimigo, que tem a Hollanda —e tambem o seu maior amigo.

Que seria, com effeito, o mar sem a Hollanda? E que seria a Hollanda sem o mar?



VIII

DE VOLTA A PARIS

A NOVA REVISTA INTERNACIONAL «MATINÉES ESPAGNOLES». — M.^{me} SÉVERINE. — ALFREDO NAQUET. — O RAPPEL. — VACQUERIE. — CHARLES BOS. — O PETIT MARSEILLAIS. — IZIDORE AURIO. — ERNESTO GARCIA LADEVESE.



ENTRE as publicações que mais se distinguiram na campanha a favor de Portugal, occupa um dos primeiros logares a nova revista internacional — *Matinées Espagnoles*, dirigida pelo Barão Stock, (M.^{me} de Rute).

Vejamos, com effeito, o que escreve o nosso amigo Régis Delboeuf, n'um artigo, intitulado Hespanha e Portugal, inserto no numero 12 d'aquella revista, de Dezembro do anno passado:

«Ante a inqualificavel violencia da Inglaterra, os hespanhoes proclamaram denodadamente, com o resto do mundo civilisado, as suas sympathias por Portugal. Houve manifestações populares, notas diplomaticas, discursos, delegações e cumprimentos... E por toda a parte, Hespanhoes e Portuguezes, saúdarão as côres de Castella e de Bragança, reunidas n'um só escudo.

«Um portuguez que, em 1889, ousasse fallar n'uma aproximação com a Hespanha, ter-se-hia subjeitado a accusações vilãs. O menos que lhe poderiam chamar seria covarde, traidor e talvez mesmo hespanhol, o que representaria a ultima das injurias.

«O que se passou pois, ha um anno? Quasi nada. A Inglaterra foi ainda mais injusta do que costuma ser.

«Desde o funesto tratado de Metwen, que tão discutido tem sido, a Inglaterra considerou sempre Portugal, como terra conquistada. Tinha-o explorado, como os calabrezes exploram as diligencias; e segu-rava-o ainda, do mesmo modo que a corda segura o enforcado. Portugal possuia numerosas colonias, descobertas e conquistadas pela ousadia dos seus exploradores, que dobraram o cabo das Tormentas, descobriram as Indias, e foram os primeiros a levar a civilisação occidental aos mesmos logares onde os inglezes levam hoje os seus algodões. E que lhes resta? quasi nada já. Roubaram-lhes a India e pensam ainda em lhes levar o que lhes ficára na Africa.

«E tudo isto porquê? Porque os portuguezes são fracos. Nunca pertenceu aos fracos o pronunciar a ultima palavra. Desde que o canhão é a *ultima ratio*, é mister poder responder ao canhão com outro canhão. Perguntae ao snr. Barros Gomes de que lhe serviu o ter por si o direito. Enquanto os portuguezes forem tão fracos e viverem tão isolados, estarão irremediavelmente á mercê do primeiro pirata.

«Não se póde revolucionar o mundo em oito dias. Não se trata, por enquanto, de supprimir as fronteiras, que separam o velho paiz lusitano do resto da península. Começando por estabelecer uma alliança offensiva e defensiva, chegar-se-ha mais tarde á fraternidade. As duas nações federadas poderão escolher, por si mesmo, livre e desassombradamente, os melhores meios de melhorar o presente e de assegurar o futuro.

«Em Portugal, Magalhães Lima esteve a ponto de comprometter a sua popularidade por defender a federação entre os dois povos. Mas, o que ha pouco era ainda objecto de censuras, vale-lhe agora applausos. A maior parte dos seus amigos seguem-n'o e seguil-o-hão n'este caminho.

«Em Hespanha, onde os democratas estão tão divididos, é esta a unica questão capaz de operar o milagre de uma união entre elles. Ruiz Zorrilla, Pi y Margall e Salmeron e todos os chefes querem a confederação.

«Um dos historiadores mais perspicazes do nosso seculo, Gervinus, que previu a maior parte dos acon-

tecimentos que tiveram logar depois da sua morte, affirmou sempre a sua adhesão ás ideias federaes. A sua opinião era que, pouco a pouco, os Estados se haviam de agrupar para formar uma associação mais vasta até chegarem a constituir os Estados-Unidos da Europa que seriam o prologo dos Estados-Unidos do mundo.

«Hoje, mais do que nunca, o interesse dos dois paizes reclama esta aproximação.

«Se considerações de ordem dynastica inibem os governos de a realisar, os povos fal-a-hão, independentemente de qualquer consideração estranha.»

*
* *

Nos jantares semanaes do Barão Stock, no boulevard Poissonnière, 23, a antiga residencia de M.^{me} Adam, encontrava-me eu frequentemente com as primeiras notabilidades parisienses do jornalismo, da politica, das letras, e das artes.

Foi ali que me foi dado o prazer incomparavel de conhecer M.^{me} Séverine, em meu juizo, o mais brilhante e notavel talento de mulher que hoje existe em França.

M.^{me} Séverine é uma revolucionaria, mas sem os exaggeros, as exaltações e os ridiculos de alguns que se dizem taes, e que não fazem, muitas vezes, senão comprometter uma causa, de que depende a redempção de muitos milhares de victimas.

Lembram se ainda, certamente, os leitores da coragem e da audacia, do desprendimento com que Séverine desceu á mina de St. Etienne, e, como depois, nas suas maravilhosas chronicas, chamou, para os infelizes mineiros, a attenção de todas as classes sociaes e a consideração especial dos poderes publicos.

Pois bem! Séverine, bôa sempre, tão generosa e tão desinteressada, acaba de praticar um acto, que, n'outra qualquer sociedade que não fosse uma sociedade de cynicos e de scepticos, lhe valeria uma justa e merecida apothese.

O facto é recente, e tem corrido a imprensa do mundo. Trata-se de Padlewski, o assassino do general Silverstoff. Foi Séverine quem o salvou, facilitando-lhe a fuga.

O general era um homem frio, severo, arrogante, implacavel e mau. Era o perseguidor dos nihilistas, na Russia. A elle se deveram 25:000 deportações para a Siberia. E tal era o seu remorso que nunca sahia, nunca viajava senão acompanhado por dois creados.

Padlewski foi o braço vingador de um partido. Quantos orphãos, quantas viuvvas não amaldiçoariam aquelle homem feroz! Padlewski desforçou, n'um momento, centenares de familias que pediam vingança. A sociedade chamou-lhe assassino, e ao general uma victima!... Embora! Se a justiça não fosse uma palavra vã, se a justiça existisse no mundo—a justiça absolveria o assassino, e teria muito antes condemnado o assassinado.

Séverine salvou Padlewski. Bem haja Séverine! Cumpriu um dever de Humanidade e praticou um acto heroico, sublime, que muitos homens não seriam capazes de praticar.

E assim é, com effeito, aquella mulher extraordinaria:—um talento superior, dirigido e dominado pelo principio da Justiça. Os seus artigos, as suas chronicas não são, apenas, primores litterarios; são verdadeiras paginas de philosophia social, capitulos do grande livro que se chama — o soffrimento humano, e sobre o qual ella derrama, a cada passo, as mais delicadas flôres do seu coração e as mais vivas scintillações do seu cerebro excepcional.

Tinhamos acabado de almoçar—escrevia Xavier de Carvalho, n'uma das suas chronicas semanaes para o *Século*—e repousavamos para um pequeno passeio, ao longo dos *boulevards*, quando um homem já idoso, corcunda, barbicha um pouco judaica, entrava no quarto de Magalhães Lima, perguntando n'uma mesura cerimoniosa:

— *Monsieur Lima? permettez...*

Era Alfredo Naquet, o famoso director espirital do passado partido boulangista, o illustre author da *Chimica*, tão conhecida nas nossas escolas superiores, o apostolo vencedor do divorcio, o politico da *République Radicale*, e hoje o pensador logico do *Socialisme collectiviste et Socialisme libéral*.

Naquet vinha pagar a visita que Magalhães Lima lhe havia feito dias antes no seu elegante *apartement* da rua Moscow.

O famoso apóstolo do divorcio, muito descontente com a politica interior da França, explicou-nos largamente, na sua phrase curta e d'uma logica de ferro, como e por que motivo tinha adherido ao boulangismo.

— Todo o meu ideal politico era a revisão por uma constituinte. O povo, sobretudo o povo das provincias, não conhece formulas, mas apenas sym-bolos. A exemplo de Gambetta, que encarnára, durante tanto tempo, a formula da Republica democratica e' progressiva, procurei encarnar em Boulanger o symbolo de uma Republica revisionista e avançada. O general possuia uma popularidade quasi inexplicavel; a corrente popular seguia-o; era conveniente, portanto, aproveitá-lo. Houve negociações com a direita, mas negociações com honra da nossa parte, isto é, da parte do comité nacional. Boulanger, por seu lado, tambem negociava, mas entrava em compromissos terriveis, illudindo-nos a todos. Por fim chegámos á conclusão de que nada podia ir ávante com um chefe imbecil, que se considerava muito esperto, mas que, apenas, se compromettia cada vez mais com os amigos, quer do conde de Paris, quer do principe Napoleão. Hoje encontro-me n'uma situação falsa. Os meus antigos amigos da extrema esquerda repellem-me por causa da minha campanha boulangista, e os meus novos e ultimos amigos do

boulangismo também me repellem, porque queriam que eu continuasse a seguir o general na sua corrente de disparates. Pensei em dimittir-me do meu logar de deputado por Paris, mas os meus eleitores oppozeram-se a isso. Na sua maioria intelligentes e honestos, continuám a declarar que me dão toda a confiança politica, porque, se votaram em mim, votaram pelo principio da revisão constitucional e não pelo cavallo preto de Boulanger. — Eis a minha situação politica, terminou Naquet.

Discutiu-se depois a situação de Portugal no conflicto inglez, e Magalhães Lima expoz em linhas precisas a necessidade da federação iberica, que dê novo alento á península e nos colloque ao lado das primeiras nações da Europa.

Naquet é de opinião que nos Estados Unidos da Republica Iberica está o futuro dos dois povos: Hespanha e Portugal. Estas duas nações teem immediata necessidade de entrar n'uma nova phase de vida politica. Hoje os Estados Unidos da Republica Iberica, amanhã os Estados Unidos, ou a confederação republicana dos povos germanicos, depois a republica federativa dos Balkans, em seguida a federação da Inglaterra, Irlanda, Escocia e suas colonias, até que se realise o grande pensamento do seculo, que é a grande federação europeia, sob a fórma republicana. No entanto, continua Naquet, é necessario que, para essa futura federação, não existam grandes povos: é preciso que a Europa se divida e subdivida em pequenos estados de 5 a 8 milhões de habitan-

tes, para que nenhum d'estes estados federativos possa de futuro provocar conflictos e impôr a sua vontade, como hoje a impõem a Russia, a Allemanha e a Inglaterra em frente das nações mais pequenas, e porisso mesmo fracas e sem defeza.

Todas as nações caminham para a federação. É a America que dá o exemplo. O seu proteccionismo *enragé* vae crear talvez, na Europa, uma grande união d'alfandegas. É o primeiro passo. E, pouco a pouco, os povos hão de reconsiderar, apertando, entre si, de cada vez mais, os laços de confraternidade e estima.

Quando discutiamos sobre o futuro da Europa, contou-nos Naquet que, ha annos, o presidente Grévy, sabendo que o principe de Galles se achava de passagem em Paris, enviara a alteza britannica um par de magnificos vasos de porcelana de Sévres. O portador da dadiva presidencial foi Turquet, então director da secção das Bellas Artes, e hoje deputado boulangista e grande e intimo amigo de Naquet.

O principe de Galles recebeu as jarras e convidou Turquet para lhe fazer companhia ao almoço, em *tête-à-tête*, n'um salão particular do *Hotel Bristol*.

No meio do almoço, o filho da rainha Victoria e futuro rei de Inglaterra voltou-se para Turquet:

—Que feliz que é o sr. Grévy! Ser presidente de uma Republica como a Republica Franceza...

—Certamente que é muito bôa a posição do snr. Grévy! Mas superior é a de vossa alteza, futuro rei

da Inglaterra e imperador das Indias — respondeu Turquet, lisongeando-o.

— Melhor que tudo isso, porém, continuou o príncipe, ha de ser no futuro a posição do presidente da grande Republica gauleza com as suas grandes ilhas.

Como Turquet, perplexo, perguntasse ao príncipe o que é que elle entendia por Republica gauleza e suas grandes ilhas, o filho da rainha Victoria explicou:

— Entre a França e a Inglaterra não deve haver odios nem separações. Somos todos da mesma raça celtica. A França e Inglaterra devem-se entender, n'um futuro proximo, e então formar-se-ha a grande Confederação da Gallia, com as suas ilhas, que devem ser a Nova Galles, a Escocia e a Irlanda.

E eis aqui está como até o príncipe de Galles acaricia a idéia de uma Republica federal!

Na conversação de Naquet, que eu acabo de fazer reviver no mesmo tom simples e espontaneo em que foi feita, pelas magnificas notas de Xavier de Carvalho, transluz o grande pensador moderno, o sabio illustre, o extraordinario talento, um dos primeiros da França e seguramente um dos mais notaveis da Europa.

As suas palavras traduzem uma aspiração nobilissima, e constituem uma lição salutar para todos os que, não sendo príncipes, ainda hesitam no cumprimento do dever.

O *Rappel* é um dos órgãos mais importantes da imprensa parisiense. O nome de Augusto Vacquerie, collocado á frente d'aquelle jornal, dá-lhe um tom de seriedade, de honradez e de independencia, que difficilmente póde ser egualado por qualquer outro. Ao *Rappel*, á sua propaganda, ao interesse e á dedicação com que acompanhou o conflicto com a Inglaterra, devem os republicanos portuguezes serviços relevantissimos e inolvidaveis.

Pela sua simplicidade, pela sua abnegação, pelo seu amor á liberdade, Vacquerie recorda-nos Aurelio Saffi, o austero triumviro da Republica romana de 1848, que, tendo sido eleito deputado umas cinco ou seis vezes, renunciou sempre ao mandato que lhe queriam confiar os seus amigos e admiradores.

Vacquerie podia ter sido senador e ministro, se o tivesse querido. A todas as honras e a todos os cargos, prefere, porém, o lugar, não menos honroso e não menos elevado, de redactor principal do *Rappel*. E a isso, e só a isso tem limitado a sua ambição! É um puro e um spartano, na verdadeira acceção da palavra. Não se envolve nas luctas dos partidos; mas a sua voz tem mais authoridade e é ouvida com mais respeito do que a de qualquer dos grandes corypheus da politica. A sua prosa é a expressão da sua, bella alma de poeta e do seu formoso coração de artista. Como character não o ha melhor; como jornalista não o ha superior. Os seus artigos do *Rappel*, pela elevação, dignidade e criterio com que são escriptos, lêem-se, apreciam-se e discutem-se

com a íntima devoção e o respeito profundo que se consagra aos grandes mestres e aos caracteres immaculados.

Lembro-me muito bem. Procurei-o, pela primeira vez, na redacção do *Rappel*. Era um domingo de tarde.

—Porque não escreve, para o meu jornal, uns artigos sobre a situação de Portugal?— disse-me elle.

E, tocando uma campainha, ordenou ao continúo que tinha corrido ao seu chamamento, para que avisasse o snr. Carlos Bos de que precisava fallar-lhe.

Carlos Bos é um dos redactores do *Rappel* da sua maior confiança. É o chefe da informação, no jornal, e o redactor da secção estrangeira. Novo ainda, intelligente, honesto, entusiasta, Bos é um cooperator leal e sincero de Augusto Vacquerie e foi para mim, durante a minha estada em Paris, além de um companheiro adoravel, um dedicado irmão, affectuoso e bom.

Vacquerie, apresentando-me Bos, forneceu-me o ensejo de travar relações com um dos mais firmes e generosos caracteres que tenho conhecido em dias de minha vida.

É conhecida a propaganda, feita pelo *Rappel*, em favor de Portugal, contra os inglezes, e em favor do partido republicano contra os especuladores monarchicos. São poucos todos quantos agradecimentos aqui podessemos tributar a Vacquerie, pela sua nobre e alevantada attitude, a Pedro Lefèvre, seu sobrinho, administrador do jornal, um valente e sympa-

thico rapaz, activo, emprehendedor e dedicadissimo e a Carlos Bos. Dos artigos publicados apraz-me destacar, n'este logar, alguns periodos de uma carta dirigida a Vacquerie, por exprimir, segundo creio, o sentimento da democracia portugueza, n'aquelle periodo angustioso e difficil:

Meu presado mestre: Dirijo-lhe esta carta, para que o seu nome, tão respeitado e admirado no meu paiz, possa dar mais authoridade ao que eu pretendo dizer sobre a situação politica, economica e financeira de Portugal.

Ha muito tempo que estavamos *moralmente* em Republica. Depois, porém, da proclamação da Republica no Brazil e do conflicto anglo-portuguez podemos dizer que o estamos *realmente*.

A Republica já não é uma vaga aspiração de sonhadores, de utopistas, como outr'ora chamavam aos republicanos. Ella é verdadeiramente um facto, porque está em todos os espiritos. É uma realidade porque está em todas as consciencias.

O paiz não póde e não quer mais ser governado pela monarchia. Aos povos assiste o direito de se governarem a si mesmos. E quem poderia impedir Portugal de exercer esse direito sagrado? Uma intervenção estrangeira? A que titulo? O rei? Mas o rei é precisamente, n'este momento, a creatura mais impopular e mais anti-pathica á maioria dos portuguezes. — O exercito? a marinha? o clero? mas, á hora, em que escrevo, não ha um unico portuguez que não tenha uma ideia nitida ácerca da actual situação — de

que a monarchia nos arruinou internamente e que a ella devemos o nosso descredito no estrangeiro.

Á questão economica e financeira, que os nossos governos teem sido impotentes para resolver, é mister accrescentar a questão colonial, que é para nós tambem uma questão dynastica; á dynastia de Bragança, a *fidel amiga* da Inglaterra, devemos a recente humilhação por que acabamos de passar. A perda das nossas colonias equivale á perda da nossa independencia.

—Mas se a monarchia já não é possivel, porque não fizeram ainda a Republica? —poder-nos-hão perguntar.

—É que antes de a fazer queremos que fique regulada e terminada a questão com a Inglaterra. Queremos saber se podemos ou não restabelecer o nosso credito nos mercados estrangeiros. Queremos deixar, enfim, progressistas e regeneradores consummar a sua propria ruina e a ruina da monarchia que elles comprometteram pelas suas corrupções, pelas suas delapidações e pela sua immoralidade.

É indispensavel tornar impossiveis toda a restauração interna e toda a intervenção estrangeira. Uma Republica assim fundada, em nome do patriotismo e da salvação publica, será uma Republica solida e duradoura. O mais importante não é fazer a Republica —é tornal-a querida no interior e respeitada no exterior.

.....
Esta carta foi transcripta e commentada por uma

parte da imprensa europeia. Para o mundo politico e financeiro, o nosso paiz encontrava-se n'uma situação *desesperada*. Era convicção geral que a proclamação da republica estava para muito breve. Em Paris era enorme a anciedade. Os telegrammas, chegados da peninsula, liam-se com a maior avidez e o mais decidido interesse. Humberto, receiando pelo futuro da familia real, enviou, em soccorro de sua irmã, a rainha Maria Pia, dois navios de guerra, que entraram em Lisbôa, precisamente n'esta occasião. A finança retrahia-se. O nosso credito encontrava-se profundamente abalado nas praças estrangeiras. Tudo annunciava a derrocada final. A questão portugueza tornara-se uma questão internacional. Com a proclamação da Republica, em Portugal, a politica, na Europa, passaria por uma grande e completa transformação. Assim o entenderam os dois imperadores da Allemanha e da Austria que, então, resolveram intervir junto do governo inglez a favor de Portugal. Era preciso salvar a triple alliança, era preciso salvar o interesse dynastico. A Republica portugueza traria a republica hespanhola, e, como consequencia, viria a federação d'estas duas Republicas com a Republica franceza, isto é, a federação latina. De modo que aos republicanos se deve a phase pacifica e conciliadora em que depois entrou a questão anglo-portugueza. A nação deve-lhes este extraordinario serviço de amor patrio e de desinteresse partidario!

Houve quem affirmasse que a baixa dos nossos fundos era devida aos republicanos a quem attri-

buiam uma campanha de diffamação, feita, no estrangeiro, contra o paiz, como se os republicanos tivessem a minima responsabilidade dos erros e dos esbanjamentos das administrações monarchicas. Os republicanos não podiam ser solidarios com os governos criminosos, que mais pareciam conspirar contra a nação, de accordo com os seus inimigos, do que servil-a e defendel-a. Dizendo a verdade ao estrangeiro, os republicanos não faziam mais do que repetir o que diariamente escrevia a mesma imprensa que os aggreidia. Sacrificar a verdade dos factos ás ambições dos bandos politicos ou á conservação de um estado de cousas, que significava a ruina e a decomposição da patria, seria tudo menos um procedimento honesto e digno. Preferimos a campanha da verdade e da sinceridade á campanha da hypocrisia e da mentira. Póde o resultado d'este systema não agradar aos que da politica fazem um joguete de interesses menos legitimos, mas agrada seguramente aos que põem o interesse sagrado da collectividade acima do mesquinho interesse individual.

Assim procederam os republicanos, com honra e vantagem para o seu paiz e para o seu partido!



Um outro jornalista parisiense que, particularmente, se occupou tambem da questão portugueza, foi Izidore Aurio. Estava em Lisbôa, no mez de janeiro, como representante do jornal *A France*, e as-

sistira ás manifestações populares contra o *ultimatum*. Estudára de perto a questão, e sobre ella escrevera e publicára varios artigos não só na *France*, senão tambem no *Petit Marseillais*, de Marselha, na *Etoile belge*, de Bruxellas, e n'outras folhas, egualmente consideradas. Apresentei-o a Latino Coelho com quem teve uma *interview*. Interessava-o, sobremaneira, o conflicto anglo-portuguez, e ainda mais o interessava a solução que lhe daria o governo do snr. D. Carlos. Estudou, viu, e observou tudo quanto dizia respeito ao partido republicano. E, seguramente, foi elle o primeiro a chamar a attenção dos seus collegas da imprensa franceza para a força e importancia d'esse partido, e ainda mais a mostrar deante do estrangeiro, com pleno conhecimento dos factos, os triumphos que, no futuro, lhe estavam reservados.

A ultima *interview* que Izidore Aurio teve commigo foi publicada no *Petit Marseillais*; a primeira, feita ainda em Lisbôa, tinha sahido na *France*.

O *Petit Marseillais* é um dos jornaes mais bem feitos e de maior circulação em França. A sua tiragem é de 120:000 exemplares, e mesmo em Paris é lido e apreciado com interesse.

O artigo referia-se ao *modus vivendi* que não é outra cousa senão o tratado de 20 de Agosto resuscitado, e que reputo ainda mais humilhante para o nosso amor proprio nacional, pois que o tratado, representando, com effeito, uma odiosa espoliação e uma deshonra, era, pelo menos, claro, ao passo que

o *modus vivendi* é uma concessão hypocrita e cheia de equívocos.

A *interview*, em questão, foi transcripta por algumas folhas francezas, e serviu de base aos jornalistas estrangeiros para a sua critica e para os seus commentarios.

N'este momento pensa Izidore Aurio na fundação de um periodico semanal, que seja, em Paris, o órgão dos interesses portuguezes e o defensor do ideal republicano na peninsula.

É por isso que eu entendi dever consagrar a este bom e dedicado amigo algumas linhas de sincero reconhecimento e de profunda solidariedade pelos serviços já prestados, e por aquelles que a sua intelligencia e a sua actividade possam, porventura, vir ainda a prestar-nos.

Já, n'outro logar, fallei de Ernesto Garcia Ladevese, o valente e audacioso companheiro de Villacampa no movimento de Setembro, e hoje o emigrado politico, o intimo confidente de D. Manoel Zorrilla, em Paris.

É um advogado e um jornalista distinctissimo. As suas chronicas litterarias do *Liberal*, de Madrid, e as suas cartas da *Nacion*, de Buenos Ayres, firmaram-lhe a reputação de homem de letras notavel e de critico eminente. Mas o que mais me seduz na sua pessoa é a firmeza inquebrantavel das suas convicções republicanas, a intransigencia das suas opiniões

revolucionarias, e a bondade do seu coração affectuoso e desinteressado.

À sua generosa amizade, devo horas de incomparavel bem-estar, que nunca saberei esquecer; ao seu desinteresse, e á sua boa e illustre camaradagem, devo a gratidão dos que se sentem confundidos por honras e favores immerecidos.

—Acceitaria, de bom grado, o povo portuguez uma federação com a Hespanha, desde que ficasse assegurada a independencia dos dois povos?—perguntava-me Ladevese.

—Depois do conflicto de Janeiro, respondi, manifestaram-se em Portugal grandes sympathias pela Hespanha. Durante o periodo de agitação patriótica, ouvia-se, a cada passo, gritar pelas ruas de Lisboa: *Viva a Hespanha!* Algumas folhas conservadoras, que tres mezes antes me haviam atacado, pediam uma alliança offensiva e defensiva com a Hespanha, sob a fórma monarchica. Penso, todavia, que, sob a fórma monarchica, seria perigosa qualquer intelligencia entre os dois paizes. Desde que a federação se fizesse, depois da Republica proclamada nas duas nações, o perigo desapareceria. Esta minha maneira de vêr encontra-se hoje muito generalisada em Portugal. É uma ideia que fez enormes progressos, em poucos mezes.

É geral a convicção de que se nós estivessemos federados com uma nação latina, a Inglaterra não nos haveria atacado tão rudemente. E a nação para a qual se voltavam todas as vistas e todas as sympa-

thias era a Hespanha por causa da sua situação geographica, dos interesses commerciaes, e emfim de tantos outros interesses communs aos dois povos. Toda a federação que se fizesse com a monarchia era um perigo, repito-lhe. Somos acima de tudo portuguezes, e amamos sufficientemente o nosso paiz, para que podessemos prestar-nos a uma comedia, que acabaria fatalmente pela absorpção de Portugal. Com a Republica, a cousa seria outra completamente: a absorpção tornar-se-hia impossivel e os dois paizes manteriam a sua independencia, federados para todas as eventualidades. Seriamos então respeitados, e ambas as nações ganhariam muitissimo, não só sob o ponto de vista dos interesses, senão também de baixo do ponto de vista da importancia nacional.

— Considera provavel a Republica em Portugal?
— accrescentou.

— É puramente uma questão de tempo. O espirito publico, em Portugal, é republicano. Se a Hespanha proclamasse a Republica, Portugal não tardaria em acompanhá-la. A Republica impõe-se por um dever de patriotismo. Já não ha governo monarchico possivel.

— Creio pois, ter entendido, se não interpreto mal as suas palavras, que, se Portugal não proclamou ainda a sua Republica, é porque a Hespanha vive em monarchia?

— Precisamente! No dia em que a monarchia desaparecesse de Hespanha, não haveria mais monarchicos em Portugal. Todos os portuguezes, sem

excepção, seriam republicanos, e a federação com Hespanha tornar-se-hia uma causa popularissima que o paiz inteiro accitaria com o maior enthusiasmo. Esse dia marcaria, para as duas nações, o principio de uma nova era gloriosissima, e, tanto na Europa como fóra da Europa, a grande Confederação da península iberica seria considerada e respeitada na decisão de todos os grandes conflictos que, de futuro, podessem agitar o mundo.

Esta *interview*, muito discutida no Brazil, onde chegou pela transcripção da *Gazeta de Noticias*, foi publicada no numero 4:090 do *Liberal* de 28 de Agosto de 1890.

bibRIA



bibRIA



IX

O BRAZIL

15 E 18 DE NOVEMBRO. — O BANQUETE COMMEMORATIVO DO PRIMEIRO ANNIVERSARIO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA. — OS SEUS PROMOTORES. — GABRIEL DE PISA. — O BANQUETE EM HONRA DE GARIBALDI E O BRINDE AO BRAZIL. — O DR. TEIXEIRA DE SOUSA. — OLAVO BILAC. — JOSÉ DO PATROCÍNIO. — LOPES TROVÃO. — GASPAR DA SILVA.



dia 15 de Novembro não podia passar desaperebido á colonia brazileira, em Paris. Era o glorioso anniversario da proclamação da Republica. Com o fim de commemorar essa data memoravel, e duplamente memoravel nos fastos da humanidade e da civilisação, constituiu-se um *comité*, composto dos drs. Teixeira de Sousa, Annibal Cardoso, Almeida Fagundes e Licínio Cardoso, todos professores da Escola militar

do Rio de Janeiro, que resolveram festejar o brilhantissimo acontecimento com um sumptuoso banquete.

Na grande capital da França encontravam-se, por essa occasião, o ex-imperador e os seus satellites, o visconde de Ouro Preto, Silveira Martins, Antonio Prado e outros. A ideia pareceu a muitos arriscada. Houve quem asseverasse que, no caso de se realisar a projectada festa, os amigos do imperador fariam, no mesmo dia, uma contra-manifestação. Mas tudo isso não passava de balella de occasião, para armar ao effeito, e para vêr se assim conseguiam fazer arrefecer, no espirito dos promotores, o seu grandioso pensamento.

Tudo foi, porém, baldado. O ex-imperador limitou-se a jantar modestamente em casa de M.^{me} de Rute, com o seu companheiro inseparavel, o conde da Motta Maia; Silveira Martins continuou a vociferar, por toda a parte, contra os republicanos; o visconde de Ouro Preto preparava-se, arteira e manhosamente, para voltar á patria querida e saudosa, embora, para o fazer, tenha de acceitar o novo estado de cousas; e Antonio Prado, o menos imperialista de toda a cohorte, deixava *correr o marfim*, como diria o finado Camillo Castello Branco.

Graças aos esforços dos sympathicos e generosos moços, que compunham a commissão, e graças á benevolencia com que foram acolhidos por outros cavalheiros, egualmente interessados no bom exito da ideia, entre os quaes devemos mencionar o visconde de Azevedo Ferreira, que não se poupou a esforços

nem a sacrificios para ser agradável aos iniciadores, —o banquete realisou-se, no vasto e elegante salão do restaurant, *Le Grand Véfour*, assistido por uns cento e cincoenta convivas.

A sala estava vistosamente ornamentada com flôres, com grandes *corbeilles* e bandeiras brasileiras, portuguezas, francezas, italianas, inglezas, americanas, argentinas, russas, etc.

Em volta da mesa viam-se as primeiras notabilidades da colonia brasileira em Paris. Gabriel de Pisa, o ministro a quem a festa era consagrada, occupava a presidencia, tendo, de um e outro lado, os deputados francezes Douville-Maillefeu e Gerville Réache, e a seguir os representantes das republicas de Venezuela, do Haiti, do Mexico, Ruiz Zorrilla, o famoso philosopho positivista Pierre Lafitte, etc.

À hora dos brindes, o dr. Teixeira de Sousa, o principal organisador d'esta deliciosa festa, levanta-se, e saúda, em francez, o representante do Brazil.

—«Sou um hospede da França, diz. Peço portanto a vossa indulgencia. Estamos aqui todos reunidos, d'entro da grande capital franceza, por um impulso de patriotismo. No dia 15 de novembro de 1889 a nossa patria realisou o que muitos espiritos julgavam um sonho: a transformação politica e social do paiz, sem o derramamento de uma gôtta de sangue. Em seguida faz em termos justos e alevantados a apologia de illustre ministro que hoje é o representante official do Brazil, em Paris.»

Responde-lhe o ministro, agradecendo a todos os

patriotas a sua honrada e leal cooperação, n'esta hora de santa alegria para a nação brasileira, e estendendo tambem o seu agradecimento a todos os francezes distinctos, que tanto teem trabalhado pelo futuro do Brazil. A Republica dos Estados Unidos do Brazil é irmã da Republica franceza—exclama. Termina bebendo á saude do illustre presidente da Republica franceza, o sr. Carnot.

Este pequeno e vigoroso discurso foi coberto por uma prolongada salva de palmas.

Gabriel de Pisa é ainda moço e muito sympathico. Republicano de velha data, pertencendo áquella brilhante pleiade dos republicanos de S. Paulo, que tanto honram e engrandecem o Brazil, pela eloquencia da sua palavra inspirada e pela elevação dos seus notabilissimos trabalhos litterarios e scientificos — elle tinha, como poucos outros, pelos seus titulos de nobreza intellectual e moral, um direito adquirido ao posto que a Republica lhe conferiu, e que não é senão uma merecida homenagem aos seus talentos e ás suas virtudes civicas.

Chegou a Lisboa justamente na occasião do *ultimatum*. Foi, então, que eu tive o prazer de o conhecer pessoalmente. O seu nome já me era familiar. Sabia-o um homem de sciencia, um medico distinctissimo; mas ignorava que fosse o pensador profundo, o diplomata prudente e discreto, com quem, depois, tive a honra de travar relações.

Disse-me que partia para Berlim em missão do governo brasileiro.

E partiu effectivamente, ao cabo de breves dias.

Passado pouco tempo, porém, apparecia, no diário official, a sua nomeação para ministro n'aquella côrte, onde permaneceu durante seis ou sete mezes, sendo logo depois transferido para Paris.

Como quer que seja Gabriel de Pisa gosa, em França, de uma alta consideração, e é tido, presentemente, no mundo politico europeu, como o verdadeiro chefe da diplomacia brasileira.

E a verdade é que o Brazil não podia ter escolhido, para seu representante, cavalheiro mais digno, nem mais honesto, nem mais distincto do que o actual ministro em Paris.

*
* *
bibRIA

Não foi este o unico banquete, que se realisou, onde fosse acclamado o Brazil. Já no anno de 1889, poucos dias depois da proclamação da Republica, se havia celebrado, no *Hotel Continental*, uma extraordinaria reunião, promovida pelos honrados patriotas os drs. Urbano Marcondes e Jacintho Dutra, com o fim de se enviar, ao governo d'aquelle paiz, uma mensagem de congratulação e de sincero e ardente regosijo, pelo que acabava de succeder.

Em 18 de Novembro do anno preterito, tendo-se annunciado um banquete em honra de Garibaldi, presidido por Lockroy, foi-me, pelos seus promotores, confiado o honrosissimo encargo de brindar o Brazil—o que fiz nos seguintes termos:

«O meu querido mestre e príncipe dos jornalistas parisienses, snr. Augusto Vacquerie, commemorando o dia de finados, escreveu no seu importante jornal — *O Rappel* — as seguintes palavras notáveis:

«Ha os mortos de cada um, e ha os mortos de todos. Ha os mortos da patria, ha os mortos da humanidade, os soldados da ideia, os suppliciados de todas as superstições e de todas as tyrannias.

«Mas desapareceram, por ventura, estes mortos? Não. Elles vivem sobre a terra. Quem nos deu aquillo que possuímos, e quem fez de nós o que somos? Elles! Elles existem em nós, e viverão eternamente atravez das gerações que se succederem.»

Pois bem, meus senhores! Garibaldi foi um d'esses mortos immortaes, um d'esses mortos gloriosos. Sentimol-o em nós mesmos. O que somos a elle o devemos. O que pensamos é ainda, invocando a sua memória sagrada, que o realisamos. Elle symbolisou a patria, porque combateu pela liberdade. *Ubi patria ibi libertas!* Elle representou a humanidade, na sua evolução de progresso, porque foi o soldado de uma ideia, o apostolo fervoroso das reivindicações sociaes, o mais encarniado inimigo de todas as superstições e de todas as tyrannias. O seu nome significa um exercito; a sua memoria um religião — toda uma religião de paz, de amor, de concordia, de abnegação, de civismo; a sua historia, a sua vida — uma bandeira, a gloriosa bandeira da emancipação humana.

Possuem os fieis os seus santos que veneram; nós, os democratas, tambem temos os nossos amigos

que amamos e reverenciamos. Sómente existe esta differença: ao passo que elles, os pobres cegos do espirito, são os fanaticos do throno e, do altar, nós, os revolucionarios, não reconhecemos outros poderes, sobre o mundo, que não sejam a sciencia e o trabalho.

E é por isso, creio eu, que a democracia possui esta virtude de ser essencialmente communicativa e expansiva; e, na realidade, a democracia não é outra cousa senão o sorriso da liberdade do mesmo modo que o sol é o sorriso da natureza.

Tenho que brindar o Brazil, e, em verdade, não podia ter melhor inspirador, para bem me desempenhar da tarefa, que tão graciosamente me foi imposta, do que o nome de Garibaldi, com razão chamado *o heróe dos dois mundos*. Onde quer que a liberdade periclitasse, onde quer que a causa popular carecesse do seu braço herculeo, nunca o valente deixou de prestar-lhe o concurso da sua espada rutilante, a cooperação da sua energia incomparavel e do seu enorme desinteresse. Durante dez annos, Garibaldi pertenceu ao Brazil, luctando, combatendo heroicamente, vencendo umas vezes, vencido outras, mas sempre altivo, sereno, indomavel, porque elle foi e é ainda hoje a mais alta personificação do heroismo e da bravura humana. Seu filho Menotti Garibaldi nasceu no Rio Grande do Sul. E esse typo sympathico, encantador, idealisado por elle e realçado pelos chro-nistas, nas mil e uma peripecias da sua vida aventureira, a doce companheira da sua existencia atribulada,

a sua querida e generosa Anita, era ainda uma brasileira.

Por isso nunca o Brazil foi invocado mais a proposito, e nunca eu, que no Rio de Janeiro tive o meu berço e que n'aquelle paiz tenho ainda parte de minha familia, levantei um brinde com mais alegria, com mais enthusiasmo, com mais orgulho, accrescendo mais a circumstancia de se deverem hoje encontrar, n'esta festa, tres dos mais distinctos representantes da sociedade brasileira: o meu honrado e illustre amigo, o dr. Teixeira de Sousa, professor de biologia na escola militar do Rio de Janeiro; Olavo Bilac, o primeiro poeta brasileiro, aquelle que transplantou para o verso toda a exuberancia da flora tropical; e José do Patrocínio, o valente jornalista da *Cidade do Rio*.

Se motivos de força maior, porém, impediram que estes amigos de Garibaldi estivessem presentes, isso não me impede de os brindar, saudando, ao mesmo tempo, o Brazil nas suas pessoas.

Vou saudar o Brazil, na pessoa de José do Patrocínio, o mais ardente e entusiasta defensor do abolicionismo no Brazil, aquelle que, sendo vereador, foi o primeiro a proclamar a Republica, na camara municipal, em 15 de novembro.

N'esse homem novo, que, pela propaganda do facto—expondo na sua redacção diariamente todas as victimas da escravidão—mais contribuiu para a libertação humana, tenho eu a honra de saudar um paiz tambem novo, grande, rico, prospero, a quem

o futuro sorri e a quem os calumniadores mordem—tenho a honra de saudar o Brazil.

A proclamação da Republica foi a consequencia logica da abolição da escravidão. Por isso são benemeritos os homens, como Patrocínio, que, á semelhança de Lincoln, luctaram para libertar o escravo da terra. A emancipação do escravo politico seguia-se naturalmente á emancipação do primeiro.

Bebo pois, á prosperidade da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na pessoa de José do Patrocínio, o verdadeiro interprete entre nós do povo brasileiro, fazendo votos sinceros e ardentes, para que o meu pequeno paiz, para que Portugal, que está em atrazo, possa, em breve tempo, imitar-lhe o exemplo e o heroismo.

(Este discurso foi victoriado com uma prolongada salva de palmas, e a elle se referiram todos os oradores. Foi depois publicado em brochura.)

Eduardo Lockroy, o antigo ministro da Republica, um dos *mil* de Garibaldi, produziu um discurso magistral, de grande ensinamento moral e politico, cheio de recordações e de factos historicos. Foi uma lição brillantissima em que fallaram, ao mesmo tempo, o coração e a intelligencia.

Lockroy está hoje gasto e cansado. Nem os annos, nem o cansaço lograram, porém, arrefecer n'elle a sua antiga fé republicana, a firmeza de convicções e o ardor da mocidade. A palavra sae-lhe ainda com a frescura, a pureza e o enthusiasmo dos primeiros annos. Perteñce á velha guarda dos fieis á Republica.

É um velho; e, quem o ouve, dil-o-hia um rapaz pela simplicidade e pela bondade das suas palavras. É este o seu maior elogio.



Era o café *Pousset*, no boulevard des Italiens, o ponto de reunião da colonia portugueza e brasileira. Pelas 5 horas da tarde eram certos ali — Olavo Bilac, Xavier de Carvalho, José do Patrocinio, Dr. Teixeira de Sousa, Oscar d'Araujo, o segundo secretario da legação brasileira, que habita e conhece Paris ha longos annos, e que prestou á Republica altissimos serviços com as suas cartas do *Temps*, quasi sempre transcriptas e citadas pelas outras folhas parisienses, Gaspar da Silva e outros.

O grande tribuno Lopes Trovão habitava o bairro latino, e raramente apparecia.

Não ha em Portugal quem não conheça este velho luctador. A primeira vez que visitou Lisboa, antes da sua partida para Paris, onde permaneceu cinco annos consecutivos, desejoso de assistir a uma reunião popular, levei-o commigo a um *meeting*, que se realisava n'um recinto da rua de S. Marçal, sob a presidencia de Trigueiros de Martel. O publico fez-lhe uma ovação ruidosa e enthusiastica, e pediu-lhe para fallar. Elle allegou, porém, a sua qualidade de estrangeiro e não fallou.

Com José do Patrocinio déra-se um caso parecido. Os republicanos de Lisboa estavam anciosos por

o vêr e ouvir. Uma noite eu pedi-lhe para me acompanhar e apresentei-o no *Club Escolar Pinto Ribeiro*. Foi uma ovação. Era elle, então, director da *Gazeta da Tarde*. O seu discurso foi um verdadeiro successo. Orador fluente, conciso, temível, o illustre republicano commoveu a assembleia, recordando scenas horrorosas da escravidão, e terminando por um apêllo a todos os que tinham mães e irmãs.

—Que farieis vós, se tivesséis uma mãe ou uma irmã escrava? — perguntou.

E as lagrimas brotaram de todos os olhos.

Recordo-me ainda bem d'aquella noite, da impressão que ficou no meu espirito da sua esplendida e luminosa palavra.

De Lopes Trovão principiára a ouvir fallar nos meus tempos de estudante. Já então elle era um agitador. De quando em quando enviava-me do Rio os seus discursos, proferidos nos comícios populares e as suas conferencias, realizadas nos theatros. Enchia-me de admiração o seu grande talento oratorio. Nunca mais o perdi de vista. Nas suas valentes campanhas contra o imperio, segui-o sempre de perto, até que um dia nos encontrámos e nos abraçámos. Depois d'isso a nossa amisade não soffreu mais interrupções. Hoje é elle o primeiro deputado eleito pela cidade do Rio, e ámanhã quem sabe o que será. Mas nem porisso eu esqueço o velho tempo dos seus combates tribunicios, na praça publica, e antes o recordo com profundissima saudade.

Foi tambem, por esta epocha, que eu tive occa-

sião de vêr, pela primeira vez, em Coimbra, Gaspar da Silva, no quarto do meu querido amigo e chorado poeta Gonçalves Crespo.

Era um moço ainda imberbe, forte, espadaúdo, com grande amor ás letras e decidida vocação para o jornalismo, para o qual se sentia irresistivelmente attrahido. Encontrei-o de novo, em Paris, e não o conheci. Foi elle quem me recordou todo o seu passado. Soube, então, com orgulho que o Gaspar da Silva, a quem estava fallando, era o portuguez benemerito, que, n'um arranco de nobre patriotismo, havia dirigido, poucos dias antes, ao *Gil-Blas* uma carta de desforço, por causa de uma correspondencia de Madrid, calumniosa e infamante para Portugal, inserta n'aquella folha.

Congratulei-me por o ter encontrado, e mais me congratulei por vêr que havia ainda portuguezes, dignos d'este nome que, na santa defesa da patria, não duvidam arriscar a sua vida e a sua tranquillidade!

No café *Pousset*, as conversações recahiam frequentemente sobre o Brazil. Uns previam, para breve, uma crise commercial; outros entendiam que o governo e a administração publica podiam e deviam ser menos militares do que são. Mas n'aquillo em que todos estavam de accôrdo, n'aquillo em que se não notava a minima discrepancia, era no que dizia respeito á estabilidade das instituições republicanas, á sua prosperidade e ao seu futuro.

E aqui teem os medrosos e os timidos uma prova

e um exemplo bem frisante de como as instituições se pódem transformar sem abalos nem violencias!

Os que veem um perigo n'uma federação entre Portugal e Hespanha, basta que attentem um pouco na constituição dos Estados Unidos do Brazil, para que taes receios se desvançam.

Cada um dos Estados Unidos do Brazil, assim como cada um dos Estados da grande Republica Americana, não só tem a sua autonomia assegurada, o seu governo, os seus magistrados, a sua policia, as suas fronteiras, as suas finanças, a sua administração, como até a sua bandeira. Estes Estados constituem verdadeiras nações, ligadas umas ás outras pelo laço federal, para qualquer eventualidade que possa sobrevir. Nem outra cousa é uma federação, senão um contracto, um pacto (do latim *foedus*) que liga e obriga as partes contractantes.

No Brazil a Republica estará sempre garantida pela federação; e, vice-versa, a federação será sempre uma garantia para a Republica!



bibRIA



X

EM BARCELONA

A CIDADE. — COMMERCIO E INDUSTRIA. — MOVIMENTO ASSCIIATIVO E LIVRE-PENSADOR. — REPUBLICANOS E SOCIALISTAS. — A IMPRENSA. — O FUTURO DE BARCELONA. — SALAS ANTON E O DON DE BUEN. — O MEETING EM FAVOR DE PORTUGAL. — A INAUGURAÇÃO DO CASINO DO CENTRO REPUBLICANO. — O BANQUETE DA MAÇONARIA. — A PARTIDA.



DUAS cousas, principalmente, me impressionaram, quando cheguei a Barcelona: a generosidade de caracter dos seus habitantes, e os esplendores da sua natureza meridional. Bella e encantadora, como todas as cidades do Mediterraneo, Barcelona é ainda mais uma grande cidade pelo seu extraordinario desenvolvimento commercial e industrial, e pelo seu brilhante e notavel movimento democratico.

Poucas cidades da Europa produzem hoje tanto e tão bem como Barcelona. Particularmente em moveis, em tapeçarias, em tecidos, em mosaicos, em fundições, não conheço nenhuma que a exceda. A *Machinista terrestre e maritima*, que visitei, emprega nas suas officinas de 1:200 a 1:300 operarios, e só em salarios dispende por semana de 35 a 40 mil *pe-setas*. Ali tive occasião de vêr e admirar as duas enormes caldeiras, que se estavam concluindo, para os dois couraçados da marinha hespanhola—*Lepanto e Affonso XIII*—da força de 11:500 cavallos.

Com o seu vasto e poderoso movimento commercial e industrial, que fará d'esta cidade, em poucos annos, uma das primeiras da Europa, corre parelhas o seu movimento associativo, o que é uma prova bem clara de como a democracia é ali comprehendida e praticada.

O *Fomento de trabalho nacional* tem, actualmente, 3:000 socios. Só o terreno para a installação do magnifico e sumptuoso edificio, que hoje pertence á sociedade, custou 200:000 duros, tendo-se dispendido na installação definitiva de 25 a 30:000 duros.

O *Ateneo Barcelonez*, uma das aggremações mais sympathicas e mais prosperas da Hespanha, conta, presentemente, 1:600 socios, possuindo uma bibliotheca com 16:000 volumes, e um gabinete de leitura, onde se encontram mais de 200 jornaes, e as revistas scientificas e litterarias mais notaveis da Europa.

N'uma população de 350:000 habitantes, pódem contar-se, seguramente, de 70 a 80:000 operarios, que sustentam as suas associações de classe, as suas cooperativas e as suas escolas.

O *Ateneo obrero* (*Atheneu operario*) mantem, a expensas dos socios, aulas de arithmetica, desenho, francez, inglez, etc.; e é frequentado diariamente por mais de 400 alumnos.

Todas as classes teem a sua associação, que é a defensora dos seus interesses. Até os cosinheiros possuem ali um casino, com uma aula de culinaria, theorica e pratica, e um jornal, órgão do gremio, intitulado — *O Banquete*.

Associações de livres pensadores existem hoje as seguintes:

— *Guttenberg* — com ensino laical e aulas para o sexo masculino e feminino. Esta sociedade é frequentada por mais de 200 alumnos;

— *La Luz* — união barceloneza de livres pensadores. É composta na sua maioria de anarchists;

— *Sociedade Victor Hugo*, etc.

Os republicanos, tanto os centralistas, como os federaes, como os progressistas, possuem os seus casinos, onde celebram as suas reuniões e onde discutem os assumptos de interesse partidario.

Publicam-se, em Barcelona, os seguintes jornaes diarios:

— *El Diluvio* (republicano independente);

— *Le Publicidad*, (possibilista);

— *Suplemento e Vanguardia* (ambos fusionistas);

- *Noticiero Universal* (independente);
- *Diario de Barcelona* (o periodico mais antigo, conservador);
- *Diario de Catalunha* (carlista integro, que considera D. Carlos um pretendente demasiado liberal);
- *El Correo Catalã* (carlista);
- *Diario Mercantil* (liberal independente);
- *La Dynastia* (orgão de Silvela, conservador);
- *La Renascença (catalunista)*, e o unico diario redigido em lingua catalã).

Além d'estes diarios, ha muitos outros semanaes, entre os quaes avultam os seguintes (republicanos): *El Radical*; *El Progresista*; *La Avanzada*, etc.

Peris Menchetta é o director do *Noticiero Universal*. Todos conhecem, em Lisbôa, este intelligentissimo jornalista do tempo em que era correspondente da *Correspondencia de España*. Peris Menchetta representa o jornalismo, na sua forma moderna, da grande informação e da grande *reportage*. É um homem singular, de uma actividade, que não conhece cansaços e de uma vivacidade e de um bom humor incomparaveis. Lhano, afavel, cortez, a elle devo as mais altas provas de estima e de boa camaradagem jornalística que não posso deixar de consignar aqui com o mais profundo reconhecimento e a mais viva de todas as saudades.



A Barcelona está evidentemente reservado um lugar privilegiado no futuro. O seu movimento commercial e industrial, por um lado, e o seu movimento associativo, politico e livre pensador, por outro, imprimem-lhe uma feição essencialmente democratica, revolucionaria, diriamos talvez melhor, que a tornam temida e respeitada de todos os governos. Cidade trabalhadora, livre e independente, a capital da Catalunha impõe-se aos poderes publicos, como nenhuma outra cidade da Hespanha, e as suas reclamações são sempre escutadas, ouvidas e satisfeitas, como as de uma potencia que se teme e com quem os mandantes não desejam nunca malquistar-se. E assim é que tudo o que se diz e tudo o que se faz em Barcelona tem uma resonancia e um ecco immediato no resto do paiz.

Não será uma cidade artistica; mas é uma cidade moderna, no verdadeiro sentido da palavra, com todas as condições de producção, de riqueza e de actividade que a tornarão, em breve, uma das mais bellas e das mais prosperas da Europa.

A sua vida fabril, o seu desenvolvimento manufactureiro e os seus progressos scientificos e industriaes davam assumpto para um grosso volume. É digno de notar-se como os interesses de classe são ali tratados e defendidos. É isso, principalmente, o que, em meu entender, dá a Barcelona uma superioridade moral e material com a qual nenhuma outra cidade póde facilmente comparar-se.



Havia muito tempo que tinha projectado uma visita a Barcelona. Deu-se até, a proposito d'este facto, um episodio curioso. Em Novembro de 1889, escrevera eu ao meu querido amigo Salas Anton uma carta em que affirmava a necessidade de uma boa intelligencia entre os republicanos hespanhoes e os republicanos portuguezes. Essa carta foi lida n'um comicio popular, e o seu conteúdo transmittido por telegramma ao *Liberal*, de Madrid. A imprensa monarchica apoderou-se do assumpto, accusando-me de TRAIADOR, de CONSPIRADOR e não sei de quantas coisas feias mais.

Limitei-me á publicação da carta na integra, e, encolhendo os hombros, disse de mim para commigo: «todos estes patriotas que hoje me accusam hão de vir ainda um dia a pedir uma alliança com a Hespanha.»

Mal podia, porém, imaginar que tão cedo se havia de realizar o meu vaticinio.

Dois mezes depois chegava-nos o *ultimatum* inglez. Os mesmos jornaes, que tinham levantado uma campanha de diffamação contra a minha humilde pessoa, eram os primeiros a pedir uma approximação com a Hespanha. Na camara dos pares, o snr. marquez do Rio Maior e na dos deputados, o snr. Augusto Fuschini, propunham uma alliança offensiva e defensiva com a Hespanha.

O tempo encarregára-se, por si, de me justificar,

mais cedo mesmo do que eu podia esperar. Assim, creio, ha de succeder tambem com relação áquelles que veem na federação iberica um manejo contra a patria. Ha uma cousa superior ás declamações dos especuladores: é a logica terrivel dos factos e dos acontecimentos.

Em Barcelona realisava-se, no Circo Equestre, um grande *meeting*, afim de manifestar ao nobre povo portuguez a *sympathia* do povo hespanhol, a parte que elle tomava nas suas desditas, e os votos que fazia pelo triumpho da sua causa, que era a causa do direito. Com eguaes intuitos celebrava-se tambem, no mesmo dia, em Madrid, outro comicio.

Convidado a assistir a ambos preferi o de Barcelona, por anticipadamente haver contrahido o compromisso de ir aquella cidade presidir á inauguração do Casino do Centro progressista. Infelizmente o comboio em que tinha partido de Paris atrazou-se no caminho, por causa de grandes inundações, no meio-dia da França, e só me foi dado chegar ao lugar do meu destino, á noite, com doze horas de atrazo. Este facto não obstou, porém, a que muitas centenas de pessoas aguardassem na estação a minha chegada e acompanhassem a carruagem em que ia até ao hotel, defronte do qual foram levantados calorosos vivas a Portugal.

Entre os muitos republicanos que tomaram parte n'esta brillantissima manifestação de fraternidade e amor, apraz-me citar os nomes dos meus affectuosos amigos Juan Salas Anton e Odon de Buen, aos

quaes, principalmente, devo a recepção com que me honraram.

Salas Anton é hoje para mim um irmão muito querido e saudoso. Conheci-o, em Paris, durante o tempo da Exposição, e desde essa época nunca mais deixei de lhe consagrar a sincera e profunda estima que se consagra aos homens, como elle, superiores pela sua honestidade, pelo seu brio, pela sua coherencia e pela sua dignidade. É um bom e um raro amigo. Da sua lealdade, como republicano, nem sequer me atrevo a fallar. É um d'aquelles que não faltará ao seu posto na hora do perigo.

Encontrámos-nos, uma manhã, em casa de M.^{me} Emma Nevada, a deliciosa cantora que todos nós ouvimos e applaudimos, ha annos, em S. Carlos, e que o Porto acaba de acclamar e victoriar ruidosamente. Vivia na rua Panquet, 26, uma esplendida casa, primorosa e artisticamente decorada.

M.^{me} Nevada tem pelo nosso paiz uma viva e ardente sympathia. Americana por nascimento, o seu temperamento é, todavia, o temperamento de uma meridional, com todas as impressões e paixões da raça latina. Seu marido é um medico americano, vivendo ha quinze annos em Paris, mas exprimindo-se ainda em francez com extraordinaria difficuldade. M.^{me} Nevada não é só artista eminente, senão tambem uma conversadora adoravel e intelligentissima.

Discutiu-se a Exposição, naturalmente por ser, n'essa época, o assumpto obrigado de todas as conversações.

Fallou-se no Japão, na India, na China.

O Japão tem feito progressos incontestaveis, assimilando os costumes e a civilisação da Europa. Ranchos de japonezes passeiam, em Paris, vestidos, como verdadeiros parisienses, de frak e chapéu alto. Mas a sua representação na exposição era relativamente inferior por ser demasiadamente local, e haver mais a esperar de uma nação, que tão ciosa se mostra de progredir, enviando todos os annos á Europa dezenas e dezenas de nacionaes que vêem cursar as universidades estrangeiras, e preparar-se para dirigir, governar e administrar o seu paiz pelos processos que a evolução hoje impõe a todas as nacionalidades.

Depois veio a China. Em S. Francisco — disse-me M.^{me} Nevada — houve em tempo um verdadeiro terror, por se supôr que a população chinesa quizesse invadir a America.

Mas não é positivamente para a America que os chinezes lançam as suas vistas — obtemperou Salas Anton. Se um dia essa medonha população se lembra de procurar a Europa, com a sua sobriedade e habitos de temperança e de trabalho, teremos uma nova invasão, como a dos barbaros do norte da Edda-Média.

Concluimos que a China era, relativamente á India e ao Japão, o paiz mais atrazado pelo que se via na exposição — excesso de côr na pintura e nas tapeçarias; as incrustações em madeira, inferiores ás do Japão.

Os meus encontros com Salas Anton amiudaram-

se cada vez mais, até que chegámos a estabelecer entre os dois uma intimidade que mais parecia o resultado de uma longa convivência de muitos annos do que uma simples aproximação de alguns dias apenas.

A historia da sua vida constitue a historia de um verdadeiro character, e quasi a poderíamos, talvez, definir a historia de uma consciencia pura e immaculada.

Salas Anton que nutria, como todos os homens de coração, uma grande paixão pela França, sahio um dia de Barcelona, e dirigiu-se a Paris. Ali encontrou-se, de repente, sem recursos, com a mulher que amava, e que é hoje sua esposa amantissima. Lembrou-se, então, de Salmeron, o illustre emigrado. Embora o não conhecesse, resolveu, ainda assim, dirigir-se a elle, afim de lhe manifestar a admiração que ha muito tinha pelo seu grande talento. Contou-lhe a sua vida e a situação em que se encontrava. Salmeron vivia de umas traducções que fazia para uma casa editora, e de que auferia, apenas, o indispensavel para se sustentar a si e á sua familia. Disse-lhe que voltasse no dia immediato, mas que não poderia dar-lhe, em todo o caso, mais que 2 ou 3 francos por dia. Salas agradeceu o offerecimento e acceitou-o reconhecido. No dia seguinte, Salmeron depois do trabalho concluido, voltou-se para o seu protegido e disse-lhe: «É melhor que façamos as nossas contas todos os dias. Aqui tem um franco e cincoenta centimos pelo que fez hoje.» — Salas não tinha um real no bolso, e nem sequer sabia como havia de comer.

Pode pois, imaginar-se como acceitou commovido aquelle franco e cincoenta, que representava para elle o indispensavel para não morrer de fome, n'esse dia, e para não passar a noite ao relento em qualquer banco dos *boulevards* ou das praças publicas. . .

Não admira, portanto, que seja tão nobre, tão bisarro e tão generoso quem, como elle, educou o seu espirito na adversidade, e quem aprendeu, na lucta pela vida, a ser tolerante e a esquecer facilmente as offensas dos homens!

O companheiro de Salas Anton é Odon de Buen, lente da Universidade, homem de sciencia, homem de trabalho, grande orador, republicano entusiasta, e leal e convicto apostolo das ideias federaes. São inseparaveis, e juntos constituem um poderoso nucleo de propaganda e de ensinamento e educação democratica. São dois benemeritos, a quem nós, os portuguezes, devemos altissimas provas de sympathia e de solidariedade. Por occasião do *ultimatum* realisaram juntos uma conferencia, para acudir em defeza da nossa honra insultada. Mais tarde, quando o inglez nos esbofeteou, com o tratado de 20 de Agosto, elles voltaram de novo á liça, em nosso favor, para organizar o *meeting* do *Circo equestre*, que esteve extraordinario no entusiasmo e na espontaneidade com que o nosso paiz foi victoriado e acclamado.

Odon de Buen é genro de Fernando Lozano (Demofilo), e passa, na Europa, por um dos primeiros representantes do livre pensamento. Ouvi-o, pela primeira vez, no congresso dos livres-pensadores, em

Paris e logo augurei ao seu talento provado e á sua extraordinaria actividade um largo futuro e uma larga celebridade. Como professor é dos mais distinctos de Hespanha, tendo adquirido em grandes e successivas viagens, pelo mundo, uma copia de conhecimentos e uma illustração, que difficilmente pôde ser egualada.

Era Odon de Buen o presidente do Casino do Centro republicano. A sessão inaugural, realisada n'esta occasião, não só representou um obsequio imerecido feito aos republicanos portuguezes, na minha humilde pessoa, senão tambem marcou o inicio de uma nova politica para a peninsula — uma politica de paz e de confraternidade entre os dois povos.

Todas as *nuances* do partido republicano hespanhol estiveram representadas n'esta notavel reunião — centralistas, possibilistas, progressistas e federaes, entre os quaes nos apraz mencionar Pedro Closas, um valente e generoso adepto do federalismo, e Baldomero Lostau, antigo deputado e antigo revolucionario.



Em Barcelona ha vinte e cinco lojas maçonicas. O banquete que, por iniciativa do sympathico maçom Adolpho de Maglia y Galois, me foi offerecido no *restaurant Continental*, a que assistiram cerca de duzentas pessoas, foi uma nova manifestação em favor de Portugal, e uma nova prova de solidariedade da parte dos republicanos hespanhoes para com republicanos portuguezes.

Foi, n'essa esplendida festa, que eu tive occasião de conhecer Eugenio Laban, o adoravel tenor, que toda Barcelona applaude enthusiasmicamente sempre que o ouve cantar, no *Lyceu*, um dos maiores e dos melhores theatros da Europa.

E foi assim, com estas doces e encantadoras impressões que parti de Barcelona, commovido, confuso, vexado pelos favores recebidos, recordando ainda hoje, com profundissima saudade, os nomes d'aquelles republicanos queridos, que conservo no coração, como se constituíssem, para mim, uma parte da minha propria existencia ou como se fossem uma reliquia sagrada, que se invoca com o mesmo ardôr e com a mesma devoção com que os crentes sóem invocar os seus deuses ou os seus santos predilectos.

Ao apertar a mão d'esses bons amigos pela ultima vez, eu disse-lhes: «Adeus e até breve!

E, de facto, só voltando brevemente àquella cidade, no dizer de Cervantes, o *archivo da cortezia*, o *albergue dos estrangeiros* e a *patria dos valentes*, me poderei mostrar sufficientemente grato a tanta bizarria e a tanta e tamanha generosidade.



bibRIA



XI

A ITALIA

TURIM.—O MONUMENTO COMMEMORATIVO DA PERFURAÇÃO DO MONTE CENIS.—VICTOR MANUEL.—CAVOUR.—GARIBALDI E MAZZINI.—MILÃO.—CAVALLOTI.—LEONARDO DE VINCI.—O PARTIDO RADICAL.—VENEZA.—O PALACIO DOS DÓGES.—NEM SOL NEM LUA.—A QUATRO HORAS DA AUSTRIA.—FLORENÇA.—SAVONAROLA E GIORDANO BRUNO.—OS MEDICIS.—ROMA.—O PAPA E OS LIVRES-PENSADORES.—AURELIO SAFFI.—IMBRIANI.—O IRRIDENTISMO.—ALBANI.—FRATTI.—ANDRÉA COSTA.—NAPLES.—MAZZANIELLO.—BOVIO.—O LAZZARONI.—GENOVA.—O GENERAL CANZIO.—OS ALPES MARITIMOS.—O MEDITERRANEO.—MARSELHA.



MILÃO é o grande centro da democracia na Italia. É ali que vive o notavel poeta e o grande orador Cavalloti; é ali que se publica o *Secolo*, o jornal de mais larga circulação no paiz.

Cavalloti mora na rua de Santo Zeno, 9. É uma figura culminante, o chefe do radicalismo, e, seguramente, o poeta mais popular da Italia. O *Secolo*, que

visitei também, é um periodico muito bem informado e que, na questão da triple alliança, tem mantido a attitude mais sympathica, a mais patriotica, a mais correcta e a mais digna. É uma folha, lida diariamente por mais de um milhão de pessoas, e o seu proprietario Eduardo Sonzogno é hoje millionario.

Milão está a quatro horas de viagem de Turim. Mas, cousa notavel! ao passo que esta é uma cidade essencialmente aristocratica e tradicionalmente monarchica, Milão é tudo quanto ha de moderno, e de mais avançado em ideias e em principios.

Turim, a capital do Piemonte, é uma cidade lindissima, onde estudam annualmente para cima de mil e quinhentos estudantes. Apesar d'isso, porém, é monotona no seu viver e de uma regularidade demasiada nos seus edificios e nas suas ruas. Da familia de Savoia encontram-se por ali recordações a cada passo, se bem que essa dynastia não tivesse nunca contribuido senão para comprometter a causa liberal do Piemonte. O proprio Carlos Alberto foi appellidoado o *rei indeciso*, e muitas vezes dizia que se encontrava entre o *punhal dos carbonarios* e o *chocolate dos jesuitas*, tendo por isso que abdicar, e indo para o Porto, onde morreu poucos mezes depois.

Foi Victor Manuel o unico representante d'essa casa, que, pelas suas tendencias liberaes, mereceu a sympathia publica. Mas esse mesmo nada teria feito, se não tivesse tido, por collaboradores, na grande obra da unidade e da pacificação italiana, Cavour, Garibaldi, e Mazzini. Por isso é rara a cidade onde estes

patriotas, os dois primeiros principalmente, não tenham um monumento ou uma consagração nacional.

De todos os monumentos que vi, porém, e ha-os em excesso em todas as cidades italianas, foi o monumento commemorativo da perfuração do Monte Cenis, aquelle que mais me prendeu a attenção e mais me impressionou. É, ao mesmo tempo, simples e eloquente essa commemoração: umas figuras em mármore, trabalhadores anonymos que ninguem conheceu, mas que contribuíram, com avultado quinhão, para a realisação d'aquelle trabalho gigantesco que levou nove annos a concluir, amparam e sustentam grandes massas de pedra, que parece quererem despenhar-se sobre elles. Não se destaca ali nenhuma individualidade; mas destaca-se a nota collectiva do trabalho humano em toda a sua grandeza e em todo o seu esplendor. Verdadeiramente brilhante!



Chego á capital da Lombardia, e ali mesmo onde tem a sua consagração especial a memoria de Leonardo de Vinci, o inolvidavel artista, que tanto contribuiu para engrandecer Milão e que deixou na igreja de Santa Maria o seu principal quadro da ceia dos apostolos, como Rubens deixou os seus dois grandes quadros da subida e da descida da cruz na cathedral de Anvers, ali mesmo, digo, possui Cavour tambem a sua estatua. É certo que o nome de Victor Manuel ficou vinculado ás tradições patrias. Mas

a recordação de Cavour e de Garibaldi sobreleva a qualquer outra recordação no espirito publico. Foi Cavour, quem, no congresso de Paris de 1859, levantou a questão italiana; foi Garibaldi quem a defendeu com a espada na mão, e esses factos não se apagaram ainda, não se apagarão jamais da alma do povo.

O partido radical italiano conta com os garibaldinos e mazzinistas, como os seus principaes proseytos e apóstolos. E o povo venera e consagra, n'essas legiões de bravos patriotas, a memoria e o espirito dos dois heroes da Italia, tão amados pela nação e tão respeitados pelo estrangeiro.

Infelizmente a Italia encontra-se, n'este momento, n'uma situação grave: o governo, presidido por Crispi, um renegado da democracia, combate a França, para liçongear a Austria e a Allemanha, os dois naturaes inimigos da raça latina, e particularmente da Italia; o povo quer e proclama a alliança com a França. Uma guerra, amanhã, entre estas duas nações seria impossivel, e, no caso de semelhante conflicto vir a dar-se, milhares de italianos levariam o seu protesto até á guerra civil, se tanto fosse necessario.

Tambem se dizia que o governo pensava em romper com o typo monetario. Ha cinco paizes na Europa, onde a unidade monetaria existe: na França, Suissa, Italia, Belgica e Grecia. No dia em que o governo commettesse um tal attentado, o commercio italiano, que, presentemente, se encontra muito abalado, caminharia para uma ruina segura.

Para se vêr até onde chega o prurido germanico, em coisas officiaes, basta dizer que os officiaes do exercito imitam servilmente as maneiras e o *ar marcial* dos officiaes allemães!



Veneza visita-se, como se póde visitar um museu de antiguidades—pelo interesse artistico que inspira ao viajante e pelas suas tradições romanticas. Se, amanhã, algum iconoclasta menos escrupuloso se lembrasse de derrubar alguns d'aquelles mysteriosos palacios, que bordam as margens dos canaes e lhes imprimem um aspecto mudo de phantasmas gigantes e colossaes, ondulando nas sombras da noite, para sobre as suas ruínas edificar um edificio, segundo todas as regras da architectura moderna, o fiasco seria completo e Veneza perderia, n'um momento, todo o encanto, toda a belleza que hoje possui e que é o segredo da sua existencia, como rainha do Adriatico.

Ha duas cousas, sem as quaes se não póde visitar Veneza—um bom sol amigo durante o dia, e um luar sereno e meigo, durante a noite,—aquelle doce luar que, em Verona, tantas vezes guiou os passos vacillantes e incertos do pobre Romeu, e que punha nos cabellos de Julietta, quando apparecia na sua varanda, umas estranhas scintillações divinas e celestiaes; aquelle bello luar que segredava aos ouvidos de Desdemona a eterna melodia do amor, quando

nas aguas do canal se ouvia o manso rumorejar da gondola em que vinha Othello, o amante idolatrado do seu coração de pomba; aquelle formoso luar que, penetrando atravez as grades sombrias do ergástulo, era para os tristes condemnados, como Silvio Péllico, um alento e uma esperança longinqua; aquelle luar, emfim, que é como que uma trégoa, o symbolo da pacificação universal, concedido pela natureza aos homens, no meio das suas luctas intestinas, das suas guerras e dos seus constantes destroços. E eu, infelizmente, entrei em Veneza, por uma noite humida, fria e chuvosa. Os seus canaes, a voz monotona do gondoleiro, repercutindo-se, ao longe, n'um ecco triste e soturno, os palacios a confundirem-se com as sombras, que projectavam nas aguas, de um modo phantastico, diabolico, terrivel — tudo isso me impressionou desagradavelmente.

Observou-me um italiano que um estrangeiro nunca poderia apreciar bem Veneza, a menos que não tivesse residido, na cidade, durante algumas semanas. E, de facto, assim é! Para se gostar de Veneza é preciso comprehendel-a, é preciso ter a convivencia que dizem adoravel, com as familias da terra, tomar parte nas serenatas do grande canal, identificar-se, emfim, com os usos e costumes locais.

Não nos sobejava, porém, o tempo; e, porisso, depois de tres dias de demora, vendo que nem o sol nem a lua se dignavam de apparecer, resolvemos seguir para Bolonha.

Entre os monumentos, porém, que visitámos,

além da egreja de S. Marcos, com o seu grandioso estylo medieval, merece particular menção o palacio dos doges, não pelo que elle nos possa offerecer de grandeza artistica ou de ideal esthetico, mas pelo que elle encerra de degradante e de criminoso, sob o ponto de vista politico e social.

O governo dos doges era um governo de tyrannos disfarçados, sob o pomposo titulo de uma republi-
ca aristocratica.

Peior ainda que as monarchias constitucionaes do nosso tempo, esta pseudo-republica commettia, impunemente, as maiores atrocidades e os mais infames attentados, perseguindo todos aquelles que não jurassem obediencia cega ao despota sanguinario, e que não ajoelhassem perante a sua pessoa omnipotente.

Et voilà l'homme rouge qui passe!...

Quantas victimas da crueldade d'aquelles tempos! Quantos innocentes, atirados ao mar, por altas horas da noite, encerrados em caixotes, ou amarrados de pés e mãos, unicamente porque combatiam e censuravam as brutalidades e as audacias do poder!

De Veneza herdou Portugal, no seculo XVI, o sceptro dos mares. E foram effectivamente as suas glorias maritimas, o seu commercio, o seu genio emprehendedor e activo que fizeram d'aquella cidade um dos primeiros emporios da civilisação do mundo. Valha-nos isto, ao menos, para fazer esquecer a boçalidade e as infamias dos seus governos—tudo o que havia de mais aristocratico e de menos republicano!



A quatro horas de Veneza está Trieste. O *irridentismo*, é para a Italia, o que a *revanche* é para a França. Os *irridentistas* consideram o seu paiz mutilado, enquanto não recuperarem Trento e Trieste que a Austria lhes usurpou. Os partidarios da *revanche* são de opinião que a França ficou incompleta com a annexação da Alsacia e da Lorena á Allemanha, e que se torna, portanto, forçoso libertar e emancipar as duas provincias do jugo germanico. Ambos estes partidos se inspiram no mais acrisolado patriotismo.

São os monarchas que semeiam o odio entre os povos. O espirito de guerra e de conquista é incompativel com o espirito, eminentemente industrial e pacifico que domina o nosso seculo. O rei é o inimigo do povo, como o parasita é o inimigo do trabalho.

Esta perturbação que hoje existe na Europa, e que faz com que a Italia odeie a Austria e a França seja inimiga da Allemanha provém d'isto mesmo — de ser ainda tolerada a realeza.

Que lucrou a Allemanha com a annexação da Alsacia e da Lorena? Que ganhou a Austria com Trento e Trieste?

Os monarchas de uns e outros paizes não conseguiram com isso senão estabelecer a conflagração no seio mesmo das suas respectivas nacionalidades!

À testa do *irridentismo*, em Italia, está hoje o

deputado republicano Imbriani, director e proprietario do jornal *La Capitale*, que se publica em Roma.

Ouvi-o, por differentes vezes, em Paris. A sua physionomia lembra um pouco a de Thomaz Ribeiro. É alto, forte, espadaúdo. Tem a palavra facil, correcta, espontanea, e é de uma energia pouco vulgar. Crispi teme-o, e a democracia italiana deve-lhe altissimos serviços.

No parlamento, Imbriani é dos deputados mais seguros e certos no ataque; na imprensa é o batalhador illustre, digno das tradições d'aquelles que, como Mazzini e Garibaldi, queriam, como elle, a *Italia irridenta*, isto é,—a patria livre e emancipada do jugo estrangeiro.

Em volta da gloriosa bandeira do *irridentismo* —a bandeira patriotica por excellencia— e ao lado de Imbriani, encontram-se outros deputados e jornalistas não menos valentes e não menos temidos do que elle, como Cavallotti, Fratti, Andréa Costa, Albani, etc.

Cavallotti provou o que era e o que podia com os tres grandes discursos de Florença, Turim e Milão em que desfez, um a um, todos os argumentos de Crispi. É um orador, educado na escola de Clemenceau e Camillo Pelletan, sem declamações, sem artificios de rethorica, mas sincera e nobremente eloquente pelo poder invencivel dos factos, dos algarismos e das ideias.

Andréa Costa é socialista. É um verdadeiro apostolo do internacionalismo em politica. Não conhece

fronteiras, nem raças, nem patrias. Para elle só existe a Humanidade, como a unica synthese social moderna.

Costa foi condemnado a tres annos de prisão, por ter tomado parte n'uma *grève*, em Roma, e teve por isso que emigrar para Paris, visto a camara ter dado licença para que o processo se instaurasse. Declarado vago o seu circulo, foi reeleito. Nas ultimas eleições o seu nome figurou em tres circulos differentes. Crispi, antes das eleições, houve por bem amnistial-o, por receiar dos resultados da sua candidatura, e Costa voltou a occupar o seu posto em Roma.

Na politica democratica estes tres homens completam-se: Imbriani, como chefe do *irridentismo*; Cavalloti, como o *leader* dos radicaes, e Costa, como representante dos revolucionarios.

Frattí, o eloquente advogado de Roma e Albani, o brilhante organisador, o propagandista infatigavel da alliança latina, e redactor da *Emancipazione*, são os dois poderosos auxiliares da causa popular e do credo republicano, na Italia.

E ninguem se illuda com o resultado das ultimas eleições! Os algarismos são implacaveis. Os processos, na politica, são hoje bem differentes do que eram ha dez ou vinte annos. Para derrubar uma instituição, já não é preciso conspirar na sombra, como succedia nos bons tempos do carbonarismo. Basta o facto, basta o argumento. Desde que se prove que a instituição monarchica—de que é cabeça visivel o germanisado snr. Crispi—está arruinando o paiz internamente e contribuindo para o seu descredito no

estrangeiro, é claro que essa instituição está por si condemnada a morrer. E é isto justamente o que se está dando, na hora presente, com o governo do rei Humberto e com a monarchia em Italia.



Com razão se diz que Florença, Roma e Napoles constituem hoje as tres principaes cidades da Italia. Florença é a patria do Dante, a cidade das flôres, a terra que conta, entre os seus thesouros mais apreciaveis, as telas, os frescos e as esculpturas de Raphael, de Fra Angelico e de Miguel Angelo. Defronte do meu hotel estava a casa d'onde Garibaldi, em 1867, fallou ao povo florentino, repetindo-lhe o celebre dilemma da expedição de Mentana: *Ou a morte ou Roma!* dilemma que deu á nação a sua capital e á humanidade o livre exame. E, a pouca distancia, n'um museu antiquissimo, erguia-se a estatua de Savonarola, o frade dominicano, que, n'aquelle mesmo local, tinha sido queimado por ser o inimigo dos Medicis, e o adversario implacavel do papado. Que de recordações e que extraordinaria cidade esta que tanta lição e tão grande ensinamento encerra para o mundo e para os estudiosos de todos os paizes.

Entre Savonarola e Giordano Bruno, cujo monumento foi inaugurado em Roma, a distancia é enorme. Giordano Bruno era um fanatico da sciencia, do progresso e da humanidade; a intolerancia brutal fez d'elle um martyr. Savonarola tinha os vicios inhe-

rentes á sua natureza de frade — era rancoroso, ambicioso, vingativo. Mas nem por isso deixou de ser uma victima do fanatismo, da tyrannia papal e da perversidade clerical. O povo florentino tem pela sua memoria o respeito sagrado que tributa a todos os que cahiram na estacada em defeza do luminoso principio da emancipação da consciencia humana.

Em Italia ha, principalmente, um facto em que todos estão de accôrdo: é na guerra irreconciliavel e sem tréguas contra o papado. Pódem encontrar-se divergencias no modo de apreciar a politica do snr. Crispi; póde haver discordancia no modo de encarar a situação italiana, relativamente á França; mas aquillo em que não ha a minima discrepancia é n'isto: no sentimento que anima todos os patriotas, sem distincção, ácerca da questão religiosa.

Póde a Austria pretender restabelecer o poder temporal do papa; pódem as nações prestar-lhe o apoio que muito bem entenderem e quizerem; a Italia é que nunca transigirá com ella. Conservadores, republicanos, socialistas pensam egualmente do mesmo modo sobre o assumpto, e o clericalismo é impotente para lutar contra esta corrente, que é a verdadeira corrente nacional.

A pouca distancia da estatua de Savonarola encontrei o retrato de Catharina de Médicis, a mais perversa e infame de todos os Medicis, e então reconheci como era justa a homenagem prestada pelo povo ao frade dominicano. É certo que os Médicis contribuíram, no seu principio, enormemente para a pros-

peridade de Florença, mas também não é menos certo que, pelo seu despotismo, se tornaram depois uns tristes elementos de decadencia para aquella terra. E, quando nos lembramos ainda da Saint-Barthelemy e dos Hugenottes, mais reconhecemos e admiramos a lucta d'aquelle generoso povo contra a oppressão clerical e o despotismo ultramontano.



Florença foi a antiga capital da Toscana, e capital do reino de Italia, de 1865 a 1870. Com justificado motivo dizem os florentinos, que assim como na antiguidade a Italia era Roma, na idade media e nos tempos modernos o seu centro intellectual se encontra em Florença. O modo correcto como ali se falla o italiano é uma prova d'isso. No Piemonte, na Lombardia predomina o *patois*. Na Emilia, que se compõe de Bolonha, a gloriosa patria do direito romano, Parma, Padua, Ferrara, a lingua começa a accentuar-se, attingindo toda a sua pureza na Toscana.

A Italia é formada de provincias, de indole, habitos e dialectos, inteiramente differentes, e só uma federação republicana poderia imprimir-lhe um cunho verdadeiramente nacional. É quasi o mesmo que succede com a nossa vizinha Hespanha.

O partido republicano ou radical é, presentemente, em Italia, o partido de todos os que querem a alliança com a França e a união latina. Foi Bolonha, onde existe um poderoso nucleo socialista e anar-

chista, que elegeu nove vezes successivas Amilcare Cipriani, e mesmo em Florença a democracia conta com grandes e seguros elementos, porque não pôde deixar de ser republicano um paiz, onde é tão accentuado o sentimento anti-clerical. A emancipação das consciencias conduz á emancipação politica.

O que ainda sustenta a monarchia é o facto de Humberto ser filho de Victor Emanuel, pela memoria do qual os italianos professam uma profunda veneração. Só em 1861 poudes elle intitular-se rei da Italia, após uma lucta encarniçada contra os austriacos. a que não foram estranhos os francezes, que tanto contribuíram, em Magenta e Solferino, para o triumpho da Italia; e só em 9 de Outubro de 1870 é que Roma foi proclamada capital, depois das brilhantes expedições, para o exito das quaes tanto concorreram Cavour, Mazzini, e Garibaldi.

Estes factos estão, por assim dizer, recentes, e é esse o motivo porque a Italia ainda hoje não é republicana. As suas tradições, o seu conhecido liberalismo e as suas tendencias emancipadoras chamam-n'a á Republica, de preferencia á monarchia. O tempo se encarregará de concluir a obra de Mazzini e Garibaldi.



Que a Italia é um paiz decadente e arruinado, não ha a menor duvida! O papel superabunda, e quasi se pôde dizer que a moeda desapareceu do mercado.

Era raro o dia em que eu não ouvia fallar na quebra de algum banco. A crise financeira começava de fazer-se sentir de um modo cruel e triste.

O *Krach* é a nota predominante da sociedade italiana. Muitos factos concorrem, de resto, para isso. Entre outros podemos e devemos citar a aventura da triple alliança em que se envolveu o governo do snr. Crispi e que faz com que o Estado mantenha em pé de guerra um exercito e uma marinha que as forças do seu orçamento estão longe de comportar.

A miseria é enorme, e mesmo ao pé do Vaticano, com toda a sua opulencia e magestade, não encontrei senão gente pobre, mal trajada, e minguada de recursos. Roma deve ao papado o seu retrocesso e o seu estacionamento, e só agora principia a transformar-se e a desenvolver-se. Mas, se attendermos ao seu passado e ao predomínio que teve na civilização do occidente, é evidente que está longe ainda de ser a capital de uma nação como a Italia.

Muitos ha ainda que supõem Roma um centro religioso por excellencia, onde toda a gente é catholica apostolica romana, temente a Deus e fiel observadora dos mandamentos da Santa Madre Igreja. Mas é um puro engano. É preciso ir ali, analysar de perto os habitos e as tendencias do povo, para se vêr e reconhecer quanto é falsa a lenda dos padres de Roma.

Poucas cidades ha, talvez, na Europa, onde abundem mais os livres pensadores e onde a maioria dos seus habitantes se riam mais do charlatanismo reli-

gioso e tomem menos a sério os elixires e as drogas dos dentistas de sachristia, para *salvação eterna da nossa alma e do nosso corpo*.

—Para os conhecer bem—dizia-me um italiano—é mister viver com elles. Se todos os povos estivessem em contacto tão intimo e directo com os ultramontanos como nós, todos os povos seriam livres pensadores ha muito, e a emancipação da consciencia seria tambem ha muito um facto e uma realidade.

É rigorosa e verdadeira esta opinião. Por isso não é, por fórma alguma, para estranhar, que seja maior o numero dos admiradores de Giordano Bruno do que de Leão XIII.

Em geral, os visitantes que vão a Roma curam mais de arte e de historia do que d'estes factos. Mas Roma não póde estar só atida aos thesouros inapreciabilissimos que lhe legaram os grandes artistas da Renascença. Tem deveres a cumprir que a civilização lhe impõe, e esses deveres não póde postergal-os, sob pena de se suicidar moralmente.

Ora Roma é a capital da Italia desde 1870. E em vinte annos, manda a verdade que se diga—os seus progressos teem sido morosos, lentos e quasi inapercebiveis.

À Italia, desde que entrou no concerto das grandes potencias, cabe-lhe a obrigação imprescriptivel de acompanhar as demais nações no seu movimento ascencional de progresso e de civilização. E, desde que o não faça, poderá realmente ser a Italia de Raphael e de Miguel-Angelo, mas o que não poderá

nunca é ser a Italia moderna a que, por mais de um titulo, tem justificado direito.

Foi esta a impressão que me deixou Roma, o que não quer dizer que não seja um dos admiradores mais entusiastas do seu passado artistico e das suas gloriosas tradições.

Creio, porém, firmemente que Roma difficilmente se transformará, enquanto o papa ali existir. E a hypothese da sua sahida só o tempo a poderá resolver. Mas supponho que a pouca alegria que notei na cidade é, principalmente, derivada d'este facto culminante—de ser, por enquanto, Roma a séde do orbe catholico. A Egreja, tal como é, tornou-se incompativel com o progresso. E, se bem que a influencia do Vaticano seja insignificante e secundaria perante o povo e o Estado, é certo, todavia, que a existencia do papa, em Roma, tolhe muitas vezes o desenvolvimento da sociedade civil e impede os governos de procederem como poderiam, se, por acaso, se sentissem á vontade.

*
* *

Antes de fallar de Napoles devo dizer duas palavras sobre Aurelio Saffi, bolonhez, se me não engano, fallecido ha um anno, mas que residia habitualmente em Foligno. Era seguramente o republicano mais sympathico da Italia. Podia haver divergencias de opinião sobre Cavalloti, sobre Imbriani, sobre Costa, sobre todos os republicanos emfim. Não as ha-

via, porém, sobre Aurelio Saffi, tão honrado pela sua coherencia, como pela sua isenção e hombridade. Era um patriota, no verdadeiro sentido da palavra, da tempera de Mazzini, de quem apresentava uns longes na barba e na physionomia. Muitas vezes eleito deputado, Aurelio Saffi declinou sempre a honra de entrar no parlamento. Inimigo convicto da monarchia, repugnava ao seu character honesto o ter de prestar um juramento que não era a expressão da sua consciencia nem do seu sentir. N'estas condições, e porque sabia ser o parlamento um elemento de perversão moral e de corrupção politica, elle procedeu com a maior independencia, preferindo ás honras parlamentares o isolamento a que voluntariamente se condemnou. Homens, como aquelle, honram um partido e consagram uma ideia.

Que direi de Napoles, uma das mais bellas cidades do mundo, e seguramente a primeira da Italia, pela sua explendida bahia, pelos seus horisontes formosissimos, pela sua população alegre, pelos seus arrabaldes, pela sua natureza sem igual e pelo seu clima unico e delicioso?

Poderia e deveria, talvez, fallar do Vesuvio, das ruinas de Herculenum e Pompeia, e da sua arte que fez com que, em tempos, se chamasse a Napoles, a *grande Grecia*. . . O meu fim, porém, é antes dar uma nota politica dos povos que visitei, do que fa-

zer uma obra litteraria. Lembram-se da Graziella e da Fior d'Alisa de Lamartine? Lembram-se do Tasso? Foi em Sorrento, uma localidade encantadora, que elle viveu; foi ali que elle produziu as suas immortaes estrophes e foi ali que expirou, assim como Petrarcha viveu e morreu em Veneza, onde ainda existe a sua casa.

Napoles tem, como todas as terras da Italia, as suas gloriosas tradições revolucionarias, porque em poucos paizes, como aquelle, teve o carbonarismo adeptos mais convictos e apostolos mais viris e audaciosos.

Mazzanielo foi, outr'ora, a encarnação do protesto popular, contra os vice-reis, que, pelos seus crimes e pelas suas iniquidades, abusavam dos poderes que lhes eram conferidos. Mazzanielo era a expressão da vontade popular; era o povo que se impunha aos governadores pela consciencia dos seus direitos e da sua força. Mazzanielo é a Italia d'outros tempos, a revolução, fallando em nome da patria e da liberdade.

É em Napoles que reside Bovio, um illustre professor de direito e democrata sincero. E uma vez que fallo em direito, devo dizer que, em nenhum paiz da Europa, talvez, a anthropologia criminal tem progredido tanto como na Italia. Encontram-se ali notaveis obras publicadas sobre o assumpto, e, entre os cultores de direito criminal, occupa Bovio um dos primeiros logares.

O *lazzaroni*, que dizem ser um producto de Na-

poles exclusivamente, encontra-se mais ou menos espalhado por todo o paiz. O *lazzaroni* é, porventura, um resultado do clima; é o typo enervado, preguiçoso, que prefere um bom sol amigo a toda e qualquer preocupação, que o possa incommodar ou massar. Reparem em Veneza, em Genova, em Livorno, em Civita-Vecchia, e em geral em todas as cidades, que teem portos de mar, e vejam se lhes não apparece essa estranha entidade, — um typo bronzeado, espreguiçando-se, como gato, pelas amuradas dos caes, ou sentado e deitado pelos bancos dos passeios!

O napolitano é alegre, ruidoso, despreoccupado do mundo, cantando e rindo sempre, correndo, divertindo-se, bebendo e comendo, vivo, animado, bulhento. É o contrario do romano, que é misantropo, desconfiado, soturno. Mas é que em Roma ha o Vaticano, e, se exceptuarmos os papas Sixto V, Julio II e Leão X, todos os outros contribuíram para fazer do catholicismo a religião hypocrita, triste, odienta e vingativa, que, por muito tempo, dividiu a familia romana em guelfos e gibellinos.

Uma cidade que se parece alguma cousa com Napoles, pela sua alegria, pela sua belleza, pela sua vivacidade, é Genova, a patria de Christovão Colombo e de Mazzini.

A democracia conta, em Genova, grandes e poderosos elementos, estando representada por uma boa maioria no municipio, e tendo tambem, na camara, dois representantes, um mazzinista e outro operario. É ali que vive o general Canzio, o velho compa-

nheiro de Garibaldi, e é ali que Mazzini deixou os seguidores da sua grande obra de patriotismo e de desinteresse.



De Genova sigo para Nice por Monaco e Monte-Carlo. Estou nos Alpes marítimos. Não ha nada superior no mundo. Estou n'uma cidade franceza com todos os encantos do Oriente. É no cemiterio de Nice que está o tumulo de Gambetta. Corro a visitá-lo com o mesmo recolhimento sagrado com que, em Paris, visitei a casa de Hugo.

Em Nice nasceram tambem Massena e Garibaldi.

Sigo á borda do Mediterraneo, e encontro-me em Cannes, a *Madeira da França*, e no Cannet, o logar privelygiado de Victorien Sardou e da celebre tragica Rachel, que ali foi expiar as suas dôres e as injustiças do mundo, e S. Raphael, o paraizo cantado por Alphonse Karr, e diviso, ao longe, as formosas ilhas de Santa Margarida e de Santo Honorato, celebres desde Napoleão I, que, duas vezes, por lá passou. Foi da ilha de Santa Margarida que se evadiu o general Bazaine, e foi ali que esteve preso o mysterioso *mascara de ferro*, que diziam ser irmão de Luiz XIV.

Nunca na minha vida senti impressão egual áquella que tive ao atravessar os Alpes marítimos — nem na Suissa, no Monte Branco; nem nos Pyreneus, em Pau; nem no Monte Cenis ou em S. Gothardo.

Encontro-me finalmente em Marselha, na patria de Mery e do snr. Thiers!

bibRIA



XII

O REGRESSO

BURGOS. — VALLADOLID. — D. JOSÉ MUÑOZ. — TALADRIZ. — MANUEL E RAFAEL ORTIZ. — DAMIAN MARTINEZ. — O MEETING NO THEATRO CALDERON. — LA REVANCHA. — MADRID. — LISBOA.



O DON de Buen'tinha-me pedido, para eu não deixar de parar em Valladolid, na minha passagem para Lisboa. Mas o que estava longe de supôr é que tambem em Burgos havia de ter acolhida tão sympathica e generosa por parte dos seus valentes e honrados habitantes. Centenares de pessoas aguardavam na estação a minha chegada, aos gritos de *Viva Portugal!*
Viva a federação!

Burgos, a capital de *Castilla la Vieja*, passa por ser a patria do Cid. É ali que se encontram os seus restos, a sua casa e o seu monumento. Diz assim a inscrição: «Era aqui o logar onde existiu a casa em que nasceu, no anno de 1026, Roberto Diaz de Vivar, chamado o *Cid Campeador*, que morreu em Valença em 1099, sendo o seu corpo transportado para o mosteiro de S. Pedro de Cardena, proximo d'esta cidade.»

Com razão, observa Edmondo de Amicis, que já-mais guerreiro lendario foi mais querido do seu povo, do que este terrivel Rodrigo Diaz de Vivar. A poesia fez d'elle um semi-Deus. A sua gloria vive no sentimento nacional dos hespanhoes, como se elle tivesse existido, não ha oito seculos, mas ha oito annos apenas. O poema heroico que corre com o seu nome é o primeiro monumento da poesia hespanhola, e é ainda a obra mais accentuadamente nacional da sua litteratura.

Ruiz Zorrilla possui grandes e vastas propriedades nas proximidades de Burgos, e sua esposa ainda ali tem uma parte da sua familia.

*
* *

Não me cabe a mim fallar da recepção, mais que entusiasta e imponente, que me dispensaram em Valladolid. Cedo, porisso, a palavra ao periodico *La Revancha*: «Ha já muitos annos que a nossa capital não realisava um acto de tanta importancia e trans-

cendencia politica, como foi a manifestação, feita pelos partidos republicanos ao eminente propagandista lusitano, que acaba de honrar-nos com a sua visita.

«Muito antes da chegada do *Sud-express*, já a estação e suas immediações se achavam apinhadas por numerosa e compacta multidão, que ia engrossando a cada momento, e que era composta de individuos de todas as classes sociaes, de todas as edades e de ambos os sexos.

«Quando o trem chegou, a estação foi invadida por uma verdadeira avalanche humana, sendo impossivel dar um unico passo. Um enorme applauso, atroador e espontaneo, substituiu o ruido do trem que acabava de parar.

«O illustre viajante foi recebido pelo decano da democracia federal D. Lucas Guerra, o deputado republicano D. José Muro, os nossos queridos confrades D. Manoel e Rafael Ortiz, Alvarez Taladriz, Damian Martinez, D. Emilio Garcia, Eguiluz, Diez (D. Eleuterio) e outros.

«A manifestação foi crescendo extraordinariamente, ao ponto de ser incalculavel o numero dos manifestantes, quando o cortejo chegou á rua de Obispo, á redacção da *Revancha*, onde se hospedou o snr. Magalhães Lima. Acompanhava-o o snr. João Jacintho Fernandes, rico negociante de Lisbôa, cavalheiro de trato afavel e distincto, de rara penetração e conhecimento do mundo.»



Valladolid, a *rica*, como lhe chama Quevedo, é uma das cidades de Hespanha mais dignas de serem visitadas, pelas suas tradições, pelo seu nome e pelo character especial dos seus habitantes. Gongora, Cervantes, Leonardo d'Argensola e todos os grandes poetas e sabios e historiadores hespanhoes ali viveram no tempo da côrte da monarchia. E, por singular contrastê tambem, é hoje Valladolid uma das cidades mais accentuadamente republicanas d'aquelle grande e valoroso paiz, como se quizesse provar e demonstrar, por esse mesmo facto, quanto vão mudados os tempos, desde a era nefasta dos Filippes até á era gloriosa das actuaes liberdades.

O grande *meeting*, realisado no theatro de Calderon, em honra de Portugal e presidido por D. Lucas Guerra, foi uma prova eloquentissima do modo como os republicanos de Valladolid comprehendem a solidariedade politica e apreciam a generosidade das ideias e a coherencia dos principios.

Depois do presidente ter feito a minha apresentação, fallaram, no meio do mais vivo e ardente entusiasmo, os snrs. Zapatero e Cernuia e Pinedo, como representantes da *Juventude republicana*; Manoel Ortiz; Herrero; Taladriz; Blanco; D. José Muro e o author d'estas linhas.

Manoel Ortiz é um moço de vinte e seis annos, advogado distincto e orador eloquentissimo. É dotado de uma distincção e de um cavalheirismo, que só pôde encontrar-se egual em seu irmão D. Rafael, a quem aqui tributo e faço publico o meu profundis-

simo reconhecimento, pelo modo amigo, carinhoso e delicadissimo, porque fui tratado e honrado em sua casa.

Taladriz é outro advogado. Do seu valor intellectual e da sua pujança, como orador, pôdem fallar os que tiveram o prazer e a felicidade de o ouvir, n'um banquete, realizado no salão do theatro de S. Carlos, por occasião do congresso juridico.

Chamam-lhe, no seu paiz, o *Gambetta* hespanhol. Possui uma formosa cabeça, com longos cabellos, castanhos e fartos, e uma barba até ao peito, lembrando, á primeira vista, a physionomia marcial dos antigos reis da peninsula.

É torrencial quando falla. Em Manoel Ortiz tem um concorrente temivel, pela espontaneidade, energia e frescura, com que sempre falla e arrebatá o auditorio, quer nos tribunaes quer nos comicios.

D. José Muro é o verdadeiro orador moderno, sem grandes phrases, nem artificios de rhetorica, mas sempre elevado, correcto e magistral, nas suas palavras e nas suas apreciações. É um modelo no genero, pela lucidez com que expõe e pela illustração com que discute e esgota os assumptos.

D. José Muro foi ministro da justiça no tempo da Republica. Um dos seus primeiros actos foi mandar retirar o embaixador hespanhol que estava em Roma, junto do Vaticano. É hoje o *leader* do grupo progressista, no congresso. Propagandista pelo facto e pelo argumento, Muro é uma das individualidades mais dignas do partido republicano hespanhol.

Entre os muitos amigos, que rivalisaram em galhardia e gentileza, para me serem agradaveis, seria ingratição não mencionar Alejandro Rueda, federalista consequente, Cantalapiedra, Eguiluz, D. Emilio Garcia, o sympathico e honrado professor, tão atrahente pela sua bella physionomia expansiva, como pela sua dedicação republicana, director da *Revancha*, e Damian Martinez, a quem devo as provas do mais puro e sincero affecto, e a quem, principalmente, devo tambem a honra immarcessível de ter visitado Valladolid.



«Não ha duvida—disse eu—que Portugal e Hespanha são dois povos irmãos: são os factos de todos os dias que o provam e demonstram.

«Por occasião dos terremotos da Andaluzia, a alma portugueza derramou sobre as victimas da horrorosa catastrophe as flôres mais ternas e delicadas do seu affecto e da sua grande e immensa dôr; por occasião do incendio do theatro Baquet, do Porto, a alma castelhana, como se fôra um ecco d'aquella outra alma, sua irmã, repercutiu o mesmo sentimento de dôr e de caridade.

«Mais tarde veio a tremenda catastrophe moral do tratado com a Inglaterra, que trouxe ao meu paiz dias de luto e de angustia acerba.

«Os estudantes de Salamanca e de Madrid, n'um arranco de nobre enthusiasmo, declararam aos seus irmãos da nação visinha, que, se fosse necessario,

transporiam a fronteira para vir defender com elles a nação, injuriada pela insolencia britanica.

«Tudo isto prova que um mesmo coração vibra e palpita nos dois povos irmãos.

«O futuro é da federação, repito-o mais uma vez. Todos os paizes da Europa caminham para a realisação d'este grande e supremo ideal: a Inglaterra, como a Belgica e a Hollanda, como a Italia, como a Noruega e Suecia, como a propria Austria e a Allemanha.

«Deante do perigo que ameaça a democracia, o verdadeiro protesto está na solidariedade dos povos. É porisso que os republicanos não pôdem nem devem, n'este momento, dividir-se em seitas e escolas.

«O principio republicano attinge com a federação o seu maximo grau de perfectibilidade e de progresso. Assim o comprehendem os eminentes publicistas Latino Coelho e Theophilo Braga.

«Em Portugal foi Henriques Nogueira o primeiro a conceber esta doutrina, como vaga aspiração da democracia na peninsula. O seu nome ainda hoje é invocado, como lemma da bandeira republicana no meu paiz.

«Encontrando-me, ha annos, em Madrid, com o velho general Souza Brandão, este disse-me que estava n'aquella cidade em commissão do governo, por causa da linha ferrea de Malpartida e que tinha accitado a incumbencia do ministro por julgar, com ella, servir o seu paiz e as suas ideias.

«A mocidade das escolas accita com enthusias-

mo a federação peninsular, desde que a Republica esteja proclamada em um e outro paiz. Uma unica cousa se oppõe a ella—o interesse dynastico. Mas a dynastia representa o privilegio de uma familia, em opposição aos interesses da nação.

«Relanceando os olhos pelo velho mundo, que vêmos?

«Vêmos a força, opprimindo o direito, erigida em maxima; vêmos a Europa egoista, carregando-se, hoje mais do que nunca, de soldados e exercitos e metralhas e canhões; por toda a parte o trabalho e a sciencia applicados á destruição humana.—Tal é o espectáculo!

«Olhae, porém, para o novo mundo.

«Os Estados Unidos, finda a guerra, venderam os seus navios, recolheram as armas aos arsenaes, e reenviaram para a officina, para o escriptorio e para a charrua aquelles milhões de homens, que tão denodadamente haviam combatido pela patria.

«Eis o exemplo! Eis a lição!

«Assegurar o reinado da democracia na Europa é assegurar o reinado da paz e da fraternidade.

«As *generosas utopias* de Henrique IV, do abba-de Saint Pierre, de Kant, de Mazzini, de Garibaldi, de Victor Hugo e de tantos outros philantropos constituem hoje uma aspiração nobilissima para todos os sabios e poetas e jornalistas e serão amanhã uma bella e gloriosa realidade.

«Applaudo-me pois, por vêr reunidas esta noite todas as *nuances* do partido republicano hespanhol,

unidas e confundidas n'um só pensamento, e faço votos ardentes, para que todos os republicanos, n'um e n'outro paiz, cumpram, em breve, o seu dever e compreendam a sua missão.»



Valladolid é a terra do frio e das pneumonias, dizem. E, na verdade, não me recordo nunca de ter sentido um frio mais rigoroso e intenso do que aquelle que supportei na noite em que fiz o trajecto de Valladolid a Madrid!

Encontro-me de novo, na capital de Hespanha, e aproveito o pouco tempo que me resta para abraçar os meus amigos.

Chego a Lisbôa no 1.º de Dezembro, depois de cinco mezes de ausencia. Não posso nem devo volver a fallar aqui na recepção, mais que entusiastica e calorosa, que me foi feita á minha chegada. E se assignalo novamente o facto, não é senão para agradecer ainda uma vez a esses milhares de republicanos dedicados a amizade com que me quizeram honrar, acompanhando-me, desde a estação até á redacção do *Seculo*, aos gritos de: *Viva o partido republicano! Viva a patria! Viva a França! Viva a Hespanha! Viva a federação latina!*

bibRIA

AO LEITOR

NOTA

A distancia a que o auctor se achava da impressão d'este livro fez com que se não podessem evitar alguns erros, que o leitor facilmente desculpará e emendará, como, por exemplo, a pag. 46, onde se lê: *do municipio madrileno demittido por contrabandistas*, que deve lêr-se: *demittido por contrabandista*, etc.

Egualmente nos cumpre notar que, á hora em que escreviamos, ainda era vivo o deputado inglez Bradlaugh, o Danton da Inglaterra, na phrase consagrada pelo publico, e Crispi conservava tambem o poder na Italia.

bibRIA

INDICE

A MINHA PROPAGANDA

Caracter internacional da politica moderna. — O interesse dynastico e o interesse popular. — A situação da Europa. — As raças do norte e a raça latina. — O perigo que correm, na actualidade, as pequenas nações. — Affirmação do principio federativo pela necessidade da paz. — A triple alliança e a federação latina. — A solidariedade dos reis e dos imperadores é indispensavel oppôr a solidariedade dos povos. — Allianças. — A federação iberica i

CAPITULO I

EM MADRID

Os meus companheiros de viagem. — Chegada. — A crise do ministerio Sagasta. — O banquete do Casino progressista: — O dr. Esquerdo — O marquez de St.^a Martha — La Hoz — Ramon Chiés e Demofilo — Vera y Gonzalez — Nackens — Os deputados Gil Sanz e Castilla — Ginard de la Rosa. — No Buen Retiro: — Madame de Rute — Romero Robledo. — O Banquete da minoria do congresso: — Salmeron, Labra, Azcarate, Marianno Araus, Miguel Moya, Antonio Luiz Carrrión. — Em casa de Castelar. — Madame Buschentall — Lopez Dominguez. — D. Francisco Pi y Margall.

CAPITULO II

DE PASSAGEM POR PARIS

O 14 de julho. — Amilcare Cipriani. — Manoel Ruiz Zorrilla. — Recordações: — A Exposição. — Benoit Malon. — Louise Michel. — O conselho municipal. — A Bolsa do trabalho. — Pasteur e o seu instituto. — A festa dos operarios portuguezes. — O congresso dos livres pensadores. — Cesar de Paepe. — O museu das Religiões. — Victor Hugo e Gambetta 49

CAPITULO III

EM LONDRES

O que vi e o que ouvi. — A politica: — Lord Salisbury, Gladstone, Parnell, Bradlaugh, John Burns. — O Socialismo. — O egoismo britannico. — Distincções sociaes. — Orgulho nacional. — A realza. — A assistencia publica e a iniciativa individual. — A imprensa. — Work-houses. — O exercito de salvação das almas. — O soldado, a justiça e a policia. — O park inglez . . . 73

CAPITULO IV

PELA ESCOCIA

Edimburgo. — A paizagem escoceza. — O lago e a montanha. — Recordações da Suissa. — O lago dos Quatro Cantões. — A constituição federal. — Parallelos. 99

CAPITULO V

NOVAMENTE EM PARIS

Interviews.—Crawford.—O banquete da União Mediterranea.—Gromier.—A reunião do Café Riche.—Augusto Vacquerie e Camillo Pelletan.—Jornaes e jornalistas.—A propaganda contra o tratado.—O triumpho de Portugal e do partido republicano portuguez . . . 107

CAPITULO VI

A BELGICA

O tratado anglo-portuguez e os belgas.—A Maison du Peuple.—A cooperativa Vooruit, de Gand.—A organização do partido operario socialista.—O seu programma.—Luiz Bertrand e Ancelle.—A realeza.—A situação mineira.—A questão do pão.—O carvão. 125

CAPITULO VII

A HOLLANDA

Aspecto geral.—A futura federação dos Paizes-Baixos.—A questão religiosa.—A instrucção, a educação e a iniciativa individual.—A realeza.—Pedro, o Grande, da Russia.—Colonias agricolas e industriaes.—O trekscuit e a gondola.—Kermesses.—A patinagem.—O moinho de vento.—O taret . . . , . . . , 139

CAPITULO VIII

DE VOLTA A PARIS

- A nova revista internacional « Matinées Espagnoles ». —
 M.^{me} Séverine. — Alfredo Naquet. — O Rappel. —
 Vacquerie. — Charles Bos. — O Petit Marseillais. —
 Izidore Aurio. — Ernesto Garcia Ladevese 151

CAPITULO IX

O BRAZIL

- 15 e 18 de Novembro. — O Banquete commemorativo do
 primeiro anniversario da proclamação da Republica. —
 Os seus promotores. — Gabriel de Pisa. — O banquete
 em honra de Garibaldi e o brinde ao Brazil. — O dr.
 Teixeira de Sousa. — Olavo Bilac. — José do Patrocí-
 nio. — Lopes Trovão. — Gaspar da Silva. 173

CAPITULO X

EM BARCELONA

- A cidade. — Commercio e industria. — Movimento asso-
 ciativo e livre-pensador. — Republicanos e socialistas.
 A imprensa. — O futuro de Barcelona. — Salas Anton
 e Odon de Buen. — O meeting em favor de Portugal.
 — A inauguração do Casino do Centro Republicano.
 O banquete da Maçonaria. — A partida 187

CAPITULO XI

A ITALIA

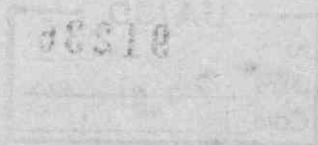
Turin. — O monumento commemorativo da perfuração do Monte Cenis. — Victor Manuel. — Cavour. — Garibaldi e Mazzini. — Milão. — Cavallotti. — Leonardo de Vinci. — O partido radical. — Veneza. — O palacio dos doges. — Nem sol nem lua. — A quatro horas da Austria. — Florença. — Savonarola e Giordano Bruno. Os Medicis. — Roma. — O papa e os livres-pensadores. — Aurelio Saffi. — Imbriani. — O irridentismo. — Albani. — Fratti. — Andréa Costa. — Napoles. — Mazzaniello. — Bovio. — O lazzaroni. — Genova. — O general Canzio. — Os Alpes Maritimos. — O Mediterraneo. — Marselha 201

bibRIA

CAPITULO XII

O REGRESSO

Burgos. — Valladolid. — D. José Muro. — Taladriz. — Manoel e Rafael Ortiz. — Damian Martinez. — O meeting no theatro Calderon. — La Revancha. — Madrid. — Lisboa 223





Antiqualha d'Aveiro

Trastes e cacos

Alfarrabista

Antiqualha d'Aveiro

PELA PATRIA

E

PELA REPUBLICA



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO



91236



PELA PATRIA
E
PELA REPUBLICA

POR

S. DE MAGALHÃES LIMA

COM O RETRATO DO AUTHOR
E UM PREFACIO DO EMINENTE PUBLICISTA

J. M. LATINO COELHO



PORTO

CASA EDITORA ALCINO ARANHA & C.^a

91 a 95, Rua do Bomjardim, 91 a 95

FILIAL EM LISBOA

75, Rua dos Retrozeiros, 75



A

J. J. DA SILVA GRAÇA

bibRIA



ESTE livro pôde, talvez, ter o defeito de ser demasiadamente pessoal. Mas é escripto com a lealdade, a sinceridade e o desassombro que sempre teem caracterisado todos os meus actos. Porisso lhe pertence. A v., ao seu honrado character, e á sua cooperação sincera e desinteressada, devo uma boa parte dos meus successos politicos. Receba pois, e conserve esta pequena offerta, como a expressão do meu mais profundo reconhecimento pela sua generosa amisade e o sentimento de solidariedade politica e moral que ha muito nos aproximou e uniu.

Magalhães Lima.



As mesmas leis geraes, que presidem aos phenomenos do universo physico, regem igualmente os do mundo social.

A humanidade e o « Kosmos » são duas manifestações da mesma ideia fundamental.

Assim como vemos na maravilhosa machina do mundo, os corpos celestes congregarem-se pela attracção em systemas, sem que por isso deixem de conservar a independencia compativel com a ligação e a harmonia, assim tambem as sociedades humanas de diversas ordens tendem forçosamente para se colligarem entre si pela attracção moral. Mas nem os individuos perdem necessariamente a

liberdade, nem as associações elementares se diluem inteiramente na massa de superiores associações e n'ellas se conservam confundidas sem a sombra sequer da independência e autonomia.

A terra e os demais planetas percorrem os espaços infinitos, seguindo as curvas, que lhes são traçadas fatalmente pela lei da attracção universal. Mas nenhum d'elles se confunde e unifica totalmente com os restantes, nem deixa de constituir um systema individual.

A justa conciliação do principio da independência com o principio da associação, determina a unidade e harmonia do «Kosmos» e deve igual-

mente produzir na humanidade a ordem, a paz, a segurança, a liberdade, e a harmonia social.

A natureza é a grande mestra dos homens. Seguil-a nos seus preceitos e imital-a nos seus processos, é a primeira condição de todo o progresso humano. O perpetuo movimento é a suprema lei da natureza. A continua e regrada transformação é também a norma da humanidade.

Os que julgam as sociedades politicas inexoravelmente condemnadas á immobildade, ultrajam ao mesmo passo o homem e a natureza.

Suppunhamos que por um milagre cosmico a terra se desprendia do systema planetario e abju-

ando a benéfica alliança com o sol vivificador, se resolvia a fazer sem companheiros a sua jornada aventureira pelos páramos celestes. A fôro de reivindicar a sua completa independencia, de assegurar a sua propria individualidade, viria pelo contrario a correr pressurosa á sua ultima ruina. Sem os influxos benéficos do sol, fonte e manancial da luz e do calor, a vida seria apenas uma saudosa tradição, onde agora está viçando a desentranhar-se em multiformes e maravilhosas producções de plantas e de animaes.

A terra contentaria a sua vaidade, assumindo a plena soberania. Mas a desoladora esterilidade

seria a justa pena de se haverem infringido as leis eternas. No seu divagar sem rumo, nem regulador pelas regiões do espaço, poderia, embatendo improvisamente n'algum corpo celeste de enormes dimensões, voar em pedaços, e perder completamente a existencia individual.

Consideremos agora uma nação pequena que pretenda isolar-se de todo o ponto e retrair-se orgulhosamente nas suas tradições. Em volta d'ella gravitam nações poderosas, collossaes, inspiradas no amor insaciavel de ampliar sem limite as suas fronteiras e de estender pela insidia ou pela força o seu dominio.

Que triste não será a condição de um pequeno

povo, que *vegeta* pobremente no meio de Estados omnipotentes! Restar-lhe-ha por escudo a justiça e a razão. Terá a defendê-la o direito internacional. Frouxissima defesa na verdade. A justiça não é nada, sem um tribunal e juizes, que austera e imparcial a administrem; sem a Força, que torne executorias as decisões judiciaes.

Onde está, porém, na Europa o código de leis, que obrigue as nações poderosas a respeitar as mais fracas e decadentes? Onde o supremo tribunal, que o applique? Onde o braço, que force os potentados ambiciosos e violentos a submeter-se á lei e á justiça?

Apesar de todas as maravilhosas invenções,

com que a sciencia tem contribuido a apertar os vinculos da fraternidade humana, a despeito de todas as instituições internacionaes, que tornaram menos vivas as côres sinistras, com que se debuxam no mappa as fronteiras dos Estados, ainda a guerra latente, encoberta n'esta ruिनosa hypocrisia, que se chama a « paz armada » é a condição habitual nas relações das potencias europeas.

Cada povo para viver seguro da sua independencia e precatado contra a insolencia de um poderoso, tem de consumir esterilmente em armamentos collossaes o que ha de melhor na sua riqueza, de mais fecundo no seu lavor industrial. Dentro de cada

povo é necessario que viva, sequestrada a todo o trabalho productivo, esta nação em armas, que tem nome de «exercito permanente». Com a paz armada as nações grandes exhaurem-se com a vaidosa perspectiva da gloria e da conquista. As nações pequenas arruinam-se sem outra esperança mais que a sujeição ao arbitrio das que cifram o direito e a justiça no seu incontrastavel poderio.

Attentemos no que succede em Portugal. Sômos um Estado autónomo, independente, orgulhoso das memorias gloriosas e do brilhante contingente, com que por nossas maritimas aventuras contribuimos para a civilisação universal. Pois bem. Levanta-se

n'um momento de cubiça exacerbada a nossa «alliada» immemorial, a Inglaterra, e estampa na frente do caduco Portugal o stygma de uma cobarde e brutalissima intimação. Que recursos restam a este povo pequeno, pobre, decaído, para vingar a sua affronta e reprimir a audacia do flibusteiro? Invo-cará o montante de D. João I, a hacha de armas do condestavel, o ferro de Vasco da Gama, a espada de Affonso de Albuquerque, o patriotico estro de Camões, adejando como genio tutelar sobre as lastimas da sua gente? Mas os heroes dormem nas suas cryptas, e repousam como guerreiros, que já fizeram o seu dever na propria occasião.

Appellará para as grandes potencias exorando o seu auxilio, a sua commiserção? Mas as grandes potencias do alto do seu egoismo sentimental, limitar-se-hão a deplorar o destino da nação inerte e deixa-la-hão entregue á generosa clemencia do arrogante vencedor.

Qual é pois o remedio a este desamparo? Não ha outro senão a intima alliança com povos da mesma origem, da mesma indole, de igual temperamento nacional, cujas affinidades sejam manifestas, cujos interesses sejam enlaçados ou communs.

As nações vivem hoje no estado de natureza, como os homens que não constituíssem sociedade.

O direito do mais forte é em ultima analyse o arbitro supremo nos litigios internacionaes. Os tribunaes para dirimir as pendencias de povo contra povo, são os couraçados, os juizes são os canhões. Mas as nações pequenas e decadentes não possuem nem canhões nem couraçados. A sua sorte só a podem confiar á misericordia dos poderosos. É humilhante e sobre ignominioso, inefficaz.

A associação, a federação com os povos seus affins é o recurso mais proficuo para vindicar a sua honra e manter a sua integridade.

Não é hoje permittido ás nações serem pequenas, fracas, isoladas. A tendencia incontestavel

d'este seculo inclina-se toda para as grandes e poderosas nacionalidades. Crescer e ampliar-se é irresistivel nos individuos e nos povos. A historia desde os seus primordios mais longinquos aponta para esta lei. Ahi temos para o comprovar as monarchias despoticas do Oriente na antiguidade. Ahi a Grecia com as suas republicas affundidas na onda das conquistas macedonias. Ahi a republica romana, tornando Roma um synonymo de todo o mundo conhecido. Ahi o imperio de Carlos Magno e as tentativas da sua resurreição sob o sceptro de Carlos V, e o gladio napoleonico.

Dilatavam-se outr'ora as fronteiras dos Esta-

dos, arredondavam-se as poderosas nacionalidades pela força, pela oppressão, pela conquista. A liberdade refugia d'alli horrorisada, porque os alicerces de todas essas desnaturaes edificações estavam cimentados com as lagrimas e o sangue de miseras e escravizadas povoações. Hoje devem crear-se as grandes associações internacionaes pelo sincero accordo, pela voluntaria estipulação, pela equiponderação equitativa dos direitos e deveres.

As grandes nações surgiam á voz de um monarcha ambicioso e conquistador. Hoje devem nascer tendo por inspiração a liberdade. Devem erigirse como a União Americana, pela espontanea fe-

deração de repúblicas autónomas, porém ligadas pela commun solidariiedade nos seus mais altos interesses nacionaes.

A confederação dos povos latinos, quando venha a effectuar-se, abrirá uma era nova na historia da humanidade. A paz armada ha-de ceder o seu lugar ás relações pacificas pelo direito e pela razão.

É porisso e em nome d'essa idéa altamente humana, civilisadora, destinada a transformar radicalmente a situação da Europa, que saúdo com a mais entranhavel cordiadiidade o livro de Magalhães Lima, a que estas linhas servem de prefacio. Com a sua palavra incisiva, imaginosa, eloquente, com o

seu bellissimo talento, ainda mil vezes accrescido com a fervorosa convicção da sua alma entusiasta, o nosso excellente amigo advoga a necessidade imperiosa de instituir a federação republicana dos povos latinos, como o preambulo á confederação geral da Europa civilisada, e como preparação para que um dia possa realisar-se o sonbo dos philosophos, e a utopia dos videntes, a fraternidade humana, que hoje tem por seus mais implacaveis inimigos, o egoismo das monarchias, o despotismo da tradição e o preconceito das inconscientes multidões.

J. M. LATINO COELHO,